HOLY COW

UMA FÁBULA ANIMAL



DAVID DUCHOVNY

ASTRO DA SÉRIE ARQUIVO X

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DAVID DUCHOVNY

HOLY COW

UMA FÁBULA ANIMAL

Tradução de
RENATA PETTENGILL

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D888

Duchovny, David, 1960-

Holy cow [recurso eletrônico] : uma fabula animal / David Duchovny ; tradução Renata Pettengill. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.

recurso digital

Tradução de: Holy cow: a modern-day dairy tale

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10750-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pettengill, Renata. II. Título.

16-30020

CDD: 028.5

CDU: 087.5

TÍTULO ORIGINAL: HOLY COW

Copyright © 2015 by King Baby, Inc.
Copyright das ilustrações © 2015 by Natalya Balnova

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10750-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br

e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções.
Atendimento ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



EDITORA AFILIADA

Para West e Miller

E Blue e George e Black e Joe
e Patty e Delilah

A diferença mental entre o homem e os animais
superiores, por maior que seja, certamente é de grau,
e não de tipo.

— CHARLES DARWIN

SUMÁRIO

1. PERMITA QUE EU ME APRESENTE
2. UMA FÁBULA LÁCTEA
3. O EVENTO
4. A PORTEIRA ABERTA
5. DO OUTRO LADO DA PORTEIRA
6. HORA DA AÇÃO
7. M&®D@!!!
8. UM DESTINO ALTERNATIVO
9. O DEUS CAIXA
10. EU ACORDO
11. OS PÁSSAROS E AS ABELHAS
12. UNCOMFORTABLY NUMB
13. BLACK DOG
14. MÃE
15. UM PEDIDO DE DESCULPAS
16. FREE BIRD
17. UM MUNDO IDEAL
18. ÍNDIA
19. OPERAÇÃO ÍNDIA
20. BABE, I'M GONNA LEAVE YOU
21. E LÁ VAMOS NÓS: TURQUIA
22. UM INSTANTE
23. PARTIR É MUITO DIFÍCIL
24. MANCHETE: VACA PULA SOBRE A LUA
25. SHALOM ROUBA A CENA
26. VACA DO CAMPO, VACA DA CIDADE
27. REDUTO *KOSHER*

28. THE FIRST CUT IS THE DEEPEST
29. UM TIQUINHO DE NADA DA PONTA
30. VOANDO COMO UMA ÁGUIA, OU UM ESQUILO
31. UM CASO TERMINAL
32. CÃO MORDE PORCO
33. ECONOMIA PORCA
34. O VOO DA AVE QUE NÃO VOA
35. ISTAMBUL É CONSTANTINOPLA
36. TURQUIA: TÔ DENTRO, TÔ FORA
37. PARA O ALTO E AVANTE
38. ENTRETENIMENTO A BORDO
39. UM PORCO NA TERRA PROMETIDA
40. ANOTHER BRICK IN THE WALL
41. SEUS PÉS (DE PORCO) JÁ CAMINHARAM NO PASSADO...
42. O CAMELO PRÊMIO NOBEL
43. MOHAMMED'S RADIO
44. MUMBAI, MON AMOUR
45. ELSIE SINGH
46. A DEUSA DE CHOWPATTY
47. VOLTANDO PARA CASA
48. E AGORA, VACA?
UMA NOTA DO *COW*-AUTOR
AGRADECIMENTOS

1

PERMITA QUE EU ME APRESENTE

A maioria das pessoas acha que as vacas não pensam. Oi. Peraí que vou reformular essa frase: a maioria das pessoas acha que as vacas não pensam, e que não têm sentimentos. Oi, de novo. Eu sou uma vaca, meu nome é Elsie (é, eu sei). E isso não é conversa pra boi dormir. Viu? Nós pensamos, sentimos e fazemos graça, a maioria de nós, pelo menos. Minha tia-avó Elsie, de quem herdei o nome, não tem o menor senso de humor. Nenhum. Zero. Ela não gosta nem de piada de seres humanos fazendo coisas idiotas. Como aquela dos dois caras que entram num celeiro... Ei, pode ser que eu não tenha muito tempo aqui, não posso perder o foco.

Só estava tentando esclarecer algumas coisas. Vejamos... ah, é, como estou escrevendo isso, você pode estar se perguntando, quando não tenho dedos? Não consigo segurar uma caneta. Acredite, já tentei. Não dá. Não que tenha muita caneta dando sopa por aí, com todos esses computadores e tal. Mas mesmo pensando, sentindo e sendo engraçadas, nós não falamos. Pelo menos não com os seres humanos. Temos o que vocês, pessoas, chamam de "tradição oral". Histórias e ensinamentos são passados de mãe vaca para filha bezerra, e de geração em geração. Do mesmo jeito que vocês receberam suas *Odisseias* e suas *Ilíadas*. Por meio de trovas, até. Foi mal por

bombardear você com esses nomes difíceis. Homero. Bum. Pode deixar que eu espero enquanto você pega essa.

Todos os animais se comunicam através de alguma espécie de grunhido, piado, latido e berro, um tipo de esperanto universal e animalesco: leão com cordeiro, pássaro com cachorro, alce com gato — só que, na boa, quem iria querer jogar conversa fora com um gato? Muito narcisistas, eles. Mas a gente, o reino animal, não temos palavras nem o que vocês chamam de idioma. E, sim, eu sei que acabei de assassinar a gramática, só fiz isso para enfatizar. Não sou marsupial. Os marsupiais são famosos por sua incapacidade de aprender as regras gramaticais. (Já tentou conversar com um canguru? Quase não dá para entender nada, nem se você conseguir decifrar aquele sotaque, *mate*.) E quem faz a menor ideia do que diabos os peixes tanto falam? Mas estou divagando. Isso é muito bovino da minha parte. Divagar e digerir. É o que fazemos de melhor. Nós, vacas, temos tempo de sobra para ruminar, nos dois sentidos. Ficamos de quatro, pastamos, conversamos, às vezes achamos um bloco de sal para lamber. E tudo bem.

Bom, pelo menos *estava* tudo bem. Até uns dois anos atrás. Que é quando a história que vou contar basicamente começa. Até aquele momento, minha vida era bucólico-pastoril. Nasci numa pequena fazenda na região norte do estado de Nova York, nos Estados Unidos. O clã Bovary tem vivido lá desde o início dos tempos. Minha mãe, a mãe da minha mãe, e a mãe da mãe da mãe dela etc. Nas famílias bovinas os pais são praticamente ausentes. O meu, Ferdinando (é, eu sei), aparecia de vez em quando, e imagino que tenha sido assim que ganhei meus irmãos e irmãs. Mas, na maior parte do tempo, os garotos são mantidos afastados das garotas. Eles gostam de encarar a gente do outro lado da cerca. Isso me dá arrepios às vezes, para ser sincera. É como se os garotos fossem de uma espécie diferente, mas quem sou eu para julgar. Se teve uma coisa que aprendi nos últimos dois anos foi a não julgar. Acho que o que estou

querendo dizer é que, desde os primórdios da civilização, meninos e meninas têm sido mantidos a distância, por isso a gente não espera nada diferente. É a vida, então não vivo desejando que meu pai estivesse aqui.

Os seres humanos nos adoram. Pelo menos era isso o que eu achava, o que todas nós achávamos. Eles amam nosso leite. Agora, pessoalmente, acho meio esquisito beber o leite de outro animal. Você não me vê indo até uma cidadã humana que acabou de dar à luz e perguntando: "E aí, moça, posso tomar um golinho?" Estranho, né? Nem pensar. É meio nojento até. Mas é por isso que vocês gostam tanto da gente. O bom e velho leite. *Leche*. Cada qual com seu cada qual, acho. E nós, meninas, crescemos sabendo que todo dia de manhã o fazendeiro vai aparecer e nos ordenhar. O que é um certo alívio, porque ficamos inchadas, e é boa a sensação de voltar a se sentir esbelta e elegante depois de uma bela ordenha. Pois é, nós nos preocupamos com a aparência. E não gostamos de quando vocês, pessoas, acham que uma mulher é gorda e chamam a coitada de vaca. E os porcos não ficam muito satisfeitos com toda essa história de "espírito de porco", e as galinhas também ficam chateadas com o xingamento de "sua galinha" (o que bem lá no fundo me dá uma certa satisfação, porque os galináceos são o maior pé no saco que Deus já criou).

Ah, é, nós acreditamos em Deus. Que, na verdade, é uma vaca. Só que não. Assustei você, né? Mas acreditamos mesmo que alguma coisa tenha sido responsável pela criação de todas as coisas no mundo — todos os animais, animálculos, plantas, rochas e espíritos. E se esse algo Criador é uma vaca, um porco, uma pessoa, ou uma ameba, nós não sabemos, e não estamos nem aí. Nós simplesmente acreditamos numa força por trás da vida e da criação. O conceito mais próximo disso que as pessoas têm é a Mãe Terra. Mas é apenas uma aproximação. E nós não só acreditamos nessas coisas, nós sabemos. Está em nossos ossos e nos ossos de nossos ancestrais que jazem na fazenda do velho Macdonald, em algum lugar.

Cara, que vaca divagante eu sou. Você vai ter de se acostumar. Homero

também era um bocado divagante, não era? Então tenho um precedente a meu favor aqui. Antes de contar o que aconteceu, vou te situar melhor no contexto, falar como era minha vida antes do Evento. É assim que me refiro a ele — o Evento, ou a Revelação, ou o Dia em que o Esterco foi Jogado no Ventilador. Deixa eu preparar o cenário.

A vida numa fazenda. Muito tranquila. Passo bastante tempo com minhas BFF no pasto sob os olhares lânguidos dos touros. Nossa grama é sempre a mais verde, dizia minha mãe. Ela era uma ótima mãe, até que um dia sumiu, como acontece com todas as mães vacas. Nos ensinam a aceitar isso. Que mãe não é para sempre e que, se ela for embora sem se despedir depois de ter cumprido a obrigação de te criar, isso não significa que não te ama. E mesmo sabendo que "é assim que as coisas são" e que "é assim que tem sido desde sempre", ainda me dá um nó na garganta quando penso na minha mãe. Ela era linda, tinha uns olhos castanhos enormes, um senso de humor fantástico. Nunca saía do meu lado até que um dia saiu. Mas vou voltar a isso depois. Peraí, só um instante, enquanto penso na minha mãe. Os sentimentos vão e vêm, a menos que você não se permita sentir. Porque aí eles ficam, e doem, e crescem até adquirir um formato de pera, uma coisa estranha. Por isso é que quando nós, vacas, somos invadidas por um sentimento, nós sentimos até que o sentimento passe. E aí muuuu-damos de assunto. Bum. Por essa você não esperava, né?

Eu recordo os dias da minha infância pelas lentes verdes como a grama da nostalgia. Tudo parece tão distante e tão perfeito. Todo dia era uma maravilha. Tínhamos grama, comida, lugar para dormir, boas amizades, e rolava sempre algum barraco com os outros animais, mas nada sério. A hierarquia em uma fazenda é bem fluida. Não sei se daria para chamar de democracia. Acho que o que define melhor isso é o conceito de "viver e deixar viver", menos quando há galinhas no pedaço. Aí é que a vaca vai pro brejo. Não sei se você leu *A revolução dos bichos*. Parece que esse é um livro que tudo que é ser humano lê na infância. Pessoalmente, eu prefiro *A*

menina e o porquinho, embora as aranhas possam ser um bocado sinistras às vezes. (E oito pernas? Sério? Duas ou quatro é a quantidade certa de pernas, todo mundo sabe disso. Cinco, talvez. Talvez. Oito me parece meio sem noção, um certo exagero; um pouco de desespero, até. Sabe como é?)

Uma fazenda normal não tem nada a ver com aquela de *A revolução dos bichos*. Todo mundo manda, e praticamos o que vocês chamariam de matriarcado. As mulheres tomam conta do pedaço. E não importa o que digam aqueles galos idiotas.



"É lá que a vida acontece — no pasto."

Nós, vacas, temos um ditado — não pise na minha teta que eu não piso na sua. Acrescente-se a isso amor. Um amor animal. Um amor puro. Sim, nós matamos para viver, alguns de nós têm de fazer isso, mas não é o

mesmo tipo de matança praticada pelos seres humanos. Não há raiva nem prazer, só necessidade. Não somos Pollyanna. Compreendemos até a raposa que rouba ovos, e o falcão que captura com as garras um leitãozinho e o carrega para uma morte terrível nos céus. É assim que as coisas são. Eu agradeço à grama enquanto a como. Você pensa que as plantas não têm sentimentos? Talvez não o mesmo tipo que você e eu temos, mas elas possuem sentimentos vegetais, sentimentos bem vagarosos que se desenvolvem ou brotam no decorrer de alguns anos em vez de em alguns segundos. Para uma vaca, o mundo é uma grande esfera de sentimento. Funciona assim:

Segunda-feira

NASCER DO SOL: Hora da ordenha. A sorte é quando vem o filho do meio, ou o mais novo, porque as mãos do pateta do mais velho são muito brutas. Ele não quer estar ali. Eu entendo, cara, é muito cedo, mas mesmo assim!

DEPOIS DA ORDENHA: A porteira é aberta e a gente se espalha pelo pasto, onde passa a maior parte do dia comendo, ruminando, conversando, fofocando etc. É lá que a vida acontece — no pasto. Na doce grama verdinha e no mais doce ainda feno de alfafa.

FIM DE TARDE: De volta ao celeiro. Mais uma ordenha e vamos dormir, geralmente quando o sol se põe. Nós vivemos em sintonia com os ritmos da natureza e coisa e tal. Quando minha mãe ainda estava aqui, ela me contava histórias. Eu gostava daquelas em que os seres humanos se comportavam como animais. Minha mãe era uma ótima contadora de histórias, e o som da voz dela me embalava como o vento soprando de mansinho as folhas das árvores ou como a água de

um riacho correndo sobre pedras, e eu caía no sono.

A terça, a quarta, a quinta, a sexta, o sábado e o domingo são exatamente a mesma coisa.

Simples, né? Acordar, ser ordenhada, comer, passar o dia no pasto, ser ordenhada, ouvir uma história, dormir. Para mim, bastava. Nunca quis nada além disso. Nunca tive vontade de morar em outro lugar. E desejava a mesma coisa para minhas filhas e para as filhas delas, até o fim dos tempos, mesmo não conseguindo me imaginar abandonando minhas meninas do jeito que minha mãe me abandonou. Eu pensava assim até o Evento, o dia em que a terra parou, o lance do esterco no ventilador. Foi aí que tudo ficou claro para mim, incluindo minha mãe. E ainda que a verdade tenha doído, abriu caminho para o perdão e para a compreensão, e eu não trocaria isso por nada nesse mundo. A ignorância é uma bênção, mas o mundo tem mais a oferecer que isso, e é errado não aproveitar o que ele oferece. Não se pode ser bezerra para sempre.

Estamos quase lá. Sua frustração está crescendo com todo esse preâmbulo? Com todas essas preliminares? É esse seu problema, pessoa hiperativa e viciada em *video games* — paciência zero. Pois bem, o tempo de uma vaca é lento, e eu não vou me apressar. Preciso ir ali cumprir meu dever, depois tirar uma soneca. Adoro uma boa soneca. Depois, o Evento.

2

UMA FÁBULA LÁCTEA

Pronto, cheguei. Voltemos à vaca-fria. Espero ter conseguido dar a você uma boa visão do funcionamento da fazenda na base do viva-e-deixe-viver, da forma como aceitamos que estamos aqui para servir aos seres humanos em troca de comida, abrigo e proteção. A gente não pediu para vir para cá, né? Você sabia que as vacas não são originárias das Américas? Não. Minhas antepassadas, a geração da minha tatara-tatara-tatara-tatara-tataravó, vieram de algum lugar que os seres humanos chamam de Oriente Médio. Foi lá que o Criador nos fez e onde primeiro pusemos os cascos no chão. Eles a chamavam de terra do leite e do mel. E adivinha quem entrava com o leite? Embora eu já tenha escutado um papo de que os gansos também são ordenhados pelos seres humanos. Tá de brincadeira, né? Na boa. Sem querer ofender, mas leite de ganso nem se compara ao de vaca, a menos que você seja filhote de ganso. Por acaso você já viu alguma vaca tentando mamar num ganso? Caso encerrado.

E agora rola uma história de que os seres humanos tiram leite de um negócio chamado "amêndoa" e de um outro conhecido como "soja". Nunca vi uma amêndoa selvagem nem uma soja galopando por aí em seu hábitat, mas leite de vaca é o melhor de todos. Aposto três dos meus quatro

estômagos nisso. É claro que sou suspeita para falar, o que mais poderia ser? É isso que faz o mundo girar, às vezes um pouco rápido demais. Mas estou divagando. Talvez a divagação não seja realmente divagação, talvez a menor distância entre dois pontos na mente não seja uma reta. Rumina essa.

Então, lá estou eu com três anos de idade. Mamãe em algum lugar que não sei qual, mas está tudo bem comigo. Vou levando minha vida e não vejo a hora de ter meus próprios filhotes. Fico até olhando por cima da cerca para alguns daqueles touros e pensando: "Humm, nada mal." Nunca pensei que fosse dizer isso, mas era mais ou menos como eu estava, e aquilo meio que me levou a como estou agora. Então, um dia, minha BFF Mallory e eu estávamos cochichando. Mallory é linda de morrer, tipo com certeza dava para ser modelo. Ela poderia ser a vaca da embalagem de leite. Vou contar para você como foi nossa conversa, mas saiba que não é tim-tim por tim-tim, e sim uma aproximação. Não sou gravador. Não sou elefante. Embora tenha alguns amigos elefantes. Mamíferos muito legais. Boa gente mesmo. Aqui vai:

MALLORY

Sei não, Elsie, mas de repente eu meio que fiquei com vontade de ir até lá e jogar conversa fora com os touros. Não sei o que deu em mim.

ELSIE (eu!)

Pois é. Eu também.

MALLORY

O que foi que deu na gente? Quando o Frank, aquele touro mais novinho, anda pelo pasto pisando forte e bufa, eu sinto uma coisa engraçada dentro de mim e nem ligo para aquela meleca toda espalhada pelo focinho dele.

ELSIE

Né? Acho que minha mãe chegou a me falar disso, mas só por alto. Ela disse que um dia eu ia achar nada a ver as coisas que achava legais, e que o que eu achava nada a ver ia ficar legal.

MALLORY

Sua mãe era tudo de bom. Para onde ela foi?

ELSIE

Pois é. Sei lá. Para o mesmo lugar que a sua, acho.

MALLORY

Pois é.

ELSIE

Já reparou que às vezes o filho mais velho se esquece de trancar a porteira depois da ordenha? Da próxima vez que ele fizer isso, por que a gente não sai e vai conversar com os touros?

MALLORY

Mas eles vão ver a gente.

ELSIE

A gente sai à noite!

MALLORY

Você é tão esperta! *The night time is the right time*. Não faço a menor ideia de onde saiu isso.

ELSIE

O que deu em você?

MALLORY

Sei lá! Surtei. Ei, olha o que o touro Frank está fazendo. Ou aquele é o Steve?

ELSIE

É o Steve.

MALLORY

É, olha ele pisando forte e bufando. Ele é tão legal. O bom e velho Steve.

ELSIE

Eu achei que você gostasse do Frank.

MALLORY

Eu gosto. Frank é o cara. Eu meio que gosto de todos eles.

E aí a gente engatou num papo sobre touros, falamos deles por uns vinte minutos, mas não vou contar o que foi dito porque o assunto é particular, e eu ainda não entrei em contato com a Mallory para confirmar se ela pode ou não ser personagem na minha história. Minha editora diz que eu preciso de autorização. E Mallory não é o nome verdadeiro dela. Não é.

Ah, você viu como aquela cena toda foi meio que escrita como se fosse um "roteiro"? Minha editora adora esse troço. Chama atenção dos megaprodutores de Hollywood. Praticamente se filma sozinho.

Então foi isso que a gente fez. Esperou. E parece que esperamos uma vida inteira. O mais velho, aquele com espinha na cara e celular, de repente ficou todo atento ao fechamento da porteira, mas eu sabia que não ia durar. Os seres humanos se distraem com facilidade. Principalmente com os celulares. Eles têm uma ligação estranha e nada natural com esses dispositivos. Quem sou eu para julgar, mas é esquisito. Tá, tudo bem, talvez eu esteja julgando.

Eu sabia o que fazer. Era só questão de tempo.

3

O EVENTO
(Na verdade, o Pré-Evento)

Como era de esperar, a hora chegou e aproveitei a deixa. O mais velho estava me ordenhando. Daquele jeito bruto, devo ressaltar. Na boa, isso não é fofoca, não estou aqui para lavar roupa suja nem acertar as contas com ninguém, mas às vezes é preciso botar os pingos nos "is". O irmão pega pesado nas tetas. E mais, ele fica com o polegar da outra mão mexendo o tempo todo no celular, distraído da vida, enquanto me maltrata. Com o tempo aprendi que isso se chama escrever "mensagens de texto", e que é uma forma de as pessoas contarem umas às outras coisas ridículas que acontecem o dia inteiro. Ei, olha essa foto do meu almoço com uma legenda megaespirituosa. Ei, olha essa foto minha fazendo uma careta, e essa outra com uma cara diferente. *Selfie*, é como eles chamam, e faz todo sentido, porque, mesmo enviando essas fotos para outras pessoas, isso ainda me cheira a *selfish*. É por isso que eles chamam o celular de "*I phone*"? Porque é tudo eu eu eu. Igual a falar para ouvir a própria voz. Por que eles não se comunicam ao vivo e em cores como animais normais? Tem tanta coisa nos seres humanos que eu não entendo...

Então lá está ele, escrevendo mensagens de texto, tirando uma foto

minha, rindo, clicando em ENVIAR, e eu não gostando nada daquilo; por isso, na hora certa, eu meio que dei um chute com a perna traseira direita, sem aplicar uma força excessiva, para não machucar o garoto, apenas o suficiente para fazer com que ele deixasse cair o celular.

Só que, primeiro, para preparar a cena, eu precisei fazer cocô. Fazer cocô no meio da ordenha é um dos maiores prazeres da vida. Você devia experimentar. Então fiz cocô, dei um chutinho, e ele deixou o celular cair bem no meio do que vocês chamam de esterco. Agora, eu sei que vocês acham que cocô de vaca é nojento, ou motivo de piada, mas, para nós, ele simplesmente é. Se tem outra coisa que não consigo entender nos seres humanos é o tamanho do nojo que sentem de cocô, inclusive do próprio. Fazem de tudo para se livrar do deles o mais rápido possível, e, sempre que pisam no nosso, falam palavrão e tentam limpar a sola na mesma hora. E tem mais: eles acham cocô um negócio muito engraçado. Tipo está em todas as piadas que contam. Cara, eu não entendo, é só cocô. Cocô e pum. O quê? Isso incomodou você? É esse o seu problema, chefia. Todos nós fazemos. Todo mundo faz o tempo todo. Não é nada de mais. Cocozão cocô caca cagança pum punzinho punzeira peido etc. — relaxou agora? E pode parar de pôr a culpa pelo aquecimento global em mim e nos meus gases. Eu não tenho carro. Podemos continuar?

O celular dele faz *ploft* — bem no meio do cocô. Você já viu vaca rindo? Não, porque a gente ri discretamente, como as japonesas. Eu me virei e comecei a rir, mas fiz de um jeito que parecia que tinha alguma coisa presa na garganta e eu estava tossindo. Ele ficou uma fera! Na verdade, me deu até um tapão no traseiro. Não doeu. Vocês, pessoas, são pequenas e fracas. E aí ele teve de resgatar o precioso celular de dentro do meu cocô. Se você acha que as pessoas não gostam de pisar em cocô, cara, precisa ver como ficam horrorizadas só de aproximar a mão do dito-cujo! Mas o garoto precisa fazer isso. Porque é o celular dele. Se tivesse deixado cair o celular na boca de um tubarão, teria entrado lá para resgatar o telefone. Ou então

num vulcão. É tipo a coisa mais importante do mundo.

Então o celular afundou até um quarto da profundidade do meu cocô. Em pezinho, como se surpreso por estar ali. E o garoto precisa dar um jeito nisso. Ele se abaixa, e, com o maior cuidado, como um rei Artur cheio de espinha na cara tirando a espada da pedra, resgata o telefone. E aí limpa o celular em mim porque está com raiva. Como se estivesse me punindo. E eu ligo? É o meu cocô. Ele começa a resmungar baixinho, pega o balde de leite e sai do celeiro pisando duro. E adivinha o que acontece? Ele se esquece de trancar a porteira :) Isso não significa "carinha sorrindo" nas mensagens de texto que vocês escrevem? Pois bem, aqui estou eu, sorrindo. Queria que existisse a cara de uma vaca sorrindo, mas não dá para fazer isso com o teclado :(

Mesmo assim :)

4

A PORTEIRA ABERTA

Gostou? Dos títulos dos capítulos e coisa e tal? Venho fazendo isso desde o começo da minha história. Sofisticado, eu sei, mas quero que sejam esclarecedores.

A porteira aberta significa que, ao cair da noite, Mallory e eu vamos poder fugir e ir aonde bem entendermos. Para junto dos touros, a um jogo de futebol — qualquer lugar. A porteira se abre para um mundo novo. Mallory e eu estamos tão empolgadas... Principalmente ela. Para ver Frank, ou Steve, ou Dino, ou sei lá mais quem. Com certeza você já reparou que uma das coisas mais lindas que as vacas têm são os cílios longos, espessos e magníficos. As humanas dariam tudo para ter cílios como os nossos. Ei, qual é, não precisa ficar com raiva. Cada espécie, como todo mundo, tem um ou dois pontos fortes. Cílios divinos são um dos nossos.

Mallory está na baia dela passando rímel de vaca, para embelezar ainda mais os cílios e ficar irresistível para Frank, ou Steve, ou qualquer outro por quem ela acha que tem uma queda. Rímel de vaca é composto basicamente de um bocado de argila limpa, ao qual você acrescenta algumas gotas de água, depois deita a cara na lama e por último sacode a cabeça. Com sorte, mais da argila vai aderir aos cílios e menos aos lábios, o que não deixa um

visual muito bonito. Mallory faz isso e eu dou aquela lambida caprichada na cara dela para tirar o excesso. Ela fica maravilinda. Com certeza Frank e Steve vão achar que Mallory é a vaca mais bonita do mundo. Eu fico animada só de cruzar a porteira. Quer dizer, é, eu meio que estou de olho nos touros, mas de um jeito que ainda não entendo direito, então sinto um pouco de medo, mas, sério, só estou em busca de aventura. Sou dessas.

Mallory e eu quase não conseguimos conter nossa empolgação. O dia engatinha lentamente como um bebê. É como se o sol tivesse resolvido não cruzar o céu, fica só ali parado. É tão difícil não contar nosso plano para ninguém, mas a gente sabe que, se contar, pode ir tudo por água abaixo. De repente, reparo que tem um porco me olhando com uma cara esquisita, a cabeça inclinada para o lado, um sorriso no rosto. O nome dele é Jerry. Eu pergunto: "Que foi, nunca viu uma vaca?" E completo: "Tira uma foto, Babe, vai durar mais." E ele tipo dá meia-volta. É assim que se lida com porcos, sendo bem direto, pois eles são muito inteligentes nesse lance de circuito lógico, inteligentes demais para seu próprio bem. É preciso intimidá-los. Eles pensam demais — então um tiro direto os coloca em curto-circuito e faz com que queiram tirar uma soneca. Que é o que Jerry faz. Como se eu tivesse dado nele um golpe mental sedativo de caratê. Dei um jeito no porco. Às vezes sou assim, tipo uma *jedi*.

Por fim, o sol mergulha no horizonte, provavelmente a melhor hora do dia para mim. O crepúsculo. O pôr do sol. Adoro. A noite não demora muito a chegar, e, com a noite, uma aventura; uma que mudará minha vida para sempre.

5

DO OUTRO LADO DA PORTEIRA

Percebeu o que acabei de fazer? Coloquei você num suspense poético. E abri outro capítulo. Para permitir que você faça uma pausa, talvez dobre o canto da página, pegue alguma coisa para comer, e, quando voltar, o título do capítulo vai ajudar você a embarcar de novo na história. Como uma *jedi*, sacou, uma *jedi*. Mas, sério, só estou preocupada com seu conforto e seu divertimento :)

A noite estava lindamente desluarada. Estava linda, e sem lua, por isso lindamente desluarada. O que foi ótimo para Mallory e para mim, porque seria mais difícil alguém nos avistar naquela escuridão quase completa. Esperamos pelo que pareceu uma eternidade até os outros animais do celeiro pegarem no sono, e até que os cães parassem de bisbilhotar. Não me leve a mal, não tenho nada contra cachorro, embora metade deles seja um pé no saco, mas, porque podem dormir na casa às vezes, e são escolhidos para ser domesticados e considerados o melhor amigo do homem e tal, eles tendem a se achar os reis da cocada preta e pensam que tudo o que fazem é certo porque é para o chefe, o fazendeiro. No fundo tenho um pouco de pena deles, porque não estão nem lá nem cá, não são nem de todo animais nem de todo humanos; eles ficam em algum lugar entre lobos e homens,

selvagens e dóceis, e isso deve ser bastante confuso, às vezes, e triste. Tipo brócolis. Os cães são os brócolis do reino animal.

Os cachorros da nossa fazenda se chamam Will e Grace, um casal de *border collies*. Como já falei, inteligentes e arrogantes. Então Will e Grace estão patrulhando a área, latindo para o nada, dizendo coisas um para o outro como "setor quatro verificado, setor dois verificado", quer dizer, qual é, isso é uma fazenda, gente, não há setores. Enfim, depois que eles se convencem de que todos os setores foram verificados, voltam correndo até a casa para fazer o que costumam fazer, o que quer que isso seja. Fico atenta para os sons do celeiro, muito ronco, um ou outro barulho, mas, no geral, os ruídos tranquilos e murmurantes de animais dormindo. É um pouco como música. Mas, esta noite, não vou ficar até o fim do concerto. Como um dos cães diria, eu me aproximo de Mallory e sussurro: "Hora da ação."

6

HORA DA AÇÃO

Eu já tinha estado ali perto daquela velha porteira umas mil vezes, mas isso era diferente. Tudo era diferente. Sabe aquelas horas na vida em que você sabe que tudo vai mudar? Quando os sentidos são amplificados e o tempo parece parar e avançar de uma vez só? Foi assim que me senti. Diante da porteira destrancada, para disfarçar meu medo, sério, porque eu estava tão assustada que já tinha soltado uns dois barros pelo caminho, eu digo para Mallory, me permitindo a audácia de uma piadinha: "Um pequeno passo para uma vaca, mas um grande salto para a bovinidade..." E abro a porteira com o focinho. Fácil assim. Um mundo inteiro se transforma com essa facilidade. Com um empurrãozinho de porteira com o focinho, com um passo, um passo e você não pode voltar atrás, as coisas nunca mais serão como antes. Já viu vaca andando de ré? Não. Não rola, não está em nossa natureza andar para trás.

O tempo todo Mallory está meio que narrando os nossos passos, quase que para se convencer de que outra vaca, e não ela, está fazendo essas coisas, saindo sorrateiramente — "e lá vão elas caminhando até a porteira, e abrem a porteira com um empurrãozinho, e, é isso aí, fãs do esporte, as duas estão andando do outro lado da porteira à noite — ai, meu Deus — *as duas*

estão andando do outro lado da porteira à noite!". Mallory está perdendo um pouco as estribeiras, então peço a ela que cale a boca, seus olhos tão esbugalhados quanto os de um veado, mas ela está feliz, dá para ver, está empolgada. E diz: "Vamos nessa." Então partimos, passo a passo, sempre dando uma viradinha para olhar para o celeiro, que de repente parece tão pequeno e tão distante, mesmo a gente só tendo percorrido uns dez metros. Também ficamos de olho na casa para ter certeza de que nenhum ser humano nem nenhum cão será alertado.

Tudo está silencioso. Exceto por um som que conseguimos distinguir a curta distância, o som atrás do qual tínhamos ido, o som em direção ao qual seguíamos como Ulisses indo até as sereias — o bufar dos touros.

7

M&-®D@!!!

Gostaram? Minha editora me falou que, se eu incluísse um pouco de sexo, humor escatológico ou talvez alguns palavrões, isso aqui ia vender melhor para meu "público". Não sei quem é meu público exatamente. Quero que todo mundo ouça essa história, mas minha editora diz que os seres humanos adultos podem não levar a sério um animal que fala ("Por que não?", perguntei. "E *A revolução dos bichos* e *A menina e o porquinho*? *Babe*?" E ela responde: "Elsie, Elsie, Elsie, os tempos mudaram, e, de mais a mais, isso não é uma alegoria, é uma história real... blá, blá, blá."). Então ela deve promover o livro como sendo para criança, um lobo em pele de cordeiro. Por mim tudo bem, eu gosto de criança, mas aí ela diz: "Os adultos vão ler esse livro para os filhos deles, então você precisa salpicar umas piadinhas internas aqui e ali que façam alusão à cultura pop dos últimos trinta anos, para que eles não fiquem entediados demais. Não deixe de fazer uma referência à *Ilha dos Birutas*, ou a *Star Wars*, ou ao Depeche Mode, ou a Chia Pets, ou algo do gênero, incluindo todas as décadas — anos sessenta, setenta, oitenta, noventa — e uma ou outra piada de pênis."

Ela me deu vários filmes para assistir e entender o que ela estava dizendo, mas, sinceramente, eles meio que me deixaram entediada, tipo pareciam

sem nexo. Mas acho que entendo, sim, o que ela quer dizer. Que deveria haver uma "piscadela" aqui e ali. Tudo bem. Então alguns dos meus leitores sabem o que deve acontecer quando a gente chegar junto nos touros; você sabe, a deixa para a linha melódica do contrabaixo e a péssima atuação. Isso é outra coisa: os seres humanos são tão estranhos quando se trata de sexo… É como fazer cocô, gente, todo mundo faz. Esse vai ser o título do meu próximo livro, *A pulga instruída*. Mas não se preocupe. Esta é uma história com censura livre. "Piscadela, piscadela." Ei, chefia, não odeie o jogador, odeie o jogo.

Minha editora também disse que minha história deveria ser escrita "mais como roteiro que como livro porque é aí que está o grande público — não mais nos livros, e sim nos filmes". Então é isso que venho tentando fazer sempre que possível. E ela diz que filmes de animação são os maiores, e que os animais costumam ser os astros das animações. Aí pergunto: "Como posso escrever como se fosse um filme quando se trata de uma história real?" E ela literalmente pula da cadeira e diz: "Mina de ouro! O primeiro documentário animado! Mina de ouro! É só escrever os diálogos sem travessão e abaixo do nome do personagem e eles vão pensar que se trata do roteiro de um documentário, *e* isso ainda vai aumentar a duração dele. E não se esqueça de colocar algo como "os nomes foram alterados para proteger os blá, blá, blá".

Vamos ver se Hollywood liga. Vou precisar perder uns quilinhos. Estou do tamanho de um iaque. Também tenho algumas ideias bem claras sobre o elenco e sobre quem deveria representar meu papel, mas minha editora diz que, se eu divulgar isso, vou estar pisando nos calos dos figurões. Ela diz que os produtores gostam de pensar que tudo é ideia deles. Por isso vou ficar de boca fechada. Jennifer Lawrence.

Enfim, preciso admitir que o ruído que os touros faziam era um tanto hipnotizante. Estávamos sendo atraídas para ele, Mallory e eu. Era como a música mais melódica. Sons que tínhamos considerado um horror no dia

anterior soavam agora como os Beatles. (Referência à cultura pop, feito.) Estranho. Não entendo. Mas é natural, acontece com todas nós. A essa altura estávamos nos dirigindo para os touros e eles já sabiam que íamos até lá e, gente, não é que eles começaram a ficar animadinhos? Bufando mais alto, dando patadas no chão, se exibindo, correndo e dando trombadas uns nos outros. Mallory e eu ficamos bastante impressionadas por eles estarem se dando ao trabalho de fazer aquele show todo para nós duas. Fez com que nos sentíssemos uma dupla de vacas muito especiais. Nos fez sentir bonitas e… toureandas. (De nada.)

Assim que chegamos à cerca, os touros entraram numa de "E aí, ném…" e "Qual é?", tentando parecer descolados, e foi então que me dei conta de que, tudo bem, nós saímos pela nossa porteira, mas nem pensamos na dos touros. Mallory percebeu isso exatamente no mesmo instante que eu (porque somos BFF) e nós duas dissemos: "Ah, não! Como vamos abrir essa aqui?" Agora, sendo bem sincera com você, aquilo foi um alívio para mim, de certa forma. Eu não me sentia pronta para desfrutar da companhia de um touro sem uma boa e velha cerca entre nós, mas não podia dizer isso para a Mallory. Eu estava meio que pirando com os touros assim tão de pertinho. Uma energia estranha, se é que você me entende. Aí os touros disseram: "Você quer que eu derrube essa cerca, princesinha, porque é o que eu vou fazer, vou pôr essa droga abaixo", e coisas do gênero, e Mallory só com aquele sorrisinho no rosto igual a uma paspalha. Então eu digo: "Peraí que vou tentar achar alguma coisa que eu possa usar para quebrar a tranca, alguma coisa pesada", e a essa altura Mallory parece uma zumbi. Ela diz: "Tá, tá, tanto faz." E eu fico tipo: que fim levou aquela história de vacas antes de touros e amizade cima de tudo? Mas, sério, eu entendo, de verdade, e eu amo essa vaca até o fim, minha querida Mallory, onde quer que você esteja. Então digo que vou voltar em alguns minutos e começo a descer a ladeira com passinhos de gato.

8

UM DESTINO ALTERNATIVO

Não sei o que me fez ir em direção à casa. Acho que foi o destino. Alguma coisa me atraiu até lá e me deixei levar. Nunca na minha vida eu tinha ido até a casa. As luzes estavam acesas. A noite era um breu só, mas era primavera e a temperatura estava amena. A família havia deixado as janelas abertas. Ouvi vozes lá dentro, vozes humanas, mas que de certa forma não pareciam humanas, muito estranho. E uma luz tremulante, como uma fogueira, mas não de fogueira. Fui atraída pelas vozes estranhas e pela luz esquisita e inconstante. Eu sabia que era maluquice, mas precisava descobrir que história era aquela. A curiosidade matou o gato, não a vaca; então achei que ia ficar bem. Olhei para trás, para o alto do morro, e vi as silhuetas de Mallory e dos touros, e dava para ouvir todos ao longe, eles riam e bufavam, estavam se divertindo, era o que parecia. Presumindo que Mallory estivesse se virando bem lá sozinha, andei bem encostada à parede da casa, até chegar a uma janela aberta, e espiei.

Não consegui entender o que vi. A família toda estava lá dentro olhando fixamente e em silêncio para uma caixa acesa. As pessoas permaneciam caladas como se a caixa de luz fosse seu deus e esse Deus Caixa falava, ou pelo menos dizia algumas palavras, e as pessoas pareciam ao mesmo tempo

em transe e entediadas. As pessoas comiam coisas de um saco, coisas crocantes, e bebiam uma água borbulhante e colorida em copos enormes, do tamanho do meu focinho. Isso deve fazer parte das exigências do ritual do Deus Caixa, imaginei, mas eu não sabia mesmo o que pensar. Como já disse, as pessoas são estranhas. E justo quando eu estava prestes a me virar e ir embora antes que me metesse em encrenca, o Deus Caixa disse algo que nunca mais vou esquecer….

Suspense!!!

9

O DEUS CAIXA

Isso é o que me lembro do que o Deus Caixa disse. Não é *ipsis litteris*, porque logo depois o mundo começou a girar e ficou tudo fora de foco e eu desmaiei, mas isso é o que me lembro dele dizendo:

"A fazenda tradicional ficou para trás, dando lugar a vastas fazendas industriais do tamanho de pequenas cidades. Aqui, nestas instalações..."

E foi então que parei de ouvir o que ele dizia, porque o que vi ali diante dos meus olhos foi tão chocante que tirou meu mundo do eixo.

Primeiro, vi galinhas em gaiolas, fileiras e fileiras e mais fileiras de gaiolas. As galinhas estavam empilhadas, quase sem espaço para respirar. Não sou muito fã de galinhas, mas isso não é vida para ninguém. As coitadas quase não conseguiam se mexer, por isso as garras cresciam em torno dos arames das gaiolas e os seres humanos muitas vezes tinham de cortar os pés delas para tirá-las dali. Comecei a chorar lágrimas grandes e molhadas, que embaçaram e deram um efeito caleidoscópico àquilo que eu olhava, o que tornou tudo ainda mais surreal. Aí eles mostraram porcos, centenas e centenas de porcos, encurralados aos montes também. A situação deles não parecia tão ruim, porcos gostam de andar em bando, mas, mesmo assim, o lugar estava apinhado demais e era sujo e deplorável.



"Então eles mostraram as vacas."

Então eles mostraram as vacas.

As vacas eram mantidas dentro de um enorme galpão, separadas por umas baias de metal bem estreitas. Mas isso não foi o pior. Porque o impiedoso Deus Caixa mostrou o que acontecia a elas depois: um homem levava uma vara de metal à cabeça da vaca, e de repente as pernas da pobrezinha cediam, e ela caía dura, morta. Assassinada. Uma após outra, dando um último suspiro, como se um interruptor estivesse sendo desligado, simples assim.

Depois o Deus Caixa mostrou as carcaças sem vida das vacas sendo penduradas em grandes ganchos de metal e abertas, já sem o couro e

desmembradas como num filme de terror, sangue para todo lado. O que mais me lembro é do sangue. Um homem sem rosto com uma mangueira lavando um chão banhado de sangue. E em seguida uma discussão sobre vitela na qual até hoje não consigo pensar sem vomitar e mudar de assunto, e à qual só consigo me referir como "V". Ou a "palavra que começa com V". E o sangue. Rios de sangue. Oceanos de sangue. Um mundo de sangue. O sangue dos meus. Botei para fora o conteúdo dos meus quatro estômagos. E desmaiei.

10

EU ACORDO

Não sei por quanto tempo fiquei desacordada. Não deve ter sido muito, porque o Deus Caixa ainda falava de "carne", que agora sei se tratar de carne de animais — vacas, porcos, galinhas, perus, cachorros em alguns países (ei, se você vai me comer, por que não comer cachorro?), macacos, veados, ursos, avestruzes, formigas — já deu para ter uma ideia, né? A lista é interminável. Seres humanos comem qualquer coisa se um salzinho e uma manteiguinha forem acrescentados à coisa. E manteiga é feita do nosso leite. Isso me faz sentir estranhamente cúmplice e culpada.

Enquanto voltava a mim, reparei que algo havia mudado. Sim, estava tudo do mesmo jeitinho — embora as nuvens tivessem se dispersado e a lua brilhasse no céu feito uma moeda novinha, mas, pela primeira vez, consegui ver um rosto na lua, o tal homem na lua, e a boca dele estava aberta e seus olhos, esbugalhados de horror e incredulidade. Eu sentia o cheiro da grama, o que sempre foi fonte de alegria para mim e me fazia lembrar da minha mãe, mas havia um gosto amargo como bile na minha boca, o que estragava qualquer aroma. Eu não gostava do mundo e só queria escuridão e silêncio. Eu queria sair de perto desses seres humanos e de seu Deus Caixa e de sua glutonaria sem fim.

Com as pernas bambas, me pus a subir o morro até o celeiro. Não sei quanto tempo fiquei do lado de fora — uma hora, três horas, cinco minutos, uma vida inteira? —, mas, quando voltei, os animais ainda dormiam. Todos menos Mallory, que continuava de pé, um sorriso enorme no rosto.

11

OS PÁSSAROS E AS ABELHAS
(em formato de roteiro)

MALLORY

AI, MEU DEUS!!! AI, MEU DEUS!!! AI, MEU DEUS!!!

(Ela disse mais uns trezentos AI, MEU DEUS, mas não quero que você pense que estou enchendo linguiça.)

ELSIE

O quê? O quê? Respira, amiga.

MALLORY

A vida nunca mais será a mesma!

ELSIE

Eu que o diga.

MALLORY

Não brinca! Você ficou com alguém?

ELSIE

Ficar? Eu? Não, não, diz aí, conta o que aconteceu.

(No fundo eu não queria saber, mas não dava para falar para a MALLORY o que tinha acontecido lá na casa com as pessoas e o Deus Caixa. Ainda não. Eu mesma não tinha acabado de digerir aquilo. Era como um pesadelo do qual eu ainda não havia acordado.)

MALLORY

Foi total, tipo *Amor, sublime amor*. Frank vai até Steve e diz: "E aí, cara, ela é uma Holstein preto e branco como eu, minha mãe era uma preto e branco, então ela é minha namorada", e Steve fala: "É, se isso fosse nos anos cinquenta, quem sabe, mas não é mais assim que a banda toca e touros vermelhos podem ficar com qualquer raça, qualquer um pode ficar com qualquer um." E pensei, é isso aí, Steve, é, faz o maior sentido. Eles estavam mesmo brigando por mim. Elsie? Terra para Elsie?

ELSIE

Tá, tá, eles estavam mesmo brigando por você.

(Eu tentava prestar atenção, mas alternava entre o presente e a morte da bezerra. Não conseguia apagar as imagens das vacas nos ganchos, sangrando… Chega! Falei para mim mesma, mas não adiantou. Tipo quando minha mãe dizia: "Não pense em vacas cor-de-rosa", e então é claro que vacas cor-de-rosa era tudo em que eu conseguia pensar. Mas essas vacas não eram cor-de-rosa, eram vermelhas e sangravam… Chega!)

MALLORY

Eles teriam brigado por você também, *mamacita*, se não tivesse desaparecido. Onde foi que você se meteu?

ELSIE

Em lugar nenhum. Tá, então os Jets e os Sharks baixaram neles e os dois brigaram por sua causa. O que aconteceu com você? Tem alguma coisa diferente no seu rosto. O rímel está escorrendo.

MALLORY

Eu estou diferente. Você também parece mudada.

ELSIE

Estou mudada. Continua. Desembucha. Sou toda ouvidos.

MALLORY

Então o Steve e o Frank e uns outros caras — acho que eram uns quatro ou cinco, humm, Jimmy C., Matty e Jose, acho que era isso. E…

ELSIE

Os nomes não importam. Por que todo esse rodeio?

MALLORY

Como você sabe que foi tipo um rodeio?

ELSIE

É só uma expressão…

MALLORY

Tá, então eles fazem esse lance de que vão brigar, e bufam, pisoteiam o chão e soltam uns ruídos estranhos, e então brigam mesmo! Eles brigavam por mim, mas dava para ver que não estavam tentando se machucar à vera, era mais como um show. Uma exibição deliciosa de tourância.

ELSIE

O rodeio?

MALLORY

Ah, é, tá, o rodeio... então eles batem de frente algumas vezes e correm atrás um do outro, mas o Frank meio que desiste e diz mais ou menos assim: "Pode ficar com essa aí, ela não é bonita mesmo..."

ELSIE

Essa doeu. Que idiota.

MALLORY

Não tô nem aí. Ele é um pobre coitado.

ELSIE

Eu pensei que você gostasse do Frank.

MALLORY

Gostava, dã. No passado. Do verbo não gosto mais, ném, e a fila anda.

ELSIE

Aí os outros caras dão o fora e você fica a sós com Frank.

MALLORY

Steve.

ELSIE

Steve. Foi mal.

MALLORY

Então a gente está por ali, perto da cerca, e ele está todo sem fôlego da luta meio encenada, e dá para ver a respiração dele, e até para sentir o cheiro.

ELSIE

Eca.

MALLORY

Que eca que nada. Eu gostei. E ele está todo malandro agora, tipo: "Princesa, eu consigo comer um tanto de grama assim, ó", e "Ném, eu podia fugir desse lugar se quisesse, só decidi ficar porque aqui é a maior sopa no mel…" e coisa e tal.

ELSIE

Tá.

MALLORY

E aí ele encosta os lábios na cerca.

ELSIE

Nem vem.

MALLORY

Sim senhora, e ele fecha os olhos e simplesmente fica ali que nem uma estátua, então eu vou e tasco um beijo na boca dele…

ELSIE

Não brinca!

MALLORY

Não tô brincando!

ELSIE

Para tudo! Foi nojento e babado?

MALLORY

Não, foi, foi… Não dá pra descrever… a gente pensa que uma troca de fluidos com a boca de um cara vai ser a coisa mais nojenta do mundo, mas não foi nojento. Foi tudo de bom. Tô apaixonada.

ELSIE

Você não está apaixonada. Você mal conhece o cara.

MALLORY

Amor é isso, Elsie, quando você fica louca por alguém que não conhece direito. Eu vou ter vários bezerrinhos com ele.

Eu ia discutir com a Mallory, botar um pouco de juízo na cabeça dela, mas dava para ver que ela já tinha parado de raciocinar, que, do mesmo jeito que tudo agora — a lua, a grama, a brisa — me fazia pensar na morte vermelha, tudo a fazia pensar no Steve. E no amor. Eu considerei contar para ela o que eu tinha visto, mas então ponderei, quem sou eu para jogar um balde de água fria nela? Olhei para Mallory e ela estava acesa como uma noite de verão repleta de vaga-lumes, e por um breve instante esqueci o que tinha acontecido comigo e fiquei feliz. Feliz pela Mallory, feliz pelo Steve, feliz pelo mundo. Feliz. Então fechei os olhos e dormi.

12

UNCOMFORTABLY NUMB
(*ver* Floyd, Pink)

Quando acordei, o filho do meio me ordenhava. Eu já devia estar acordada antes disso, mas meio que sonambulava, metade de mim não conseguia parar de pensar no que eu tinha visto, o que deixou só metade de mim para ficar acordada, consciente, e passar o resto do dia. Sempre gostei do filho do meio, ele era delicado, e gostava de falar comigo enquanto me ordenhava, de me contar seus problemas na escola, com seus pais, com o desagradável do irmão mais velho. Acho que ele pensava que era seguro falar comigo, que eu não entendia uma palavra do que ele dizia. E que eu estaria sempre ali quando ele precisasse. Mas não hoje. Hoje, eu odiava as pessoas. Todas elas. E acho que isso estava afetando meu leite, pois o menino ficava me perguntando, "Qual é o problema, garota?", e segurando meu rosto, e olhando bem fundo nos meus olhos, e acariciando minha cabeça, o que normalmente me deixava feliz, mas hoje tudo o que eu queria era cuspir ou bater nele. Então foi isso que eu fiz. Acertei o queixo do menino com minha testa, o que fez com que ele e o balde de leite rolassem pelo chão.

Naquele momento, reconheci a expressão nos olhos do garoto. Reconheci porque sentia a mesma nos meus. Era como olhar no espelho.

Aquela era uma expressão de traição, de ter sido traído. Ficamos parados ali por alguns instantes, o garoto e eu, nos encarando com nossas expressões de traídos. Vi uma lágrima brotar no olho dele, e, por um segundo, quase me senti mal. Quase. Mas, então, o quase sentimento passou, e eu percebi que não conseguia sentir mais nada. Que não sentiria mais nada. Nunca mais. Eu estava morta por dentro. Completamente entorpecida. Baixei a cabeça e parti para cima dele de novo.

13

BLACK DOG
(*ver* Zeppelin, Led)

Imagino que o filho do meio tenha ficado envergonhado por ter sido empurrado por uma vaca e que não tenha contado nada para ninguém, porque o incidente da cabeçada não teve qualquer repercussão. Os meses seguintes transcorreram meio que como um borrão para mim. Pode ter passado uma semana, um ano, dez anos. A questão é que eu não dava a mínima. Acho que os humanos comparam este estado de depressão a um "cão negro", e eu não faço a menor ideia do porquê, mas é isso aí — eu tinha um cão negro comigo, e ele ficava ao meu lado de manhã, de tarde, de noite, como se fosse meu amigo, mas eu sabia que não era.

Minha mente só girava e girava sem parar como um disco de vinil arranhado.

(Oi, pais! Vocês podem fazer uma pausa para explicar a seus filhos o que é um disco de vinil, ou o que é uma vitrola, ou até o que é uma música, na verdade. Podem falar também da faixa "Black Dog", do Led Zeppelin, se quiserem matar as crianças de tédio. Elas não estão nem aí para as músicas de vocês. Acham todas um porre. Mas diga algo que as faça entender o estado mental que é como o efeito provocado por um disco de vinil

arranhado na vitrola.)

Era como se eu estivesse batendo a cabeça na parede tentando acabar com a dor ou tentando atravessar a parede, ou as duas coisas.

E, na verdade, eu vinha batendo a cabeça na parede do celeiro com uma certa frequência. Tanto que Mallory me puxou de lado um dia e disse que estava preocupada comigo, que eu estava esfolando a testa e acabando com o pelo que havia nela, e que, se ficasse careca, nenhum touro ia me querer. Como se eu desse a mínima. E então Mallory me contou que estava grávida. Que carregava no ventre o bezerro do Steve. Fiquei feliz pela Mallory, mas sabia que aquela não era mais a vida que eu desejava para mim. Não queria trazer outra vaca para esse mundo horroroso. Mas não falei isso para a Mallory. Beijei seu belo focinho e disse que estava feliz por ela, me recostei em seu corpo e fechei os olhos, e, quando abri, lá estava ele novamente, parado bem ao meu lado com uma bola de tênis na boca, esperando: o cão negro.

14

MÃE

Bater a cabeça na parede sem parar não é tão ruim quanto parece. Nem ficar balançando o corpo para a frente e para trás, nem andar de um lado para o outro como um leopardo no zoológico. É como se você percorresse o mesmo caminho repetidas vezes, sabendo que uma hora vai acabar causando uma erosão tão profunda na trilha que um buraco se abrirá e você atingirá o conhecimento que procura, se libertará deste mundo que faz você querer bater a cabeça na parede, e irá para outro, para um mundo melhor.

Então foi isso que aconteceu. Um dia, enquanto eu batia a cabeça na parede da baia, parei e falei uma palavra: *mãe*. Continuei repetindo aquela palavra, *mãe, mãe, mãe*. E me dei conta de que tinha ficado magoada com o sumiço dela, sempre me resignando quando as pessoas me diziam que era isso o que acontecia nas fazendas, que as mães e os pais vão embora quando seus bebês estão prontos para ser mães e pais. Mas no fundo, eu sempre ouvia uma voz perguntando: Por que você me deixou? Por que você me deixou, mãe?

Parei de bater a cabeça porque entendi que mamãe não me deixou. Ela foi tirada de mim. Ela foi sequestrada e assassinada, e, logo depois, comida. Senti a bile subir de novo por dentro, dos estômagos três e quatro, e vomitei

o chão todo, e talvez tenha desmaiado. Foi horrível, mas também libertador. Percebi que tinha ficado com raiva da minha mãe por me abandonar, e que agora não estava mais com raiva. Toda a minha ira se direcionava para os humanos que haviam me traído, e traído ainda mais a minha mãe.

Vocês, humanos, bebem o nosso leite e comem os ovos das galinhas e das patas. Isso já não é suficiente? Não é suficiente darmos a vocês nossas crianças e o que seria destinado a nossas crianças? E se não é, quando será? Tudo que vocês, humanos, fazem é pegar, pegar, pegar da Terra e de suas criaturas magníficas, e o que dão em troca? Nada. Sei que os humanos consideram um insulto grave ser chamados de animais. Bem, eu nunca daria a um humano a honra de ser chamado de animal porque os animais podem até matar para viver mas não vivem para matar. Os humanos vão precisar reconquistar o direito de ser chamados de animais.

15

UM PEDIDO DE DESCULPAS

Peço desculpas porque quero que este livro seja divertido e não moralizador, e debati sobre isso com minha editora porque queria deixar aqui um pouco das coisas mais incendiárias, com abordagens mais diretas, mais polêmicas.

Minha editora então diz:

— Você tem noção de que está afrontando seu público inteirinho, digo, a raça humana? Não é o que eu chamaria de boa estratégia. Vacas não compram livros.

E eu digo:

— Eu sei, mas às vezes é preciso abrir o coração e soltar o verbo.

E minha editora argumenta:

— Mas eles estão cansados de ouvir isso; esta não é a parte original da sua história.

Então eu falo:

— Não estou nem aí se eles vão ter de ouvir a mesma coisa mais mil vezes, talvez seja como bater a cabeça deles na parede, talvez isso seja eu batendo a cabeça deles na parede e um dia a parede vai quebrar ou a cabeça deles vai quebrar e eles entenderão.

— Eles entendem, só não estão nem aí — diz ela.

— Então entendem apenas com a cabeça, com o intelecto, porque, se entendessem com o coração e com a alma, eles mudariam, mudariam e reingressariam no reino animal, e ficariam orgulhosos de ser chamados de animais de novo. Até que esse dia chegue, vou continuar batendo a cabecinha deles na parede. Não se pode simplesmente usar os elos da cadeia alimentar no pescoço como se fosse uma corrente ou um balangandã. Você faz parte disso e, se continuar tratando o assunto com desdém, esta corrente vai estrangulá-la. Você tem ideia do quanto estou deixando de fora com o intuito de tornar este livro "divertido"? Você sabia que a alfafa que eles gostam de nos dar para comer (e olha que sou tarada por alfafa — *mea culpa*) precisa de tanta água para ser cultivada que está provocando escassez hídrica? Uma cadeia nada natural está sendo forjada. Você sabia que o uso desenfreado de antibióticos na pecuária, que reduz a ocorrência de doenças bacterianas que exterminariam galinhas, vacas e porcos forçados a viver em espaços inacreditavelmente apertados, o que torna possível aquela superlotação indecente, também está permitindo que as doenças sofram mutação e se adaptem, tornando-se resistentes a esses mesmíssimos antibióticos? Que muitos desses medicamentos penetram o solo e o lençol freático através do nosso cocô, e que estamos testemunhando o aparecimento de superbactérias frankensteinianas e a volta de doenças que tinham sido praticamente erradicadas pelos avanços da medicina no século passado? Está tudo ligado. Tudo. Essa brisa que você acabou de sentir é uma borboleta batendo as asas na Tailândia. Quer que eu continue? Tenho uma lista aqui do tamanho do pescoço de uma girafa.

— Ai, meu Deus, não; já parei de prestar atenção faz horas. — Minha editora boceja. — Você está batendo a minha cabeça na parede neste momento. Ninguém quer ler esse lixo. As pessoas gostam quando as fazemos sentir uma culpa mais branda, não pavorosa e aviltante. Mas, vá em frente, coloque isso tudo no livro, dê um tiro no pé.

Então digo:

— Não posso dar um tiro no pé.

E ela pergunta:

— Por que não?

E eu respondo:

— Porque não tenho mão!

E nós duas rimos.

Nessa hora ela diz:

— Uma colher de açúcar ajuda a descer o remédio do aquecimento global, gerador de seca, criador de bactérias super-resistentes. Não se esqueça da colher de açúcar, docinho. — [*Ver Mary Poppins*.] — Também podemos avisar aos pais que a leitura deste capítulo em particular é a garantia de que os filhos cairão imediatamente no sono.

Peço desculpas, mas eu era uma jovem vaca revoltada naquele momento da minha vida, e totalmente decidida a protestar contra o Homem. Eu me recusei a ser chamada de Elsie porque era assim que os humanos daqui gostavam de chamar todas as vacas, e pedi aos outros animais que me chamassem de "Elsie Q" porque não sabia qual era o meu sobrenome verdadeiro, o Q sendo a inicial de "Quem?". Sagaz, né?

E eu já tinha até uma música-tema pronta ao substituir Suzy Q por Elsie Q. *I like the way you walk, I like the way you moo, Elsie Q.*

Acho que a força dessa revelação sobre minha mãe foi demais para mim e eu desmaiei. De novo. Porque, quando acordei, Jerry, o porco, estava comendo meu vômito. Não diga "que nojo", não julgue. Nós, os animais, não desperdiçamos nada. Se o lixo de um homem é o tesouro de outro homem, bem, o vômito de uma vaca é o jantar de um porco. E eu olhei para ele e sorri porque amava minha mãe de novo e estava livre, e ele olhou para mim e falou:

— Deeeeeee-lícia!

16

FREE BIRD
(*ver* Skynyrd, Lynyrd)

Então eu estava livre. Por assim dizer. Sim, eu continuava presa na fazenda, mas estava livre por dentro, na minha cabeça, que é o verdadeiro lar da liberdade. Eu me acostumei a abrir a porteira à noite, e com minha liberdade mental veio um novo jeito de ver as coisas, então olhei para a tranca e foi muito simples abrir a porteira com a língua. Coisas que antes me deixavam perplexa passaram a ser bem simples.

Eu removia a tranca à noite quando todos já estavam dormindo e saía para passear, normalmente em direção ao topo do morro. Longe dos touros. Eu não ligava para garotos.

Ao perambular por ali, minha mente meio que desligava e eu entrava num estado meditativo no qual conseguia conversar com minha mãe. E nós tínhamos os diálogos mais fantásticos. Alguns eram repetições de conversas antigas que aconteceram de verdade quando ela ainda estava comigo, e alguns eram totalmente novos, que vinham até mim. De repente, do nada, eu começava a ouvir aqueles galos estúpidos cantando, e já era de manhã. Eu estava livre, sim, mas de alguma forma, lá no fundo, continuava triste.

Uma noite, enquanto vagava pelo morro batendo um papo mental com

minha mãe sobre algo insignificante como quantas vezes você deve mastigar a comida regurgitada antes de engolir, ela me disse:

— Talvez você devesse voltar à casa.

Eu falei:

— Nunca mais volto lá na minha vida, eu odeio as pessoas.

E ela disse:

— Não odeie. O ódio é um veneno preparado para o inimigo, mas que você mesma acaba tomando.

E eu falei:

— Essa foi boa, Obovina Wan Kenobi.

E ela perguntou:

— Por que você não vai até lá? Talvez não tenha sabido da história toda, talvez haja mais a aprender com o Deus Caixa.

Eu disse:

— Como se isso fosse possível.

E ela completou:

— Elsie, você sabe o tamanho do orgulho que sinto de você? Sabe? Sabe que amo você mais que tudo na vida? Tem consciência de como é bonita e inteligente, e de que penso em você todos os dias, e do quanto amo você, e de que, não importa quanto tempo minha vida tenha durado, ela foi uma vida boa porque tive você?

E comecei a chorar, de novo. Tá, eu sou chorona. *Mea culpa*. Nunca entendi como o amor pode doer tanto, mas acho que é uma dor diferente das outras. Não é como um casco rachado, é mais como um abraço de urso no coração. E foi então que me vi ao pé do morro, ao lado da casa.

17

UM MUNDO IDEAL
(*ver Aladim*)

O Deus Caixa estava falando com as pessoas. Dava para saber por causa do silêncio obediente delas e da luz tremulante. Se vocês, pessoas, acham que as ovelhas são silenciosas, deviam dar uma olhada em si mesmas quando estão rezando para o Deus Caixa — todas passivas e babando. Então tive certeza de que poderia espiar pela janela, porque os humanos estavam hipnotizados, tipo em transe, como na noite dos mortos-vivos. Assistiam a algo chamado Discovery Channel. Sei disso porque saíram daquele estupor por um instante, por tempo suficiente para brigar pelos "canais". Foi então que me dei conta de que o Deus Caixa não é um deus apenas, mas muitos deuses em uma caixa só, e, com uma varinha mágica de plástico, os humanos podem trocar de um deus para outro.

Parecia que cada integrante da família queria idolatrar um deus diferente. A menina queria venerar o deus Nickelodeon, o pai queria adorar o deus ESPN, o mais velho e desagradável queria cultuar a deusa Playboy ou o deus Showtime, ao passo que a mãe estava feliz com o deus Discovery. A mãe venceu. Todos, menos a mãe e a menina, saíram da sala reclamando, e então percebi que os humanos devem ter um Deus Caixa em seus quartos,

porque luzes tremulantes começaram a emanar das janelas dos quartos pela casa toda. Que deus é esse que, ao invés de juntar as pessoas, as separa?

Fico apreciando o deus Discovery porque ele mostra imagens bonitas de terras distantes. E diz que o nome deste lugar é Índia, e esta soa para mim como uma palavra linda. Então aparecem imagens de pobreza e de pessoas sofrendo, mas também há vacas em muitas das imagens e sou invadida pelo temor de que o deus vá começar a mostrar vacas sendo abatidas e comidas de novo. Mas, em vez disso, o deus diz que as vacas são "sagradas" na Índia, o que significa que são respeitadas, são especiais, e ele mostra imagens de pessoas sendo gentis com as vacas e até enfeitando-as com joias e deixando-as com uma aparência exótica. O deus diz que as vacas são consideradas deusas nesse lugar chamado Índia, e que ninguém as come.

Nessa hora, o filho mais velho entra correndo na sala, pega a varinha mágica e troca de canal para um grupo de homens uniformizados acertando uma bola com um taco, correndo atrás dela e tentando apanhá-la. Fico sabendo que a bola é feita da pele de cavalos mortos (de pele de vaca desde 1974, aquele verão terrível) e que a cada vez que a bola suja, eles a descartam como se não servisse mais, como se existisse um suprimento inesgotável de cavalos a serem abatidos para que sejam feitas mais bolas, e, até onde sei, existe mesmo. E a coisa que os homens usam para proteger da bola suas pequenas e macias mãos humanas é chamada de "luva", e ela é feita de algo conhecido como "couro", que é só um jeito sofisticado de dizer "a pele de vacas mortas". Um segundo antes de desmaiar, eu penso: Não há limite para a sua crueldade?

18

ÍNDIA

Fico revolvendo essa palavra na minha cabeça sem parar: *Índia*. Índia. Como uma joia que você remexe no bolso da calça. Índia Índia. Eu me afastei com esse pensamento, me afastei dos outros animais. Fiquei com ideia fixa na casa e nos outros segredos que poderia descobrir dentro dela. Aprendi a reconhecer os sinais de quando a família ficaria fora por um tempo — as malas empilhadas no carro etc. — e então eu ia até a casa e continuava minhas pesquisas. Descobri tantas coisas... Achei livros infantis onde os animais eram amados e até heróis. Inclusive as vacas. As vacas eram as heroínas das crianças nesses livros. Em um deles, uma vaca até pulou sobre a lua. Obviamente, a história ficou inverossímil lá pelo fim e parei de acompanhar quando o prato fugiu com a colher (qual é, fala sério), mas, ainda assim, aquela era uma vaca má.

Fiquei confusa com a forma como, por um lado, as pessoas podiam nos maltratar e nos comer, e, por outro, nos glorificar por qualidades que admiravam. Foi aí que entendi que os humanos são muito complicados e confusos, e que eu poderia passar o resto da vida tentando decifrá-los. Decidi que não tinha tempo para isso. Eu passaria os poucos anos de vida que me restavam neste planeta tentando me entender, tentando entender a

mente da vaca, e, se sobrasse algum tempo, então talvez, talvez, eu pensasse nos humanos de novo. Encontrei outros livros com mapas e diagramas que mostravam todas as partes do mundo, me mostravam onde ficava essa terra mágica da Índia. Ela existia de verdade, este lugar onde as pessoas haviam caído em si e percebido que as vacas também eram deuses. Havia tantas outras terras e países, mais do que eu conseguiria memorizar. Pensei em quão sortudas essas vacas eram de ter nascido na Índia e de poder viver lá. E então me perguntei: Por que não eu? E pensei: *POR QUE EU NÃO POSSO IR PARA A ÍNDIA?*

19

OPERAÇÃO ÍNDIA

Fiquei obcecada. O dia inteiro, 24 horas por dia, 7 dias por semana, pensava na Índia e em quase nada mais. Me afastei da Mallory, que ficava cada vez mais inchada, e isso me entristecia, mas eu era uma vaca com uma missão. Pensava o tempo todo em como ir até lá. Tinha consciência de que era muito, muito longe, do outro lado do mundo, e que eu teria de cruzar um oceano. (Você já viu vaca nadar? Exatamente.) E eu não era uma dessas vacas que podiam pular sobre a lua para chegar lá. Não, eu precisava ir de avião. Onde encontraria um avião? Numa cidade. Onde ficava a cidade mais próxima? A uns oitenta quilômetros dali, o que não era tão longe assim. Então, se conseguisse chegar a uma cidade, poderia ir até um aeroporto, e, se conseguisse entrar num aeroporto, poderia procurar um voo para a Índia, e, se achasse um voo para a Índia, poderia embarcar no avião. Era um plano. Sim, havia vários poréns nele, mas não era impossível. E era muito melhor que a alternativa: morte, ser comida e transformada em sapato, casaco, sofá, banco de carro e luva de beisebol.

Então fechei com meu plano. Operação Índia. Esperaria o inverno acabar, quando o clima estaria mais favorável para uma viagem dessas, e andaria até a cidade e embarcaria num avião. Comecei a acreditar.

Mas também comecei a me sentir culpada. Estaria deixando para trás Mallory e meus outros colegas e amigos. Nem os touros idiotas mereciam aquele destino, o mesmo servindo para os galos idiotas, os porcos e os cavalos. Guardar só para mim aquele conhecimento estava acabando comigo, então resolvi contar meu plano para alguém: Mallory.

Uma noite, quando todos já dormiam, eu a cutuquei com o focinho… "Mallory, Mals — acorda…"

MALLORY

Ai, estou me sentindo tão gorda… O que foi?

ELSIE

Preciso te contar uma coisa.

MALLORY

O quê? Por que você tem sido tão pé no saco ultimamente, é isso o que vai me contar?

ELSIE

Bem, é… é. E também…

E então contei para ela basicamente tudo o que te contei; basicamente da mesma forma que te contei.

Na versão cinematográfica, haveria um fundo musical legal, de preferência um grande *hit* do verão passado, enquanto converso animadamente com Mallory e você vê os grandes olhos dela ficando cada vez mais esbugalhados. Tipo uma montagem, mas não exatamente. Veja bem, não estou dizendo ao diretor o que fazer, só estou dando uma sugestão. (Mas esta seria a melhor forma de filmar a cena, só digo isso.)

Quando terminei, Mallory estava boquiaberta e eu poderia facilmente tê-

la derrubado de lado no chão, pois ela estava atordoada. Ah, a propósito, a prática de derrubada de vacas é estúpida e nós estamos ligadas. Talvez comecemos a derrubada de seres humanos. Ou talvez só estejamos com vontade de deitar e dormir e não liguemos de ser empurradas por gente como você — já pensaram nisso, gênios? Vocês sabem quem são.

MALLORY

Ai, meu Deus.

ELSIE

Pois é, menina.

MALLORY

Não brinca.

ELSIE

Não tô brincando…

ELSIE E MALLORY *(falando juntas)*

Para tudo.

Houve um longo silêncio entre nós. Isso me fez lembrar dos velhos tempos, quando éramos tão íntimas e próximas que nem precisávamos falar para saber o que a outra estava pensando. Como irmãs. Então…

MALLORY

Como você vai…

ELSIE

Operação Índia.

MALLORY

Sugestivo.

ELSIE

Obrigada.

MALLORY

Você tem de.

ELSIE

De quê?

MALLORY

Ir.

Como eu disse — Mals e eu: como irmãs.

20

BABE, I'M GONNA LEAVE YOU
(*ver* Zeppelin, Led)

Semanas se passaram até a Operação Índia tomar forma. Eu possuía mapas que tinha de decifrar e precisava descobrir a melhor forma de entrar na cidade sem que ninguém desse queixa de uma vaca desgarrada. Quando chegasse lá, não fazia ideia de como entraria num avião. Só o que sabia era que não podia esperar mais. Uma noite, enquanto dormia e conversava com minha mãe, senti algo farejando perto das minhas patas. Quase morri de susto quando vi que era Jerry, o porco. Ele tinha cachos feitos de ervas daninhas penduradas nas orelhas e carregava um livro velho, esfarrapado e com capa de couro, que segurava com reverência. Creio que num roteiro isso seria chamado de começo do Segundo Ato:

JERRY

Colé?

ELSIE

Colé, você.

JERRY

Não, quero saber qual é a boa? Qual é o pó? O que tá rolando? Qual é a de todos esses mapas e dos sussurros com Mallory à noite?

ELSIE

Nada.

JERRY

Vou te dizer o que acho que tá rolando. Acho que você tá planejando dar o fora daqui.

ELSIE

Até parece.

JERRY

Para de caô, vaca. Você está pensando em meter o pé, vazar, chutar o pau da barraca, dar uma de joão sem braço e cair fora, picar a mula, ralar peito, cantar pra subir, dar linha na pipa, botar sebo nas canelas, muuuuudar de ares…

(A questão com o JERRY é essa — ele só para de dizer essas sequências sem fim de figuras de linguagem sinônimas se você o interromper. Ele poderia continuar para sempre, literalmente. Então, para preservar minha sanidade, tive de interrompê-lo.)

ELSIE

Tá. E se você estiver certo? E se eu estiver mesmo planejando isso?

JERRY

Bem, você já parou para pensar no que vai acontecer com o restante de nós, se você tirar o time de campo, sair de banda, rapar fora, se mandar…

ELSIE

Vocês vão ficar bem.

JERRY

Não, não vamos. O fazendeiro vai partir para cima de nós com duas pedras nas mãos, o tempo aqui na fazenda vai fechar, ele vai…

ELSIE

Tá. Mas aonde você quer chegar? E por que isso seria problema meu?

JERRY

Papo reto: quero ir também.

ELSIE

Não. Nem pensar.

JERRY

Você acha que é a única que sabe como a banda toca? Pensa que é a única que sabe de onde vem o ganha-pão do fazendeiro…

ELSIE

Jerry!

JERRY

Foi mal. É uma mania minha, eu sei. Vou ficar de olho, sabe, em cima do lance, droga, foi mal — o que estou tentando dizer é que conheço o outro lado da moeda, mulher. Eles vão comer você exatamente como vão me comer. É um maldito de um holocausto isso aqui.

(Fiquei em silêncio. Eu sabia que JERRY tinha razão, mas não sabia o que eu

poderia fazer. Uma vaca viajando já é ruim o suficiente, mas uma vaca e um porco, esquece. Mas JERRY continuou.)

JERRY

E eu tenho habilidades. Habilidades incríveis. Porcos são megainteligentes. As pessoas gostam de nós. Posso ajudar.

ELSIE

Ouça, Jerry, mesmo que eu pudesse levar você, o mesmo aconteceria na Índia. Eles o comeriam lá assim que pusessem os olhos em você. Aparentemente, carne de porco é muito gostosa.

JERRY

Golpe baixo, cara. Você consegue dizer "hambúrguer"?

ELSIE

Foi mal. Mas é verdade. As vacas são sagradas na Índia, mas os porcos são apenas… bem, porcos.

JERRY

Você está com seu mapa aí?

(E eu estava. Tinha roubado um mapa-múndi e alguns volumes da *Enciclopédia Britânica* de dentro da casa para pesquisar e traçar todas as minhas rotas. Sabia que a família não daria falta deles, porque agora acham todas as informações de que necessitam em seus celulares. Pensando bem, um celular até que seria muito útil, mas como será que eu iria fazer para usar a tela *touch screen* do telefone com meus bons e velhos cascos?)

JERRY

Passa pra cá.

JERRY *desenrolou o mapa com a boca, enchendo-o de muco suíno, o que não achei nada legal.*

JERRY

Dá uma olhada aqui.

Ele apontou com o focinho achatado e arredondado para algum lugar no Oriente Médio, a região nativa das vacas, mas longe da gloriosa Índia.

ELSIE

O quê? Iraque?

JERRY

Não, Iraque, não. Aqui, bem aqui. Israel, *baby*.

ELSIE

Israel? O que tem em Israel?

JERRY

Não tem nada em Israel. É o que eles fazem em Israel, ou, mais especificamente, o que não fazem.

ELSIE

O que é, Jerry, que as pessoas fazem ou deixam de fazer em Israel?

JERRY

É uma coisinha que eu gosto de chamar de "*kosher*".

ELSIE

O que é *kosher*?

JERRY

É um regime alimentar antigo dos judeus. Proibições. Mandamentos. *Restric-cio-nes*. [*Ele falou restrições assim mesmo, em espanhol*.]

ELSIE

O que são judeus?

JERRY

É uma longa história, alguns dizem que é a melhor história já contada, mas, basicamente, judeus são cristãos com costeletas mais compridas. E com mais senso de humor.

ELSIE

Quê?

JERRY

E chapéus engraçados.

ELSIE

Quê?

JERRY

A quipá… A solução original para a calvície.

ELSIE

Quê?

JERRY

Você e todo esse quê, quê, quê… Olho na bola, vaca; presta atenção no serviço e ouve bem a real que eu vou te dar. Antigamente os judeus achavam que os porcos eram impuros por algum motivo que os historiadores ainda debatem. Eles nos chamavam de suínos, nos chamavam de "*treif*" (assim como aos moluscos, não me pergunte por quê). Eles tinham nojo de nós. Dá para imaginar uma coisa dessas? Não dá. [*Ele ergueu o velho livro.*] Essas são as pessoas do livro. A palavra, a lei.

ELSIE

Que livro palavra lei?

JERRY

Esta é a Torá, o Velho Testamento, mas eu chamo só de testamento porque não precisava de um novo; acertou tudinho de primeira.

ELSIE

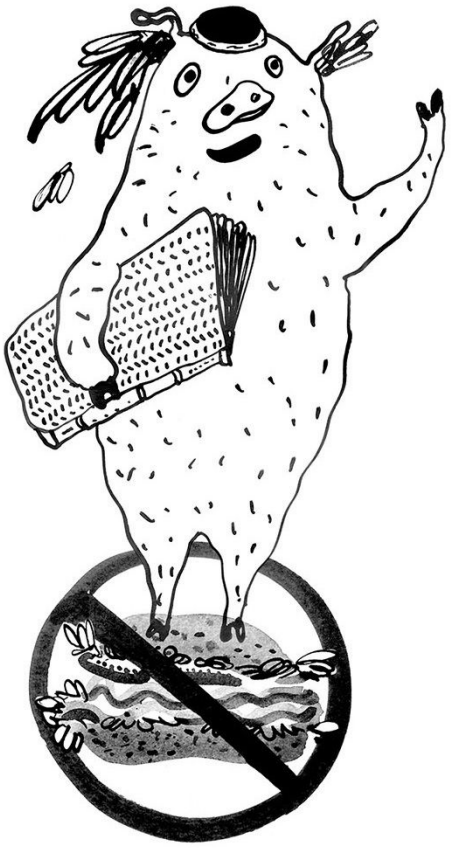
Tá, tá, mas o que você está descrevendo parece terrível, por que você iria para um lugar em que é odiado?

JERRY

O ódio pode ser tão útil quanto o amor.

ELSIE

Não estou entendendo nada, mano.



"Pode me chamar de Shalom."

JERRY

Porque eles odeiam tanto os porcos que não nos comem!

ELSIE

Ahhhhh…

JERRY

Vai ser o Paraíso na Terra. Vou andar pelas ruas e as pessoas vão sair da frente como se eu fosse o Clint Eastwood. Ninguém vai falar comigo, não vão nem olhar para mim, mas, melhor ainda, não vou acabar nos pratos deles ao lado de algum maldito molho de maçã!

Preciso admitir, Jerry tinha um argumento bastante válido, e concordei que ser um pária era melhor que ser comido, especialmente para alguém com as habilidades sociais atrofiadas de um Jerry, que pode de fato acabar gostando de viver a vida de um antagonista. Eu seria uma deusa e ele, um diabo, e ambos continuaríamos vivos. Os humanos são ridículos, mas nós estávamos desesperados. Então cedi. E concordei. Disse que ele poderia ir comigo e que eu faria o melhor que pudesse para chegar à Índia e fazer com que ele chegasse a Israel, mas que não podia prometer nada. Ele sorriu, roncou, beijou meu joelho com seu focinho e disse: "Ano que vem em Jerusalém, amiga." E acrescentou: "Pode me chamar de Shalom."

21

E LÁ VAMOS NÓS: TURQUIA

Por fim, minha rota até a cidade estava definida. Jerry, digo, Shalom, era um pé no *tuchus*, mas estava se mostrando bastante útil no quesito logística. Tenho de admitir, ele é muito inteligente. Uma noite, uns três dias antes de Shalom e eu darmos no pé, eu estava parada, pensando na vida na Índia e em como seria divertido ser idolatrada como deusa, quando escutei um barulho muito estranho vindo de perto da porta do celeiro, meio que o som de algo se arrastando e gargarejando, como se alguém estivesse tentando engolir um monte de bolinhas de gude ao mesmo tempo que dizia as palavras "bolinhas de gude". Algumas áreas do celeiro eram claras, nos lugares em que as janelas deixavam entrar a luz do luar, e, o que quer que fosse aquilo, estava andando, talvez *desfilando* seja uma palavra melhor, até que chegou a um ponto em que pude ver quem era. Um peru.

Nós, vacas, não conhecemos bem os perus. Eles são meio que mantidos numa área afastada. Às vezes passamos por eles quando saímos para o pasto, mas raramente conversamos. Eles sempre me deram a impressão de ser muito nervosos, o tipo de nervoso que esgota a sua paciência e acaba deixando você nervoso também, então você evita isso, e a eles. Mas não pude evitar esse peru porque ele vinha andando bem na minha direção.

PERU

Você é Q, a vaca previamente conhecida como Elsie Bovary?

ELSIE

Quem quer saber?

PERU

Turquia, Tom Turquia.

Ele falou do mesmo jeito que "Bond, James Bond" fala, o que me levou a conter uma risada. Reagi como se estivesse com uma pena de galinha na garganta.

TOM

Meleagris gallopavo, cara *mamma-san*. Não confundir com *Numida meleagris*, a galinha-d'angola. Está tudo bem aí, garota? Porque sou tipo um mestre na manobra de Heimlich.

ELSIE

Não, não, está tudo bem. Estou bem.

(Quando chegou mais perto, vi que este peru não se cuidava. Era magérrimo e as penas estavam todas desgrenhadas, cada uma apontando para um lado. Mesmo assim, parecia um tanto vaidoso e cheio de si, e seu andar empertigado e confiante lembrava o de um cafetão de um filme *blaxploitation* dos anos setenta.)

TOM

Imagino que, a essa altura, você esteja perguntando a si mesma: "Si mesma, qual é a desse pedaço de mau caminho de peru, e por que ele está vindo com

toda essa ginga pro meu lado, vaca sortuda que sou?"

ELSIE

Não. Não passou nem perto.

TOM

Qual é, gata, vamos admitir a verdade.

ELSIE

Eu estava me perguntando quando foi a última vez que esse pingo de ave que não voa comeu. Rapaz, como você é magro.

TOM

Obrigado por ter reparado.

ELSIE

Tem uma gororoba aqui que os porcos deixaram e uma ração de galinha que as penosas não deram conta de terminar.

E, com isso, a calma do peru foi pro saco e ele perdeu a linha e toda aquela fanfarronice gingada de cafetão. Reagiu à comida do jeito que o Drácula faz quando vê um crucifixo.

TOM

Leve essa comida para longe de mim! Você é louca?

ELSIE

O que foi? É que você parece que precisa comer alguma coisa, só isso. Sua aparência está péssima.

TOM

Sou todo músculos, gatinha. Só músculo, cartilagem e osso.

TOM *fez uma pose de fisioculturista, o "arqueiro".*

ELSIE

Você devia comer. E não me chame de "gatinha".

TOM

Não posso comer.

ELSIE

Por que não?

TOM

Porque senão vou engordar.

ELSIE

Ah, você é um desses anoréxicos! Já ouvi falar disso. Ou bulímico. Ou tem transtorno dismórfico corporal. Você é um pato aprisionado no corpo de uma galinha aprisionada no corpo de um peru? Um perupatolinha? Qual desses?

TOM

Nada disso! Sou total *compos mentis* na *cabeza*. Você entendeu tudo errado. Não sou desses. Novembro está chegando!

ELSIE

E o que acontece em novembro, você voa para o sul e quer ficar com o corpo bonito para usar seu *mankini*? Ah, peraí, você não voa…

TOM

Será que vou precisar desenhar? Toda última quinta-feira de novembro — Dia de Ação de Graças!!! Todo mundo nos Estados Unidos, e estamos falando de milhões de pessoas, vai comer peru. Milhões de nós são abatidos todo ano em um dia macabro!!!

ELSIE

Que chato, mas pelo menos é um dia só.

TOM

É por isso que estou magrinho. Minha esperança é que eles olhem para mim e pensem: "Isso não é coxa que se preze."

ELSIE

Parece um bom plano. Boa sorte.

TOM

Preciso de mais que sorte. E, na verdade, eu tenho um plano.

ELSIE

Ai, meu Deus… Lá vamos nós…

TOM

Ouvi dizer que você tem um mapa.

Tente manter alguma coisa em segredo numa fazenda. Impossível. Empurrei o mapa para o peru. Ele o desenrolou com o bico. Fiquei impressionada com sua destreza.

TOM

Aqui.

Olhei para onde ele estava embicando — parecia ser algum lugar no Oriente Médio de novo. Aparentemente, tudo sempre acabava no Oriente Médio.

ELSIE

Iraque?

TOM

Iraque, não. Turquia!!!

ELSIE

Ah, é, Turquia é o nome de um país. E seu sobrenome.

TOM

É, e você acha que há alguma chance de eles quererem comer alguém da família Turquia? Esse é meu país, esse é meu povo. Lá serei como alguém da realeza — em vez de acabar num sanduíche, serei herói! Pode ser que eles me coroem rei. Meu sobrenome está no dinheiro deles. Serei tão rico quanto Creso. Preciso ir para a Turquia.

ELSIE

Tá, admito, você tem um argumento válido aí, Tom Turquia, mas já estou viajando com um certo peso, um porco que tenho de fazer chegar a Israel. Uma ave só vai me atrasar ainda mais, e, além disso, você é uma ave que não voa. Você é um oximoro.

TOM

Essa doeu. Não precisava me xingar.

ELSIE

Não xinguei. É uma figura de linguagem.

TOM

Mesmo assim doeu.

ELSIE

Não tenho tempo para isso.

TOM

Tá, mas e se eu agregasse valor a essa empreitada, ao invés de subtrair? Porque é assim que eu sou: todo agregador, nada subtraidor…

ELSIE

Aonde você quer chegar?

E eu não faço ideia de onde ele tirou aquilo, porque os perus não possuem bolsos, mas, sob o luar prateado, ele aproximou de mim o que claramente era um telefone celular, aquilo que eu mais desejava ter para a viagem.

ELSIE

Impressionante. Mas é inútil para mim. Não consigo usar isso com meus cascos, e nem Jerry… ou melhor… Shalom.

TOM

Saca só.

Juro que aquele peru atrevido piscou para mim. E, com isso, começou a bicar o telefone como uma adolescente ao ouvir o

sinal da saída na escola. Ele tinha o aplicativo da previsão do tempo, o OnStar, o Über, e até a Siri estava à sua disposição. Eu me controlei para não gritar, tentei disfarçar minha empolgação, e falei…

ELSIE

Você está dentro.

22

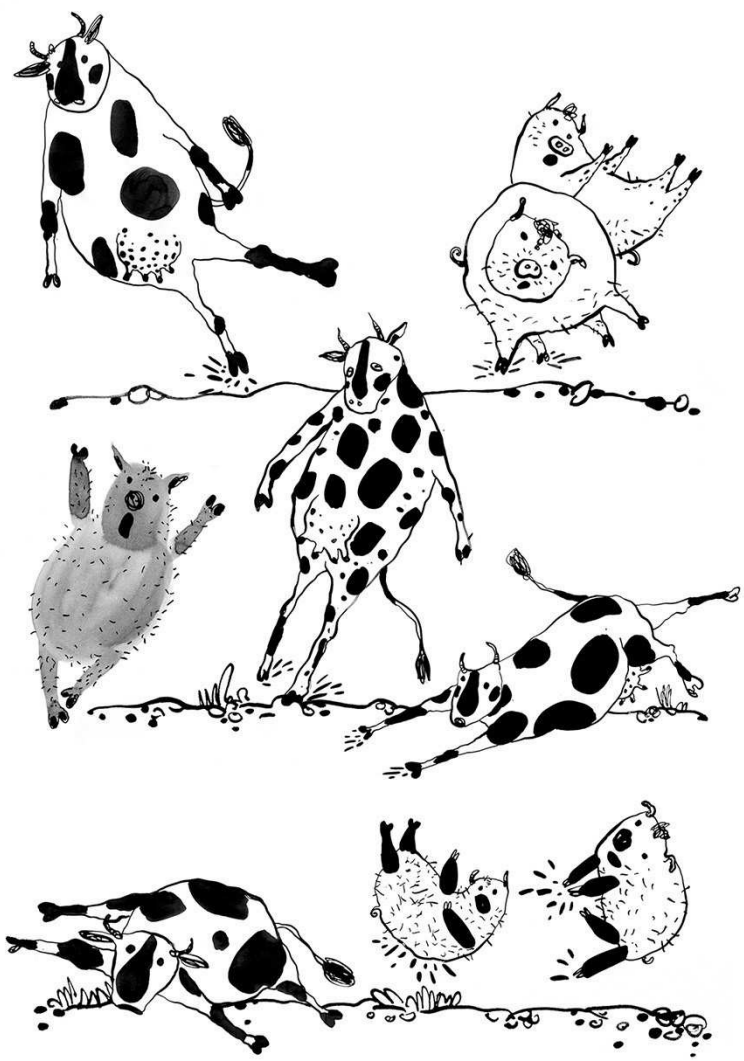
UM INSTANTE

Os dias seguintes passaram como um borrão. As noites foram preenchidas com planejamentos sussurrados enquanto Shalom, Tom e eu finalizávamos nossa rota e tentávamos descobrir a melhor forma de usar o celular sem acabar com a bateria. Também tivemos de praticar andar em duas pernas, pelo menos Shalom e eu, para que pudéssemos nos misturar ao povo sem chamar muita atenção para nós, criaturas quadrúpedes, o que não foi nada fácil. Ralamos muito, noite após noite.

Pense nessa cena (alerta de roteiro!) como naquela montagem com a trilha sonora do filme *Rocky, um lutador*, em que ele está treinando para a grande luta. Foi quase igual, a diferença é que não terminou com alguém socando a carcaça pendurada de uma vaca. (Isso pareceu meio amargo da minha parte? É, talvez eu esteja um tanto amargurada. Vou ter de pensar um pouco nisso.)

Na tarde anterior à noite em que planejávamos ir embora, todas nós, vacas, saímos para pastar. Mallory estava enorme. Pronta para parir a qualquer momento, e eu com pena porque não estaria lá para o nascimento, quando de repente ela soltou um mugemido baixo e se deitou de lado. Por algum motivo os touros souberam antes de nós o que estava rolando. Eles

estavam enfileirados junto à cerca, Steve tão nervoso quanto qualquer pai. Mallory mugia de dor, mas não dava para saber se fazia careta ou se sorria, e, então, quase tão rápido quanto começou, ali estava, a bezerra, se derramando para fora da Mallory como uma surfistinha surfando uma marola, e imediatamente tentando ficar de pé, imediatamente tentando fazer parte desta vida.



"Também tivemos de praticar andar em duas pernas."

Foi aí que reparei no fazendeiro e em seus filhos assistindo àquilo tudo de outro ponto ao longo da cerca. E, por um instante, foi como se essa bezerrinha tivesse nos unido, homens e animais. Notei que o homem sorria.

Seria uma lágrima aquilo que vi brotando no canto do olho dele? Apenas por um instante, no momento do nascimento, eu tive a sensação de que todos éramos um só no planeta verde, e que tudo ia ficar bem. Mas isso foi só um instante, e instantes, por definição, são instantâneos, e passam. Então ouvi um dos garotos fazer uma piada sobre toda aquela placenta gosmenta no chão, e os touros na maior algazarra como se tivessem realmente feito alguma coisa, e, de uma hora para outra, o instante passou, substituído pela realidade.

E a realidade era que Mallory tinha dado à luz uma bezerrinha, uma bebezinha linda e saudável. E, mesmo sendo evidente que ela estava morta de cansaço, Mallory lambia o sangue e a gosma viscosa da recém-nascida enquanto esta se punha de pé com as pernas bambas.

— Vou chamá-la de Elsie Jr. — disse Mallory.

Foi minha vez de chorar.

23

PARTIR É MUITO DIFÍCIL

Quando o sol começou a se pôr, Mallory acordou de sua soneca prolongada, e Elsie, sua bezerra, ainda dormia ao lado dela. Mallory parecia diferente. Eu não conseguia apontar direito o que era, principalmente porque não tenho dedo para apontar, mas também porque era algo enigmático. Ela se parecia com alguém. E então caí em mim — ela se parecia com a minha mãe. "Mallory", falei.

ELSIE

Vou partir esta noite.

MALLORY

Eu sei.

ELSIE

E sei que você não pode vir comigo, mas voltarei para buscar você e a Elsie Jr., assim que descobrir como fazer isso.

MALLORY

Não.

ELSIE

Não, o quê?

MALLORY

Não volte para me buscar, eu não vou com você. Não vou sair deste lugar.

ELSIE

Como pode dizer uma coisa dessas? Sabe o que vão fazer com você? Sabe o que eles podem acabar fazendo com a pequena Elsie. Você já sabe de tudo sobre a palavra que começa com "V".

MALLORY

Eu sei, mas esta é a única vida que eu conheço, a única que todas as vacas da minha família conheceram. Não sou corajosa como você. Você nasceu para explorar, para descobrir coisas novas. Eu não. Sei que não tenho muito tempo aqui na fazenda antes que eles me matem, e sei que vão matar minha bebê depois, mas todos temos de morrer um dia e quero que o pouco tempo que tenho aqui seja pacífico, no pasto, brincando com minha menina e o pai dela. Você pode não ver beleza nessa vida, mas eu vejo. E só um dia dessa vida é tudo para mim. Não me odeie, por favor. Você pode até achar que sou covarde, mas não me odeie.

ELSIE

Não odeio você, Mals, e não acho que seja covarde. Na verdade, você é a mulher mais corajosa que já conheci.

Eu estava falando sério. Talvez *eu* fosse a covarde por estar fugindo. Ou talvez nós simplesmente fôssemos diferentes, nascidas para vidas diferentes,

e cada uma de nós estava fazendo o que tinha de fazer. Eu me debrucei na Mallory com todo o meu peso, que é como as vacas se abraçam. Os olhos dela se fecharam e ela caiu no sono de novo recostada em mim. Já era noite. Ouvi um farfalhar nos fundos do celeiro, ergui o olhar e vi um porco cambaleante apoiado nas pernas traseiras e um peru com um celular, esperando por mim. Era hora de ir. Fui devagarinho ao encontro deles.

No momento em que saía do celeiro pela última vez, eu me virei e tive uma vontade incontrolável de ficar. Por que será que na hora de deixar algo para trás é que mais damos valor àquilo? Meu coração estava cheio de amor por todos os animais, até as galinhas, até os cães, até os fazendeiros, e minha mente vagou para o passado de todos os dias preguiçosos que tivemos — minha mãe e eu no pasto, Mallory e eu conversando a noite toda. Tantas lembranças.

Mas eu precisava ir. Quando me virei, o porco olhava para mim. E disse:

— Partir é muito difícil. Mesmo este lugar sendo um horror. Ir embora de qualquer lugar é muito difícil.

24

MANCHETE: VACA PULA SOBRE A LUA
(seguida por um porco e um peru)

A noite estava agradável, a temperatura beirando os vinte graus, o céu claro, nenhuma ameaça de chuva. Só o barulho dos meus cascos na grama e o eventual "*Oy*, minha boca está tão seca, alguém tem uma bala?" de Shalom. Andamos em silêncio por um bom tempo; acho que estávamos em estado de puro êxtase.

— Setenta e cinco milhões de pessoas, expectativa de vida, 71,1 anos, eu vou viver até os 71,1 anos!

O glutão pesquisava no Google, pelo celular, curiosidades sobre a Turquia.

— Vocês sabiam que a Turquia é habitada desde o período Paleolítico?

Não, nós não sabíamos.

— E agora, valendo o Daily Double [*ver* Trebek, Alex]: sua localização entre a Europa e a Ásia faz dele um país de importância geoestrategicamente importante? — Ninguém deu a mínima. — A resposta certa é: claro que sim! Vai Turquia, vai Turquia, hoje é seu dia!

Shalom levantou uma das patas.

— Ssshhh, silêncio, vocês escutaram isso?

Paramos para ouvir — grilos, não muito mais que isso — e então o silêncio foi quebrado pelo uivo distante de um lobo. Shalom olhou para mim com aquela cara de "Ai, droga". Falei que o uivo parecia estar vindo de pelo menos dois quilômetros dali e que ele não precisava se preocupar, mas no fundo fiquei tensa. Uma coisa é você ouvir o uivo de um lobo e achar lindo aquele som quando está em segurança dentro de uma área restrita e protegida por homens e cães, mas a coisa muda de figura quando não há nada além do vento noturno entre você e o animal selvagem. Eu sempre me considerei uma criatura destemida, mas essa noite perdi minha convicção.

— A Turquia é governada por presidentes desde 1923. Talvez eu me candidate nas próximas eleições.

Jesus.

— As águas que banham a Turquia são o Bósforo e o mar de Mármara. Não é um nome lindo?… *Már- ma-ra… Már-ma…*

Shalom não se conteve.

— Já chega dessas curiosidades sobre a Turquia. Você vai usar tanto o telefone que a bateria vai acabar e aí o que vamos fazer, hein, Einstein?

— Tá — disse Tom, mas não conseguiu se controlar. — O lema da Turquia é: "A soberania pertence incondicionalmente à nação." Não sei o que isso significa, mas já gostei. Tá, tá, fechando o navegador, desligando o celular.

Continuamos andando, falando alto sobre coisas bobas para mostrar que não estávamos assustados, rindo um pouco alto demais de piadas quando o uivo parecia ficar cada vez mais próximo. Já tínhamos percorrido mais de três quilômetros quando uma figura se destacou da noite a uns dez metros de nós, bloqueando o caminho — como se num instante estivesse invisível e, no seguinte, totalmente visível, como se a escuridão em si tivesse tomado forma.

A forma de um lobo. Um lobo solitário.

— Vejam só o que temos aqui… — disse o lobo, com um sorrisinho

irônico.

Shalom se sujou todo na hora.

— Foi mal — disse ele. — Sou meio cagão.

Eu nunca tinha participado de uma briga, quanto mais de uma briga até a morte, mas algo me disse que hoje seria a primeira vez.

25

SHALOM ROUBA A CENA

— Uma vaca, um porco e um peru entram num bar… — foi o que o lobo disse. Seus dentes brancos refletiam a luz do luar de um jeito sinistro. — Isso não é uma piada? — perguntou ele.

— Não conheço essa, não — respondeu Shalom. — Não está na Torá.

— Odeio piadas, elas mascaram uma hostilidade latente — comentou Tom.

— É, tá — disse o lobo. — Eu não me lembro direito de como a piada termina… Uma vaca, um peru e um porco entram num bar e o barman diz… ah, peraí, me lembrei… O barman diz: "O jantar chegou!"

— Essa piada não faz o menor sentido — disse Tom.

Dava para ouvir o bico dele batendo porque o medo havia secado toda a saliva. Eu tinha certeza de que todos conseguiam ouvir minhas pernas tremendo, os joelhos batendo um no outro.

— Adoro essa piada — disse o lobo. — É minha preferida. Então, já deu para ver que vocês estão longe de casa e meio perdidos, e eu tenho pena de vocês, tanta pena quanto um lobo pode ter, que não é muita, e não estou com tanta fome assim, então por que você, vaca, e você, porco, não continuam andando e me deixam conversar sobre os pratos do dia com

aquele peru ali?

Tom pareceu que ia desmaiar. Foi quando entrei em cena.

— Nós fugimos da fazenda. Estou indo para a Índia, Shalom, para Israel, e o peru vai para a Turquia. É uma viagem histórica.

— Ei, só um instante. — O lobo ergueu uma pata para me interromper. Vi que salivava, a baba escorrendo em fios grossos de sua papada. Ele olhou para o porco previamente conhecido como Jerry. — Você aí, porco, seu nome é Shalom?

— É.

— Engraçado. Você não parece judeu — disse o lobo, e caiu numa gargalhada que terminou numa série macabra de uivos. Até onde sabíamos, ele podia muito bem estar chamando os companheiros de matilha para jantar, em lobonês. — Na verdade, sou judeu por parte de pai, mudamos o sobrenome de Lobosheim para Lobo quando viemos do Canadá. Mas você está sem sorte porque sou desses que renegam suas origens.

Shalom não se aguentou. Apontou para Tom.

— A carne dele é branca!

Tom também apontou para Shalom.

— A carne dele também é branca!

As coisas estavam indo de mal a pior muito rapidamente, e já estávamos nos entregando. Eu precisava pensar rápido.

— Escuta aqui, lobo — falei, tentando parecer o mais durona possível (de repente com um jeito nova-iorquino de falar) —, somos todos animais aqui, talvez alguns sejam um pouco mais selvagens que outros, é verdade, mas somos todos irmãos e irmãs que foram enganados pelos seres humanos. Fomos criados e engordados só para o abate, e vocês, vocês levam tiros e tiveram seu terreno de caça tradicional injustamente invadido pelo Homem.

Sentia que aquele momento me emprestava um certo grau de eloquência.

— E se lutarmos uns com os outros, então, quem vencerá?

— Eu? — retrucou o lobo. — Eu venceria uma luta com vocês.

— Não. Os humanos vencem, nosso inimigo comum.

— Ahhhh, entendi o que você quer dizer. — O lobo fez que sim com a cabeça. — É, inimigo comum. — Talvez houvesse alguma esperança, mas o lobo continuou: — Eu não sou politizado. Vou ficar com o peru mesmo.

E partiu para cima de Tom com aquele deslizar furtivo e rente ao chão típico dos lobos, os olhos de conta implacáveis. Vi o rosto apavorado de Tom acender com a luz do celular, seu monco tremendo sem parar.

De repente, do nada, um lampejo cor-de-rosa surgiu na escuridão, e o lobo saiu rolando de lado como se tivesse sido empurrado por mão invisível, soltando um gemido patético. Que diabos?

Shalom havia tomado distância, saído em disparada e lançado o peso de seu corpo inteirinho em cima do lobo. E Shalom é um cara gordo. O bicho é um porco.

O lobo ficou atordoado, momentaneamente desequilibrado, mas pude ver a força bruta e o instinto lupino voltando ao olhar dele aos poucos.

— Tudo bem, gorducho, por causa desse pequeno ato, você acabou de se transformar em sobremesa. É o sonho de todo americano: costeleta de porco e bacon como sobremesa.



"Do nada, um lampejo cor-de-rosa surgiu na escuridão."

O lobo recobrava o fôlego que havia perdido com a trombada de Shalom. Eu sabia que só tinha alguns segundos, então me lancei à frente e comecei a pisotear o lobo da melhor forma que eu conseguia. Não sou ágil, mas sou forte e pesada, e senti uma ou duas vezes algo macio e molengo sendo achatado debaixo de mim.

Agora o lobo uivava de dor. Com certeza quebrei uma ou duas patas dele, talvez uma perna também. Ele saiu mancando e adentrou a escuridão

de onde tinha vindo. Eu bufava como um touro quando a voz do lobo soou de novo, do meio do breu, com uma ameaça.

— Eu voltarei, amiguinhos; voltarei com minha matilha.

Com o lobo mancando, Tom finalmente recuperou a coragem e grugulejou:

— Pode vir, filho, você acabou de ter o traseiro entregue de bandeja por uma vaca leiteira! E este porquinho aqui fez de você a "noivinha" dele! Vai, traz seus amigos, nós vamos contar para eles que um peru vaidoso, um porco gorducho e uma vaquinha botaram você para correr! Toma essa!

26

VACA DO CAMPO, VACA DA CIDADE

Seguimos em frente, os ouvidos atentos para a matilha. Já estávamos ficando cansados de andar tantos quilômetros, mas, assim que vimos os arranha-céus da cidade no horizonte, aquela visão restaurou nossa energia como uma boa noite de sono. Não falávamos nada havia um bom tempo. Eu quis descontrair, então disse para Tom:

— Vaquinha? Sério?

— É — reclamou Shalom. — E quem aqui é gorducho? Meu metabolismo é lento. Sou robusto, tenho os ossos largos…

— Qual é — retrucou Tom. — Eu tive de improvisar, vocês não podem me culpar, e sou uma ave livre, falo o que me dá na telha.

— E o que você estava fazendo com o celular quando o lobo partiu para cima de você? — perguntou Shalom. — Ia tentar impedir o avanço dele compartilhando informações da Wikipédia sobre a Turquia, ou talvez ofuscar a visão dele com seu aplicativo de lanterna?

Nós rimos. E andamos, e rimos um pouco mais para aliviar a tensão, e quando nos demos conta de que estávamos a pouco mais de um quilômetro da cidade, decidimos dormir para estar em perfeita forma no dia seguinte. Nos revezamos mantendo sentinela. O lobo nos havia assustado.

Pela manhã, o plano era tentar reservar passagens aéreas para Índia, Israel e Turquia, e então seguir até o aeroporto com nossos disfarces. Eu tinha memorizado o número dos cartões de crédito do fazendeiro — Visa e Amex — então estava confiante de que conseguiríamos comprar as passagens. Assim que estivéssemos com elas, o resto seria fácil. Nós tínhamos o celular, e, com o bico do Tom, podíamos apertar as teclas certas.

Numa estradinha nos limites da entrada da cidade, nós paramos e nos conectamos com a internet. Funcionou que foi uma beleza, e, ainda que Tom tenha bicado uma tecla ou outra errada, nós completamos o serviço e conseguimos que três passagens estivessem esperando para ser retiradas por nós no aeroporto — uma para Mumbai, uma para Tel-Aviv, e uma para Istambul. (Sem escalas! :))

Ia dar tudo certo! Eu nem podia acreditar, ia dar tudo certo. Bebemos água de um riacho próximo e partimos para a selva de pedra.

A compra das passagens foi uma coisa; conseguimos fazer isso sem precisar falar. Mas agora tínhamos de descobrir uma forma de chegar ao aeroporto sem que fôssemos parados no meio do caminho.

Vagando pela cidade, com o asfalto causando irritação em meus cascos, vimos um homem de avental sair pela porta dos fundos de um bar e ir em direção a uma caçamba de lixo num beco imundo, colocando dentro dela o que parecia ser um monte de comida boa, jogando tudo fora. Tipo uma quantidade de comida que daria para uma semana.

Nos aproximamos devagar da caçamba de lixo. Alguns ratos já brigavam pela comida. Eles se viraram para nós com olhares assassinos. Eu falei:

— Não se preocupem, queridos ratos, parece que há comida suficiente para todos.

— Suficiente para todos… Rá! O que vocês estão fazendo aqui, caipiras? Este território é dos ratos. Vocês não vão sobreviver três dias aqui. *Welcome to the jungle, baby, you're gonna die*! — (*Ver* Rose, Axl.)

E então o pestinha veio para cima de mim e me mordeu a pata, que começou a sangrar. Eu não conseguia acreditar naquilo. Ele riu.

— Quer ficar doidona? — perguntou ele. Esse guri era louco. — Tenho altas paradas aqui, se quiser.

Meu queixo caiu, fiquei sem palavras. Ele riu de novo.

— Você vai voltar para me procurar.

E lá se foi ele. Quando já sumia de vista, se virou e falou:

— Ah, e, porquinho — zombou —, eu deixei uma coisinha especial aí para você. *Buon appetito*, jeca.

Olha, eu não gosto de julgar animal nenhum, e conheci alguns ratos lá na fazenda que eram gente boa, inteligentes, esforçados, empreendedores — a família era muito importante para eles, uma espécie consistente. Mas os ratos daqui eram estranhos, e a única conclusão a que consegui chegar foi que viver numa cidade grande e sem contato com a natureza tem seu preço, pode levar você à loucura. Porque esses ratos da cidade eram verdadeiros lunáticos. Ratazanas da pior qualidade.

Nós três mergulhamos na caçamba. Fiquei chocada com o que as pessoas jogam fora. Dava para alimentar dezenas de animais com esse pseudolixo, pães pela metade, arroz, legumes e verduras. Nada daquilo fazia sentido, as pessoas não faziam sentido, mas estávamos famintos, então simplesmente caímos de boca. Eu mastigava uma alface quando ouvi um gritinho atrás de mim. Era Shalom. Estava paralisado, os olhos esbugalhados de medo, os lábios tremendo como os de um bebê. O que foi?, perguntei. O quê? O quê? Mas o gato havia comido a língua dele, e Shalom só conseguia apontar. Ali, num pedaço de pão coberto com sementes de papoula, estava uma substância branca cremosa, com uma aparência meio nojenta, exibindo um tom levemente esverdeado de coisa que ia começar a estragar. Nunca tinha visto aquilo. Cheirei. O cheiro era bom. Lambi. O gosto era bom.

SHALOM (VULGO JERRY)

NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOO!

Parei no meio da lambida como se alguém fosse tirar uma foto minha. SHALOM *tentava falar, mas não conseguia.*

SHALOM

MMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM…

ELSIE

Mmmmmmmmmmmm o quê?

SHALOM

MMMMMMMMMAAAAAAAAAAAA

ELSIE

Mããããããããããããããããããe?

SHALOM

MAIONESE! MAIONESE! MAIONESE!

ELSIE

Tá, tá, é maionese. Por que o chilique?

SHALOM

MAIONESE! MAIONESE! MAIONESE!

ELSIE

Para de gritar!

TOM *veio balançando as asas e, fazendo que sim com a cabeça*

como o médico-legista de um programa de TV de segunda categoria, falou baixinho…

TOM

Ah, é, maionese…

SHALOM

MAIONESE!

ELSIE

O que diabos está acontecendo?

TOM

Existe um sanduíche muito popular entre os humanos, um que tem sido popular há décadas, que contém maionese no molho. O sanduíche é chamado de [*sussurrando*] BLT. [*Ele o pronunciou como "blit".*]

ELSIE

Um blit?

SHALOM

BLT!

TOM

Bem, como falar isso de uma forma delicada?… O L e o T são as iniciais de *lettuce* e *tomato*, ou seja, alface e tomate.

ELSIE

Tudo bem.

SHALOM

NÃO ESTÁ TUDO BEM!

TOM

E o B é a inicial de…

SHALOM

Não fale! Não diga a palavra que não deve ser dita!

TOM

Bacon?

SHALOM

Não, a palavra que começa com B, não!

E ele começou a se sacudir todo, batendo a cabeça na parede interna da caçamba, tentando se afastar do sanduíche. Eu entendi. A palavra que começa com B dele era igual à minha palavra que começa com V. Acho que todos temos nossas palavras. Nada agradável. TOM *colocou* SHALOM *sob sua grande asa e o consolou, acariciando seu focinho.*

TOM

Tá tudo bem, tá tudo bem. É tudo muito psicológico, provavelmente é algo que vem desde a mãe dele, aquela porca, mas… um… ba-pa-con-pon.

SHALOM

O quê? O que você disse?

TOM

Ba-pa-con-pon, quê? Nada… enfim, ba-pa-con-pon é como kryptonita para os porcos, isso e pre-pre-sun-pun-to-po.

SHALOM

O quê? Você acha que não sei falar a língua do P? Foram os porcos que inventaram a língua do P!

ELSIE

Então era disso que aqueles ratos estavam falando…

TOM

Relaxa, eu disse pre-pre-sun-pun-to-po. Enfim, são coisas que tocam na feri… MOLHO DE CRANBERRY! MOLHO DE CRANBERRY! MOLHO DE CRANBERRY!

De repente, do nada, TOM *perdeu a cabeça, e começou a pular, tremendo descontroladamente, as asas batendo nas comidas e lançando-as para todo lado. Incluindo uma substância gelatinosa vermelha tão inorgânica que ainda preservava as marcas da lata na qual estivera contida.*

ELSIE

E? Molho de cranberry… qual é o problema?

SHALOM

Não seria o mo-po-lho-po de-pe cran-pran-ber-per-ry-py?

TOM

Qual é o problema, você pergunta. Qual é o problema, ela pergunta. Qual é o problema. Eu vou te dizer qual é o problema. Todo Dia de Ação de

Graças, ao lado da ave morta, ao lado do peru assassinado, eles colocam um pote de molho de cranberry. O molho de cranberry é um traidor. O molho de cranberry é o facilitador do Dia de Ação de Graças. O molho de cranberry é o Benedict Arnold dos condimentos. Cranberries dão em pântanos e deveriam ficar nos pântanos. O que é um pântano?

SHALOM

MOLHO DE MAÇÃ!

ELSIE

Ai, droga, lá vamos nós outra vez.

Naquele momento eu tinha um peru pulando e gritando "molho de cranberry" e um porco ainda fixado no bacon e agora preocupado que cos-pos-te-pe-le-pe-tas-pas de-pe por-por-co-po possam estar à espreita perto do molho de ma-pa-çã-pã — tudo de que ele precisava era uma rodela de to-po-ma-pa-te-pe para sair gritando descontrolado. E fiquei me perguntando se eu seria o último animal na Terra a se dar conta de que os humanos não só nos comem, mas também jogam muitos de nós fora sem nem nos comer. Nos jogam fora como um lixo desprezível. Se vou ser morta para virar comida, pelo menos me coma e me cague e me deixe reingressar no ciclo da natureza. Não me mate sem motivo. E foi aí que vi — um hambúrguer pela metade. E foi minha vez de perder a cabeça. Comecei a mugir como uma *banshee*. O país inteiro era louco e estava me deixando louca. E pensei, isso é que é ser vaca louca.

27

REDUTO *KOSHER*

Shalom estava mal. Porcos não dão a volta por cima tão rápido, não são conhecidos por sua resiliência. Tendem a ficar chafurdando na lama. Tínhamos algumas horas para matar antes de ir para o aeroporto, e precisávamos providenciar algumas coisas, então decidi que devíamos procurar Little Israel, a parte judia da cidade. Achei que Shalom ficaria feliz em ter um gostinho do mundo no qual estava para ingressar.

Achamos o bairro e entramos numa loja de roupas para comprar capas de chuva, óculos e chapéus para usar como disfarces. Digo "comprar", mas na verdade nós roubamos. Foi fácil. Ninguém espera que uma vaca, um porco, e um peru vão roubar um par de Ray-Bans (*product placement*) e bermudas de veludo como a do cara do AC/DC, então veem através de você e não notam sua presença. As pessoas enxergam o que esperam enxergar, e, a menos que você faça alguma estupidez, pode passar despercebido. Depois entramos numa livraria e roubamos livros sobre judaísmo, um colar com a estrela de davi e uma quipá para Shalom.

Shalom começou a se animar, sorrindo para os homens que passavam com chapéus peludos e para as mulheres com roupas sem graça e sem cor. Ele começou a cumprimentar as pessoas com a cabeça, e a dizer "Meu

povo!" e "*Shalom*, irmão, *Shabat shalom*" e outras palavras que eu não entendia. As pessoas abriram espaço ao seu redor. O porco tinha razão, elas não queriam encostar nele. Olhavam como se fosse louco, e não tenho certeza se estavam erradas.

Duas crianças passaram voando por nós de bicicleta, quase nos acertando, e Shalom gritou: "Seus *schmucks*!" Ele começou a usar palavras de uma língua que chamava de iídiche, mas que soava bastante como alemão, e acho que inventou essa língua, assim como a do P. Ele falou nesse iídiche com os transeuntes, e um sotaque novo e estranho — primeiro sutilmente, depois não tão sutilmente assim — tomou conta da sua voz, como se ele fosse da Polônia com um pé no Brooklyn. Falou que as crianças eram "*meshuga*". Num determinado momento gritou: "Lembrem-se dos seis milhões!" Começou a reclamar dos "*goyim*" e a dizer que ia arrumar uma "*shiksa*" para ele. Pensei, esse não é um tipo de aparelho de barbear? Um Schick? (*Product placement*.) Mas como eu ia saber, não existem muitos animais judeus na região norte do estado de Nova York para além das montanhas Catskill.

Shalom começou a dançar a *hora* e a cantar "Ah, se eu fosse rico, dabadiba dabadiba dabadiba dabadum…", de *Um violinista no telhado*. Ao fim dessa, começou a cantar todas as músicas que conhecia da Barbra Streisand, e depois o repertório do Neil Diamond. Mas ninguém parecia ligar para ele. Então, de repente, Shalom parou no meio da música do Neil Diamond.

Suspense!!!

28

THE FIRST CUT IS THE DEEPEST
(*ver* Stevens, Cat)

— Preciso encontrar um *mohel*! — anunciou ele.

— Quem? — perguntei.

Nós ficamos no maior alto-astral para entrar em sintonia com o alto-astral dele.

— Não é "quem", é "o quê". Um *mohel* é um especialista na arte de remover o prepúcio do pênis dos judeus.

— Como um alfaiate de pênis? — perguntou Tom, bem-intencionado.

(Minha editora ama essa piada. Eu estou em cima do muro.)

— *Oy gevalt*. Que desagradável. Se precisa ser ridículo assim, é, como um "alfaiate de pênis". Sou judeu, mas tenho um *schmeckel goyische*, e meu *petzl* quer se converter. É um sinal da aliança entre Deus e o homem, e não me sinto confortável em ir até Israel com um *schlong* intacto, se é que você me entende.

(Permita-me acrescentar uma observação aqui: minha editora diz que "o duplo sentido é a língua franca dos filmes para crianças". O que quer que isso signifique.)

Eu não estava me sentindo à vontade com o que ele dizia, com toda

aquela linha de pensamento, mas ficou claro que Shalom não via a hora de cortar uma certa parte de sua anatomia e doá-la para a glória de seu Deus. Então Tom procurou pelo Google um *mohel* naquele bairro e havia tipo uns cinco nas redondezas. Quem disse que nunca se encontra um *mohel* quando se precisa de um?

Nós chegamos ao endereço do *mohel*. Shalom pareceu perder a coragem por um instante, mas então sacou uma garrafa de Manischewitz (*product placement*) que deve ter roubado e deu três goladas das boas. Ele convidou Tom para entrar com ele, dizendo ter certeza de que daria para conseguir duas tesouradas pelo preço de uma, mas Tom disse obrigado, mas não, obrigado.

— Quanto tempo isso vai demorar? — perguntei.

Shalom respondeu:

— Um bocado. Veja bem, uma hora inteira é necessária para se aparar um jardim pequeno, mas duas horas são necessárias para se cortar a grama de um grande jardim, se é que você me entende. — Ele deu meia-volta e entrou.

— Então a gente volta em dez minutos — Tom gritou quando ele virou de costas.

Enquanto esperávamos Shalom terminar com o *mohel*, ou melhor, o *mohel* terminar com Shalom, Tom e eu passeamos por aquele bairro tranquilo. Não me senti tão segura sem nosso músculo suíno ao olhar para algumas salsichas na vitrine do açougue, e depois — ai, minha cabeça gira só de pensar — línguas, fatiadas bem fininhas em pão de centeio. Fiquei tonta. Tom também estava nervoso, pois viu uma grande quantidade de sanduíches de peru sendo pedida. Felizmente, nós tínhamos colocado nossas capas de chuva, chapéus, e óculos, então ninguém parecia saber quem, ou melhor, o que, nós éramos.

29

UM TIQUINHO DE NADA DA PONTA

Depois de uns quinze minutos, retornamos ao *mohel*. A porta se abriu, e lá estava Shalom, uma fralda improvisada amarrada na cintura e um pirulito na boca. Se é possível um porco ficar mais pálido, mais branco e mais cor-de-rosa que o normal, ele estava mais pálido, mais branco e mais cor-de-rosa que o normal.

— Foi rápido — disse Tom, tentando aliviar a tensão.

O rosto de Shalom estava lívido.

— Meu pobre *schvantz*. Nunca, jamais, em tempo algum vamos falar sobre o que aconteceu lá dentro. Entendido?

Tom e eu concordamos, segurando o riso.

— Nunca — disse Shalom. — Nunca, nunquinha. Aquele homem, aquele homem é um açougueiro! Eu vi coisas. Vou contar para vocês, eu vi coisas que um porco não deveria ver. Coisas que não podem ser desvistas. O que acabou de acontecer nunca aconteceu.

Seguimos caminho.

— Deixa ver se entendi direito — disse Tom, sendo sarcástico. — Não vamos falar nadica de nada sobre o *mohel* e o *shtupper*?

Shalom, mancando de leve, falou entre dentes:

— Não diga esta palavra.

— Qual é. Nós já falamos *schlongamente* sobre isso.

Tom ria de se acabar.

— *Schmuck*.

— Que palavra? *Mohel*? — perguntei.

— Ah, todo mundo é comediante agora! — ralhou Shalom.

Tom não conseguia se controlar.

— *Nunca Diga Mohel*... esse não era o título de um filme do James Bond? *Nunca Mais Diga Mohel*?

— Já chega de piadinhas, seu *putz*.

Alguns minutos de silêncio, e então:

— *Muu-el* — falei baixinho.

— Silêncio!

— O que foi? Eu estava mugindo — falei. — Você não pode pedir a uma vaca para não mugir.

— Não tem a menor graça, gente; estou ficando cheio de assaduras com esta fralda. Vocês, *goyim*, são todos iguais.

30

VOANDO COMO UMA ÁGUIA, OU UM ESQUILO

Nós sabíamos que estávamos nos aproximando do aeroporto porque o barulho dos aviões que cruzavam o céu começou a aumentar e eles voavam cada vez mais baixo. Reparei que Tom os observava com atenção, e batia as asas de leve.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Não parece tão difícil assim — disse ele —, voar.

E desatou a correr, batendo as asas enlouquecidamente, tentando voar. Talvez tenha conseguido sair alguns centímetros do chão. Talvez.

— Viu só? — perguntou. — Eu voei!

— É, é… — menti.

— Dá uma olhada nisso.

E ele desatou a correr de novo, agora em direção à beira do pequeno morro em que estávamos, soltando a voz e cantando o clássico de Steve Miller, *"I want to fly like an eagle…"*

Com isso ele pulou o mais alto que pôde para fora do penhasco, pareceu ficar suspenso no ar por um instante, e então caiu de uma vez só, como uma pedra. Shalom e eu corremos para a beira do penhasco e olhamos para baixo bem a tempo de ver Tom atingir o chão com um baque e um gemido, e rolar

algumas vezes, o bico encostando no traseiro. Foi tão engraçado quanto num desenho animado.

Tom parou de rolar, levantou-se e soltou o ar.

— Isto é outra coisa que nunca aconteceu.

— O que nunca aconteceu, você sucumbindo à implacável lei da gravidade? — perguntou Shalom, ironizando. — Pelo jeito, você gosta de zoar, mas não de ser zoado, tipo dois pesos, duas medidas.

— É, nunca aconteceu — gritou Tom enquanto subia apressado o morro. — Assim como o *mohel* nunca aconteceu, como a sua circun…

Shalom cortou Tom.

— Já entendi. Não precisa entrar em detalhes — disse ele enquanto ajeitava a fralda.

— Entendeu o quê? — perguntei.

Andamos em silêncio por um tempo. Reparei que Shalom lançava alguns olhares para Tom, vendo que o sonho dele tinha morrido um pouco, e isso pareceu amolecer o porco. Por fim, Shalom disse:

— Sabe aquela coisa que não aconteceu?

— Sei — respondeu Tom, já na expectativa de ser zoado.

— Cara, juro, talvez você não tenha voado, mas planou como ninguém — disse Shalom.

— Sério? — perguntou Tom, ficando mais animado. — Planar é muito parecido com voar, não é?

Nesse momento Shalom sorriu.

— Você planou como um danado de um esquilo voador, meu amigo avicular; como um danado de um esquilo voador.

31

UM CASO TERMINAL

O terminal do aeroporto era muito grande e confuso, mas sabíamos que precisávamos encontrar uma daquelas máquinas automáticas de check-in. Tom ainda estava em negação.

— Talvez eu vá planando até a Turquia. Quem precisa de avião?

Protestei:

— Não, Tom, nós precisamos do seu bico, nem Shalom nem eu temos dedos preênseis, seu bico é a coisa mais próxima que temos de um dedo, por favor, não vá embora planando.

— Tá bem, amiga, por você vou manter em solo a Air Turquia.

— Muito obrigada — falei enquanto entrávamos no terminal. Eu estava muito feliz por nossos disfarces estarem funcionando.

Tenho certeza de que éramos um espetáculo à parte — eu, a grandona, com mais de um metro e oitenta, equilibrada nas pernas traseiras (*Oy*, como diria Shalom, minhas costas estavam me matando), com uma capa de chuva bege e óculos escuros, e Shalom com uma bermuda colegial de veludo, levando nosso bicho de estimação, o peru, pela coleira.

Tomamos a precaução de registrar Tom como um peru terapêutico, uma ave de apoio emocional. Eles disponibilizavam um curso através do qual era

possível receber uma autorização para que seu cão viajasse na cabine em vez de no compartimento de bagagem a fim de acalmar você se tivesse medo de avião, e nós conseguimos esse mesmo tipo de permissão on-line. Tom fez o curso pelo celular e aprendeu algumas noções terapêuticas rudimentares. O que o transformou numa criatura muito irritante. Ele passou a adotar um sotaque alemão e a dizer coisas como "Essa suíno tem uma complexo de 'ediporco' " ou "Fale um pouco sobrre seu mãe". Ele me disse que a dor nos meus cascos era tudo coisa da minha cabeça, e eu disse que a dor nos meus cascos ia ser tudo coisa do traseiro dele se não parasse com aquilo.

— Aparentemente, você está vivenciando um episódio de resistência transferencial. Eu deveria arranjar um cachimbo. Você me respeitaria mais se eu fumasse cachimbo? — ele me perguntou.

O outro problema de Tom era que a coleira o deixava muito agitado e transpirando. Qualquer coisa colocada em seu pescoço o estressava, e eu entendia: seu maior temor essencial, um que estava em seu DNA, passado através de séculos de perus que haviam sofrido com a peculiar tradição norte-americana do Dia de Ação de Graças, era o da tábua de corte. Seu pescoço esticado e a lâmina refletindo a luz, cortando o ar em grande velocidade, sua vida mutilada passando diante de seus olhos.

— Cala essa boca! — vociferou Tom.

Eu não tinha reparado que estava dizendo esta última parte em voz alta.

— Foi mal — me desculpei enquanto nos aproximávamos da máquina de check-in automático.

Tom continuava a puxar a coleira no pescoço como Rodney Dangerfield no auge da carreira. Shalom estava se divertindo muito tratando Tom como cachorro, dizendo coisas como "Junto!" e "Bom garoto!". Consultando o celular, transmiti a Tom os números de confirmação das reservas e ele os apertou com o bico na tela do monitor. Fez tudo sem errar. Todo aquele nosso planejamento finalmente dava frutos. Como num passe de mágica, os

cartões de embarque impressos deslizaram vagarosamente da boca da máquina, um, dois, três — aos nossos olhos, eles pareciam bilhetes premiados da loteria, pois isso é o que eram para nós.

32

CÃO MORDE PORCO

Andamos até o painel onde aparecem os horários e portões de todas as chegadas e partidas, e, quando olhamos, vimos os voos para a Índia, para a Turquia e para Israel, todos no horário previsto. Bom demais para ser verdade. Cada um de nós pegou um dos passaportes que tínhamos roubado da gaveta de cuecas do fazendeiro e, quando estávamos nos preparando para nos despedir e seguir para nossos respectivos portões de embarque, reparamos que um daqueles cães farejadores de bombas demonstrava interesse na gente, mais particularmente em Shalom. Shalom girou e disse:

— Tira o nariz da minha bunda, cara.

— Tá tudo dominado, *mamma*, é inútil resistir à lei — falou o pastor-alemão com forte sotaque da Renânia, embora fosse adepto do uso de gírias urbanas locais, o que fazia com que soasse como Dirk Nowitzki. — Como você se chama, docinho?

Acho que a fralda e o disfarce levaram o Totó ali a acreditar equivocadamente que Shalom não só era cachorro, mas que também era fêmea.

— O quê? Você acabou de me chamar de "*mamma*"?

Eu me dei conta do que estava acontecendo antes de Shalom, e comecei

imediatamente a balançar a cabeça de um lado para o outro, implorando que ele não revelasse nossa identidade quando estávamos tão perto da vitória.

— Sou chegado a uma periguete agressiva — o cão rosnou comicamente. — Tá, tudo bem. Dá uma olhada só em você, em pezinha nas traseiras, mandou bem, garota. Posso chegar em você? Posso chegar? Posso chegar?

Senti pena de Shalom, que já vinha se esforçando para lidar com a vergonha de ter tido sua masculinidade fisicamente agredida mais cedo, e agora isso, um dano psíquico a essa mesma masculinidade já fragilizada.

— Você acabou de me chamar de periguete, Rin-Tin-Tin?

O cão continuou farejando o ar em torno de Shalom como se fosse o mais doce dos perfumes.

— Engraçado. Sou parente do Rinster por parte de mãe. Verdade. Você já saiu com um pastor? Nós, os alemães, bem, digamos apenas que fazemos o serviço e damos conta do recado, nossos relógios não são as únicas coisas que funcionam com precisão, se é que você me entende.

— Não faço a menor ideia do que você está falando.

— Quer um pouco disso? — O cão exibiu o rabo bem próximo ao focinho de Shalom. Aquilo não ia acabar bem. — Dá para sentir que eles me alimentam com filé? Vai, dá uma cafungada. Eu dividiria com você, *meine kleine* periguete.

Aquilo estava me deixando constrangida das mais variadas maneiras.

Shalom deu um tapa no traseiro do cão.

— Qual é o seu problema? Não vê que sou da família dos suínos?



"Você acabou de me chamar de periguete, Rin-Tin-Tin?"

O cachorro gelou, parou de respirar, seus olhos indicando surpresa, decepção e vergonha, tudo ao mesmo tempo.

— É claro que sei o que você é. Meu focinho é uma ferramenta altamente treinada. Não só detectei isso, como também que você deve estar contrabandeando drogas. — E falou num rádio que estava preso na coleira: — Código verde, repetindo, temos um código verde aqui, solicitando reforço.

— Ei, ei, peraí — falei. — Isso não é justo.

— E eu sou macho! — disse Shalom.

— Ah, isso eu não saquei. Tenho de admitir. Tem certeza? — perguntou o cão.

— Se eu tenho certeza? — Shalom guinchou.

O cão balançou a cabeça para cima e para baixo.

— Tudo bem. Então, vou ter de pedir a vocês que venham comigo. Isso aí é um peru?

— Muito bem! — disse Shalom. — Acertou uma.

O cão latiu para chamar atenção de seus treinadores. Tudo ia por água abaixo muito rapidamente.

— Espere! — falei. Eu precisava fazer algo antes que os humanos chegassem. — Está claro que você não é bom no que faz.

— É, tá, minhas habilidades olfativas não são as melhores da minha turma. O que você é, um veado? — perguntou ele, farejando o ar à minha volta.

— Quase — falei. — Sim… ou vaca. Veado ou vaca, ambos, na verdade. Alguns dias eu nem sei direito.

— Seria meu segundo palpite. Eu sabia. Muito parecido.

— Ouça — apelei —, todos estamos correndo atrás de um sonho aqui; o meu é ir para a Índia, o peru, para a Turquia, e o porco, ou cão, como preferir, para Israel.

— E daí? — perguntou o cão, não parecendo se impressionar.

— Bem, sejamos honestos — eu me apressei em responder —, esta pode não ter sido sua primeira opção de emprego, seu focinho não nasceu para este trabalho, falando sinceramente.

— Você é bastante perspicaz, como a maioria dos veados. É, meu pai me forçou a entrar para esse negócio de farejamento, como ele e como o pai dele. Eu odeio isso.

O pastor exibiu aqueles olhos tristonhos de cão, e meteu o rabo entre as pernas.

— Você devia ter seus próprios planos, né?

— Eu queria ser cão-guia — confidenciou. — Queria ajudar as pessoas, mas meu pai achou que a estabilidade de emprego na aduana era maior;

então não corri atrás do meu sonho, e agora meio que sinto que estou só correndo atrás do meu rabo.

— É disso que estou falando — completei. — Nós estamos perseguindo nossos sonhos e você também pode fazer isso.

— É tarde demais. — Ele suspirou. — Tenho cinco anos, já estou na meia-idade.

— Ei, cara, cinco é o novo três. Você pode fazer isso. Vejamos, você consegue ler o painel com as informações de partida ali em cima?

Tom se antecipou:

— Eu consigo. É uma coisa que... — dei um chute nele — ...ninguém consegue. Eu não consigo. Quem consegue? Ninguém consegue.

— Não, não, fica tão embaçado daqui desta distância, eu precisaria de uma luneta ou algo assim — disse Shalom.

O cão ergueu o olhar.

— Eu consigo ler tudo.

— Consegue? — falei. — Que máximo!

Ele começou a balançar o rabo, que ficou a meio mastro.

— Claro, o que você quer saber? Índia, você disse? O voo é às 3:55, portão 31; Turquia, 2:30, portão 11; e Israel às 7:00, portão 41.

Nós o aplaudimos lentamente com as patas, exibindo no rosto expressões de invejosa admiração.

— Cara, você não tem olhos, tem binóculos, lasers.

Shalom assoviou.

Eu reagi cobrindo o corpo, fazendo cena.

— Ah, não; você não tem visão de raios X, tem? Não consegue ver através da minha roupa, consegue?

Seu rabo sacudia com tanta intensidade que todo o traseiro dele era sacudido também.

— Sigam-me — ele latiu ao pular dentro de um daqueles carrinhos de golfe que circulam pelos aeroportos emitindo sinais sonoros. — Eles estão

comigo — latiu para o motorista do carrinho, e nos empilhamos no veículo para uma carona VIP passando pelo controle de passaportes e indo diretamente para os portões.

Que programa *Global Entry* que nada, nós tínhamos *Global Exit*! O pastor sussurrou ao meu ouvido ao ligar a sirene do carrinho:

— E talvez você tenha razão, veado. Nunca é tarde demais.

33

ECONOMIA PORCA
(OU MELHOR, PERUA)

O primeiro a surgir foi o portão de Tom, o 11. Nós nos despedimos do pastor. Ele bateu em retirada no carrinho, um novo cão. Shalom e eu acompanhamos Tom até o portão dele.

— Bem, acho que chegou a hora de dizer adeus — falou Tom. — Não tenho palavras para expressar minha gratidão. Deixa eu ver qual destes é o meu bilhete. — Ele sacou os cartões de embarque. — Ih! — exclamou ao verificar um de cada vez.

— O que foi? — perguntei. — Qual é o problema?

— Eu sabia que aquele preço estava muito bom para ser verdade! Droga! Eu não devia ter comprado pelo Groupon! — Ele me mostrou os bilhetes. — Vi que tinha uma promoção por três passagens, uma promoção ótima, mas acho que acabei comprando as três para o mesmo voo. É culpa do meu pai. Ele tinha problema com dinheiro.

— O quê? — gritou Shalom. — Como é que vou chegar a Israel?

— Nós podemos arranjar um voo de conexão para você da Turquia. Não é tão longe assim.

— Não vem dando uma de agente de viagem para cima de mim, não, seu

peru mané! Eu preciso ir para a Terra Prometida!

— Tá, tá — falei. — Isso foi um equívoco. Uma burrice, um erro grande…

— Mas simples — disse Tom. — Uma burrice, um erro grande, mas simples. Talvez por causa da falta de amor por parte da minha mãe, eu seja acometido por um sentimento permanente de carência, de não ser suficiente, e isso se transfere para o dinheiro e leva à avareza.

— Achei que você tinha dito que seu pai era o problema — falei.

— Pai, mãe… viu como tive uma infância difícil?

— Ah, faça-me o favor, cala esse bico — disse Shalom.

— Mas, pensando bem — Tom se recompôs —, pode ter sido o destino que quis que nós não nos separássemos ainda. Talvez tenhamos de ficar juntos até o fim. Todos temos passagens para a Turquia, todos queremos dar o fora daqui. Eu sei que não quero virar jantar essa noite e Shalom não quer ser a "noivinha" de nenhum cão policial, então vamos nessa. Partiu, Turquia!

O porco concordou com certa relutância. Que opção ele tinha? Andamos até a funcionária da companhia aérea para entregar os cartões de embarque.

— Eu estaria a caminho de Tel-Aviv hoje — Shalom grunhiu para Tom enquanto percorríamos o túnel até o avião —, se você não fosse tão *schnorrer*.

34

O VOO DA AVE QUE NÃO VOA

Essa era nossa primeira vez num avião, e ainda que seja verdade o fato de não haver muito espaço para as pernas, principalmente para um mamífero de grande porte, o milagre de voar é maravilhoso de ser contemplado. Ver as paisagens no solo lá embaixo, atravessar nuvens brancas como se fossem as teias do Deus-Aranha, o azul mais azul do céu azul, as nozes e castanhas quentinhas — tudo inédito, e tudo fantástico. Quando Shalom se deu conta de que estávamos viajando em pleno *shabat*, ficou chateado por um tempo, mas então alegou ter certeza de que alguns de seus parentes estavam sendo servidos nos sanduíches de queijo e presunto que os comissários de bordo jogavam para as pessoas como se elas fossem focas. Em determinado momento ele caiu de joelhos em frente ao carrinho de comida, gritando "tio Schlomo!", como um louco. Por fim, se acomodou no assento para ver o filme *Babe*, o que fez três vezes seguidas, apontando todas as falhas.

— Esse filme é uma farsa, tão longe da realidade... Um porco jamais ia querer ser cachorro — falou em tom zombeteiro.

Nenhum dos comissários de bordo nos causou qualquer tipo de problema, porque todo mundo age como animal dentro de aviões. Nós não chamamos atenção de jeito nenhum. Na verdade, acho que fomos as

criaturas que mais agiram como seres humanos nesse voo. As pessoas eram nojentas. Você devia ter visto o banheiro.

Minha parte favorita foi observar Tom olhando pela janela. Ele nunca tinha voado. E ainda que estivesse dentro de um tubo de metal, era sua primeira vez no céu. Onde uma ave deve estar. Pela primeira vez em sua vida, ele não era um oximoro. Dava para vê-lo flexionando as asas acompanhando a rolagem e arfagem do avião, as subidas e descidas, como se fosse ele quem estivesse voando. Vi uma lágrima rolar por seu bico e isso me fez ter de segurar o choro. Ele me viu a observá-lo e falou:

— *Marley e eu*, cara, esse filme sempre me faz chorar. Tem Tânato, Eros, realização de desejo, o pacote completo.

Fiz que sim com a cabeça e voltei a assistir a um episódio da segunda temporada de *Breaking Bad*.

35

ISTAMBUL É CONSTANTINOPLA

Tirei algumas sonecas durante a viagem. Gostei bastante da toalhinha quente. Num determinado momento, uma mulher se reclinou sobre o encosto do banco e reclamou do serviço de bordo.

— Eles nos tratam como gado aqui, como vacas.

Como vacas, pensei, quer dizer que eles vão nos abater e nos cortar em pedaços e depois nos comer? Acho que não. Mas, porque não sei falar, fiz a única coisa que podia para demonstrar que havia escutado. Mugi.

— Muuuuuuuu — falei.

A moça riu.

— Isso, como umas danadas de umas vacas, muuuu.

Continuei mugindo porque era só o que eu conseguia fazer.

Ela exclamou:

— Uau, muito boa essa sua imitação de vaca!

Abri um sorriso e mugi, e mostrei para ela alguns dos outros sons do meu repertório bovino, e logo ela gargalhava, tendo se esquecido de que estava chateada; e, em pouquíssimo tempo, fez com que todo mundo no avião participasse da brincadeira e mugisse.

Shalom ficou estudando a Torá durante a maior parte do voo, além de

denunciar qualquer coisa que achasse pouco realista em *Babe*. A certa altura, ele gritou:

— *Bah, Ram, F-SE!*

Tom, a ave de apoio emocional, desfilava de um lado para o outro pelos corredores do avião como se fosse o comandante, verificando se todos estavam tendo um bom voo, sendo bem servidos e se sentindo emocionalmente "conectados". Uma aeromoça muito gentil deixou que ele entrasse na cabine do piloto, onde permaneceu pelo que pareceram horas. Ele voltou usando todos os jargões da companhia aérea, e dizendo:

— Eu poderia voar isso, bebê.

Pouco antes da descida, Tom se inclinou por cima de mim, pois eu estava no assento à janela, e juntos começamos a distinguir os detalhes da paisagem lá embaixo, as terras da Turquia ficando visíveis. O azul do mar Egeu e depois o belo litoral salpicado de casas. Tom suspirou, balançou a cabeça e disse:

— Olha ele aí. Olha ele aí. É tão bonito. O meu país.

E então a melancolia pareceu se abater sobre ele por alguns instantes, e achei que poderia ser a tristeza que se esconde sob a alegria de se atingir um objetivo de vida — sabe como é? Uma sensação do tipo tá, aconteceu, e agora?

E Tom disse:

— Sabe, na França eles achavam que os perus vinham da Índia, e por isso nos chamavam de "d'Inde". Na Turquia mesmo, muitas vezes nos chamam de "hindi" pela mesma razão, e eu estava me perguntando se, no fim das contas, as coisas não seriam tão ruins assim para mim se eu resolvesse ir para a Índia com você, já que sou chamado de hindi, que é a língua deles, né?

Não falei nada. Apenas sorri e concordei. Sabia que ele estava apreensivo com sua nova vida, e este era seu jeito de dizer que ia sentir minha falta.

O devaneio de Tom foi interrompido pela aeromoça, que veio até nós trazendo um broche de metal, uma daquelas mini-insígnias de piloto que

costumam dar para crianças pequenas, e perguntou se Tom aceitaria o título de piloto honorário, e se ela poderia prender o trequinho nele. Tom deu de ombros como se não fosse nada de mais, e falou:

— Claro, quer dizer, se você precisa se desfazer disso.

Mas, quando ela prendeu o broche nele, Tom não conseguiu mais se segurar. Deu um abraço com as asas na moça e começou a chorar.

— Obrigado, obrigado, obrigado — disse ele às lágrimas, e, em seguida: — Os caras lá na frente precisam de alguma ajuda para pousar este pássaro na boa e velha 'Bul?

A aeromoça sorriu, mesmo não tendo a menor ideia do que significavam aqueles ruídos que saíam da boca de Tom.

— Só estou dizendo — acrescentou ele — para o caso de as coisas ficarem um pouco instáveis por aí; eu sou uma ave, *mamma*, estou aqui. A postos.

Ele bateu continência para a aeromoça com a asa, e ela compreendeu o suficiente da linguagem corporal dele para se levantar e, em retribuição, bater uma caprichada continência, ao mesmo tempo que piscava para mim.

Os humanos conseguem ser decentes e compreensivos às vezes. O que me faz achar que ainda há alguma esperança para eles.

Quando foi anunciado pelo sistema de som que deveríamos afivelar os cintos de segurança para a descida, vi que Shalom suava como um porco. Achei que sabia o motivo. Então sussurrei ao ouvido dele:

— Sei que a Turquia é predominantemente muçulmana, mas nós só vamos chegar e partir logo.

— Tá tudo bem — murmurou Shalom. — É só que eu tenho muito medo de avião. Você já ouviu a expressão "só quando porco voar"? Pois é, há uma razão para isso. Céu não é lugar de porco. Tomei três remédios para dormir na hora da decolagem, mas o efeito está passando e estou voltando ao normal! Isso não é natural. Ai, meu Deus... — Ele se virou para os outros passageiros e gritou: — Alguém aí tem um comprimido para dormir? Um

ansiolítico? Um calmante? Uma birita? Preciso de alguma coisa, diabos, qualquer coisa!!

Passamos por uma área de turbulência e Shalom guinchou:

— Vamos todos morrer! Animais não deviam tentar ser deuses. Estamos voando muito perto do sol, muito perto do sol. Vamos morrer!

Tom, o peru de apoio emocional, sussurrou para mim:

— Deixe isso para os profissionais.

E aconchegou Shalom sob sua asa. Ele segurou o casco de Shalom durante toda a descida, dizendo para ele que o mito de Dédalo e Ícaro não era sobre voar de verdade, e sim um psicodrama edipiano pré-freudiano sobre quando um homem ultrapassa seus limites — e distraindo-o com fatos e curiosidades sobre voo.

36

TURQUIA: TÔ DENTRO, TÔ FORA

No momento em que o trem de pouso tocou a pista, Shalom finalmente pegou no sono sob o efeito dos comprimidos que havia tomado. *Timing* melhor, impossível. Ao deixar o avião, Tom e eu tivemos de carregá-lo no meio de nós dois. Tom hesitou diante da porta da cabine do piloto aberta, olhando languidamente para os controles complicados e suas luzes, como se não quisesse ir embora. Ele ficava cuspindo naquela asinha que ganhara e polindo-a.

Passamos rapidinho pelo controle de passaportes (vai entender), mas levamos vinte e cinco minutos para atravessar o terminal e chegar perto da saída do aeroporto. Foi assustador e estranho escutar humanos falando humano, ainda mais um tipo de humano diferente do que eu estava acostumada a ouvir. Eles falavam turco, e era um som interessante, mas também um pouco sinistro. Eu não conseguia entender uma palavra. E não tinha a menor ideia de para onde ir. Tom estava de bico calado, e Shalom havia caído no sono e roncava e babava deitado no chão.

Não iríamos a lugar algum enquanto ele não abrisse os olhos e retornasse ao mundo dos vivos.

Resolvi ver se conseguia encontrar algum café. Tinha ouvido dizer que o

café turco é o melhor e o mais forte do mundo. Como tomo meu café? Bem, o leite tem uma aparência tentadora, mas vocês, pessoas, o pasteurizam e isso acaba com o sabor. E que palhaçada é essa de desnatado e semidesnatado? A gordura no leite é o motivo pelo qual vivemos. Vocês, humanos, são engraçados, sempre pensando em comer e ao mesmo tempo tentando parecer que nunca comem.

O café turco fazia jus à fama. Depois de alguns goles que botei para dentro com a língua, senti como se pudesse correr vários quilômetros e fazer xixi por horas. Na verdade, o chamado do esterco começava a ser sussurrado em meus ouvidos, em turco, pelo grão mágico. Precisava encontrar algum lugar onde pudesse resolver essa questão. Estava ciente de que vocês, humanos, não fazem cocô em qualquer lugar, e, quando em Roma, faça cocô como os romanos, mesmo se os romanos forem turcos, certo? Voltei para onde Tom e Shalom estavam. Totalmente mudo desde o nosso desembarque, Tom ainda olhava para o nada, a cabeça nas nuvens. Abri a boca de Shalom e lhe derramei um copo cheio de café turco goela abaixo. Seus olhos se abriram e giraram como numa máquina de caça-níqueis, parando num trio de cerejas. Ele deu um pulo e gritou:

— Voltamos!

Falei para Tom que eu precisava ir lá fora me aliviar. Ele despertou do devaneio, sorriu e disse:

— Sei de um lugar perfeito para isso.

Partiu batendo as asas, e nós o seguimos.

37

PARA O ALTO E AVANTE

Tom nos guiou de volta pelo terminal e nos levou até uma porta que, acho, dizia: ENTRADA PROIBIDA. Estava em turco, então não dava para ter certeza, mas as letras eram vermelhas e havia várias listras de advertência de um lado a outro. Perguntei a Tom:

— Tem certeza de que estamos indo para o lugar certo?

Tom abriu a porta, que dava diretamente na pista. O barulho dos aviões era ensurdecedor. Tom pegou a dianteira, agitando as asas. Ele nos fez ir correndo até um avião pequeno, acho que era um jatinho particular, e exclamou:

— Vamos dar uma voltinha!

O susto foi tão grande que deixei de lado a pose de madame e soltei um barro ali mesmo na pista. O café turco provocou o mesmo efeito em Shalom, pois, logo em seguida, quem fez um depósito foi ele.

— Como é que é? — perguntei a Tom, gritando para me fazer ouvir em meio a todo aquele barulho de aviões pousando e decolando à nossa volta. — Nós arriscamos nossas vidas para trazer você até a Turquia, e você nem viu o lugar direito e já quer entrar num avião?

— Exatamente — respondeu Tom, os olhos brilhando e bem focados. —

Durante aquele voo, eu me dei conta de que meu lar é nas alturas, lá no céu. Peixes nadam, pássaros voam. Simples assim. Os ancestrais pré-históricos dos perus voavam, está no meu DNA, e, quando cheguei lá no alto, senti isso em minha fúrcula. Lá em cima é o meu lugar. Sou um homem cuja pátria é a imensidão azul. O céu é minha casa.

E, com isso, ele pulou para dentro do avião, cuja porta já estava aberta. Shalom e eu não tivemos opção senão segui-lo.

Tom adentrou a cabine do piloto, colocou um fone de ouvido e começou a apertar alguns botões e a verificar se estava tudo dentro dos conformes.

— Tem certeza de que sabe como fazer isso? — perguntou Shalom.

— Pássaros voam. É o que fazem. O que eu sou?

— Você é meio que um pássaro, acho — respondeu Shalom.

— Caso encerrado — comentou a ave, e fechou a porta da cabine do piloto com um estrondo, bem na nossa cara.

Só ouvimos Tom de novo pelo sistema de som, e, ainda que fôssemos os únicos no avião, ele falou como se estivesse lotado:

— Olá, aqui é o comandante, parece que há um ou dois de nós na pista; então, senhoras e senhores, por favor, travem suas mesas e levem os assentos de volta à posição vertical. Comissários, preparar para a decolagem.

Não havia comissários. Enquanto Shalom colocava o cinto de segurança, ele se virou para mim e falou, brincando:

— Foi bom conhecer você.

O avião taxiava pela pista, e não acho que tínhamos recebido permissão para decolar, porque dois aviões pareceram acelerar para sair do nosso caminho. Percorremos a pista por tanto tempo que a sensação era de que Tom ia nos levar dirigindo para onde quer que estivesse nos levando. Conforme ganhávamos velocidade, reparei numa cerca depois da qual nada mais havia além do mar azul de Mármara e um sepultamento no mar acenando para nós. Fechei os olhos e me preparei para o impacto. Eu havia

feito tudo o que podia. Eu tinha sonhado, corrido atrás do meu sonho e quase o alcançado, ou seja, estava resignada por ser esse o fim. Shalom, nem tanto. Ele despejava na direção da cabine do piloto todos os palavrões em iídiche que conhecia.



"Pássaros voam. É o que fazem."

— Seu *meshuggener putz*! Você devia pegar triquinose e morrer! De todos os imbecis esquemas *ferkakta*, seu desgraçado de um *schmendrick*…

E então parou, mas acho que só porque não sabia mais nenhuma palavra em iídiche.

Seguimos abalroando a cerca e sobrevoamos um aterro, o nariz do avião embicado para baixo e indo em direção à água. Três dos meus estômagos foram parar na garganta. Fechei os olhos de novo quando a água começou a respingar nas janelas e, e, e… nada. Embicamos para cima. Não havia nada na nossa frente e nós seguíamos para o alto e avante.

Após subirmos alguns milhares de pés e meus estômagos se acalmarem,

Tom usou de novo o sistema de som:

— Bem, pessoal, perdão pela decolagem lá atrás, foi só uma pequena confusão com a torre de controle.

— Você é louco! Seu *schmuck*! — gritou Shalom.

— Gostaríamos de oferecer um drinque como cortesia, em compensação pelo inconveniente na decolagem. Estamos nos dirigindo à altitude de cruzeiro de trinta mil pés. A previsão é de um voo tranquilo, mas, por favor, mantenham os cintos afivelados enquanto estiverem sentados, para o caso de uma inesperada flatulência suína, digo, turbulência na turbina…

— Vou te matar! — gritou Shalom.

— O tempo de voo é de aproximadamente duas horas, portanto, sugiro que se acomodem confortavelmente em seus assentos e aproveitem a viagem. Logo estaremos no Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Israel.

Shalom parou no meio do chilique ao ouvir "Israel" e não conseguiu conter o sorriso. Olhou pela janela, como se já conseguisse ver o país.

— Israel — disse, pronunciando as sílabas milenares como se elas, em si, possuíssem algum poder divino. — Is-ra-el — sussurrou.

Mas então saiu do transe e gritou:

— Ainda vou te dar um soco na goela, seu *schlimazel*!

38

ENTRETENIMENTO A BORDO

A curva de aprendizagem de Tom mostrou-se bem acentuada. Ele tinha razão, voar estava em seu sangue. Em apenas vinte minutos, já manejava aquele avião como um piloto experiente. O restante do voo transcorreu sem incidentes. Depois de mais ou menos uma hora e meia, Tom voltou a falar pelo sistema de som.

— Pessoal, aqui é o comandante. Por causa das rigorosas restrições de segurança no Aeroporto Ben Gurion, nossa aproximação será feita num ângulo fechado, numa tentativa de ficar abaixo da linha do radar; portanto, não se assustem se quase podarmos algumas árvores a caminho da aterrissagem. Estamos cientes de que as opções na hora de selecionar uma companhia aérea são muitas, por isso agradecemos a escolha da Air Turquia e desejamos uma boa viagem para qualquer que seja seu destino. Comissários, preparar para o pouso.

Conforme descíamos, Shalom olhava pela janela e via — demonstrando o mesmo encantamento com que Tom havia contemplado a Turquia — Israel se elevando rapidamente ao nosso encontro. Em pouco tempo estávamos quase na mesma altura que os prédios. Deu medo, mas o chão parecia tão próximo, tão ao nosso alcance... Shalom rezou durante toda a descida e

disse que sentia um arrepio em seus *schpilkes*.

No instante em que o trem de pouso encostou na pista, ele anunciou:

— A terra prometida!

39

UM PORCO NA TERRA PROMETIDA

Tom pousou o avião depressa e de um jeito meio brusco, e gritou para que saíssemos logo da aeronave. Como tínhamos ido até lá sem que nosso voo estivesse programado, e voando baixo num jatinho particular, seria apenas questão de minutos até que fôssemos descobertos. Nos acotovelamos para sair e nos esgueiramos através de um buraco numa cerca no perímetro da pista. Dava para ver os arredores de Tel-Aviv a distância, e Tom acessou o Google Maps para descobrir que caminho pegar até Jerusalém.

Ia ser uma verdadeira peregrinação do Aeroporto Ben Gurion até Jerusalém, mas, em poucas horas, nos arrastando por alguns bairros que pareciam perigosos e, em seguida, pelo deserto quente e cheio de arbustos, chegamos a uma área dividida por um muro de aparência sinistra, feito de um cimento horrendo, cinzento, todo pichado e coberto de cercas eletrificadas. Havia apelos por mudança e piedade escritos em árabe e hebraico, até em inglês; havia uma pintura do rosto de Che Guevara feita com tinta *spray* preta e, perto dela, em amarelo, uma do Pernalonga. De vez em quando surgia uma torre de aparência proibitiva controlada por homens sem rosto com traje completo de batalhão de choque. Parecia que essa parte do país era dividida em duas — de um lado ficavam aqueles que

acreditavam que o nome de seu deus era YHWH (será que eu poderia comprar uma vogal?), e, do outro, aqueles que acreditavam que o nome de Deus era Alá. Judeus e muçulmanos. E também cristãos. Judeus, muçulmanos e cristãos, todos com Jerusalém no coração. Seria lindo se não fosse tão litigioso. Todos alegavam adorar o mesmo deus, todos alegavam ser essa a Terra Santa, mas, fora isso, não havia nenhum consenso pacífico entre eles.



"Parecia que essa parte do país era dividida em duas."

Em Israel, os judeus estavam no controle, mas eram minoria no Oriente

Médio, cercados pelo mar, pelo deserto, e por um povo historicamente hostil a eles. Tom, com seu jeito terapêutico alemão de falar, disse que sempre se sentiram "como Davi no histórria da Davi e da Golias, uma menino contrra uma gigante, o funda deles agorra um arma nuclear". A região inteira, disse ele, sofre de "complexo de cerco" e "síndrome de Caim und Abel". Shalom calou a boca de Tom, a ave:

— Não me provoque, Sigmund Fraude.

Os israelenses construíram esse muro gigante para manter os árabes palestinos fora das terras em disputa que eles reivindicavam para si. Isso me lembrou das cercas lá na fazenda, que eram feitas para manter a todos nós, animais, em nosso lugar. Há algo no homem que ama um muro, mas o que os construtores de muros e cercas não entendem é que, ao mesmo tempo que mantêm alguém fora da cerca, ficam eles mesmos presos dentro da cerca. Não apenas uma, mas duas prisões são criadas por um muro. Talvez a prisão do lado do construtor da cerca seja um pouco maior, um pouco melhor, mas é só uma questão de escala. A China construiu uma muralha que mantinha os inimigos do lado de fora, mas que também deixou os chineses isolados do lado de dentro. E esse isolamento enfraqueceu e causou a ruína do império. Havia um muro em Berlim. E não acabou bem. O muro, digo. Existe uma cerca na fronteira dos Estados Unidos com o México, e isso também não está deixando ninguém feliz.

Pessoalmente, não entendi nada. Para mim, todos se pareciam com pessoas, todos parte do rebanho do deserto, e, no fim das contas, para as vacas todas as pessoas são parecidas. Nós, os bovinos, temos um ditado que vocês deviam adotar: "Algumas pretas, algumas brancas, algumas brancas e pretas, algumas amarelas, todas vacas." Num determinado momento, chegamos a uma fenda de poucos centímetros no muro, e, distraidamente, sem querer, passamos por ela, adentrando o território palestino.

Algumas horas depois — ou foram dias, não me lembro — nos vimos vagando por um deserto. O terreno não era totalmente árido, havia algum

verde — arbustos e flores do campo. A sensação era de que alguém tinha escolhido um deserto e resolvido plantar um jardim nele, mas então se distraiu logo após começar e foi embora, o Jardim do Éden original, talvez. Esta parte tão disputada do planeta parecia estranhamente abandonada, e era difícil, para mim, acreditar que aqui é que havia surgido a vaca primordial tantas gerações atrás. Inspirei o ar seco e rascante, e me perguntei se esses seriam os cheiros inalados por nosso Primeiro Pai e nossa Primeira Mãe. Deve ter sido uma vida dura, com tão pouco para comer e beber. Aquele foi para mim um intenso momento de reflexão. Também estava quente que só a p... e eu estava com muita sede. Perguntei a Tom onde estávamos e o que dizia o mapa no celular.

— Da última vez que olhei, estávamos perto das montanhas de Sharafat. Ih! Eu tenho uma boa e uma má notícia — disse Tom. — A má notícia: a bateria acabou. Estamos sem mapa. Ei, a culpa não é minha. Até onde sei, é uma falha de projeto. Eles dizem que o 6G vai resolver esse problema.

— E qual é a boa notícia? — perguntei.

— Não tem nenhuma boa notícia. É só que eu sempre quis dizer: "Eu tenho uma boa e uma má notícia."

— Missão cumprida, palerma. Isso só aconteceu porque você gastou metade da maldita bateria jogando *Angry Birds*, seu idiota.

— Pássaros *versus* porcos, mano. Melhor. Jogo. Que. Existe — disse Tom.

Shalom estava com calor, cansado, com sede, e tão irritado quanto um javali.

— Vamos ficar nos arrastando pelo deserto para sempre, seu cabeça de minhoca — ele se queixou. — Eu daria tudo por uma água com gás. Você é tipo uma armadilha de *tsuris*. E não me chame de mano.

Até onde sabíamos, vagamos no que poderia muito bem ter sido em círculos, mantendo alguma distância dos guardas de fronteira armados, e procurando outra abertura no muro pela qual talvez pudéssemos passar e

chegar a Jerusalém. Com certeza foi muito mais fácil ir de Israel para a Palestina do que estava sendo ir da Palestina para Israel. Shalom ainda bufava, perdido em pensamentos de água gasosa e em sonhos de creme de ovos, quando uma pedra aterrissou a alguns centímetros dele. Erguemos os olhos e vimos o que presumi serem crianças árabes a uns trinta metros de onde estávamos, gritando insultos para nós, mais especificamente para o porco.

— É porque sou judeu — explicou Shalom.

— Não — disse Tom —, é porque é porco. Os muçulmanos também odeiam os porcos.

Shalom se levantou e gritou para as crianças:

— Vão comer um BLT, otários!

— Você realmente acha que adianta combater ódio com ódio? — perguntei.

— Não estou combatendo ódio com ódio, estou combatendo ódio com ignorância. É diferente. É assim que se faz nessa parte do mundo, cada lado representa seu papel, como atores — pontificou ele, e voltou a xingar as crianças com seu iídiche suíno.

O grupo inicial de dois ou três garotos foi engrossado por mais uns dez, e o que tinha sido uma pedra ou outra lançada ocasionalmente em nossa direção tornou-se uma saraivada interminável de todo tipo de projéteis do deserto. Quando Shalom se virou mais uma vez para defender sua posição religiosa, uma pedra ricocheteou em seu ombro.

— Se eu recuar aqui — argumentou ele —, será como um dominó, eles simplesmente continuarão vindo, e quando isso vai acabar? Não até que tenham matado cada um de nós.

— Isso não faz o menor sentido. E você será responsável pela nossa morte! — falei.

Tom bloqueou uma pedra que voava em direção à sua cabeça, infelizmente usando o membro que segurava o celular. O vidro quebrou.

Fim dos *upgrades*, da bateria… e do telefone.

Shalom ergueu sua preciosa Torá e acenou para os garotos com ela, como se fosse uma bandeira, a fim de provocá-los. Uma pedrona bateu no sabugo do casco que segurava a Torá, e Shalom deixou-a cair na areia, pressionando o casco que sangrava. Sangue vivo pingava no velho livro. Eu me esgueirei para trás de Shalom e dei-lhe um chute rápido com as pernas traseiras, para colocá-lo em movimento.

— Minha Torá! — gritou ele.

— É só um livro — bufei em resposta.

Nessa hora, uma baba de cuspe viscoso veio voando pelo ar e caiu na minha cabeça, fazendo um *ploft*. Ergui o olhar e vi um camelo me encarando. Eu só tinha visto esses bichos na enciclopédia, mas sabia que era um camelo, e fiquei aliviada quando ele falou comigo num esperanto animal padrão que eu conseguia entender.

— Que tipo de dromedário esquisito é você? — perguntou o camelo. — Onde está sua corcova?

— Sou uma vaca da América do Norte — respondi.

— Estou brincando. Sei que você é uma vaca. As vacas se originaram aqui juntamente com as primeiras civilizações. E eu já estive em todos os cantos do mundo. Trabalhei como modelo nos Estados Unidos, participei de uma grande campanha publicitária de cigarros, tinha uma marca com meu nome, e até um dia da semana, quarta-feira, ganhou um apelido em minha homenagem. Você já ouviu falar no dia da corcova? Mas eles me dispensaram quando fiquei velho demais. — Ele fez que ia chorar, e cuspiu de novo. — Foi mal, um hábito horrível, vou parar.

Uma pedra caiu ao lado de sua pata.

— Meu nome é José, mas pode me chamar de Joe, Joe Camel. Mas você já devia saber disso por causa da minha fama e coisa e tal, o trabalho como modelo. — Ele colocou um par de óculos no rosto. — E agora, me reconhece? — Fez uma pose, acendeu um cigarro e fingiu que estava

olhando para um relógio de pulso. — Chamo isso de: "Ah, Sim, Posso Dizer Que Horas São." Nada mau, né? Para onde vocês estão indo? — perguntou em meio a uma série aparentemente interminável de poses de modelo que realizava com a precisão de um ginasta olímpico. Ele congelou com uma perna dobrada no ar. — Esta aqui se chama "Saída pela direita, 97".

— Para Jerusalém.

— Ah — suspirou. — Bem, vocês estão do lado errado da cerca; primeiro precisam chegar a Ramalá e atravessá-la. — Ele fez uma pose em que parecia estar rindo de alguma piada que ninguém mais ouviu. — Chamo essa de "O Mundo É Minha Ostra" ou "O Clooney".

— Joe, adorei essa, e gostaria de ver outras, mas você acha que poderia primeiro nos ajudar a chegar a um lugar mais seguro onde você possa fazer suas poses em paz e pedras não estejam chovendo na nossa cabeça?

— Sigam-me! — ele cuspiu, e saiu trotando quase tão veloz quanto um cavalo.

40

ANOTHER BRICK IN THE WALL
(*ver* Floyd, Pink)

Joe, o camelo, nos guiou deserto adentro até o ponto secreto em que o muro havia ruído parcialmente e onde a cerca eletrificada caíra o suficiente para nos permitir uma passagem espremida para o território de Israel. Não havia guardas à vista, e, num piscar de olhos, estávamos do lado israelense do muro da Cisjordânia. Não haveria mais cercas entre nós e Jerusalém. Conforme íamos caminhando, os povoados ficavam cada vez mais bonitos, e o deserto irrigado tornava-se cada vez mais verde.

— E daqui, para onde vocês vão? — perguntou Joe.

— Muro das Lamentações — disse Shalom.

— Ah, turistas — suspirou Joe. Eu não sabia muito sobre camelos, mas dava para ver que esse estava deprimido. A corcova dele parecia esvaziada. — Nunca entro na cidade propriamente dita. Odiava quando eles me assediavam porque eu era famoso, e agora odeio ainda mais quando eles não me assediam porque não sou mais famoso. Sinto informar que vocês terão de se virar sozinhos. — Ele se sentou, parecendo abatido. — Ultimamente só fico vagando pelo deserto para não ter de lidar com o público. Essa é a vida de quem já foi alguém um dia e hoje não é nada.

Dei uma olhada em volta. Nada parecia familiar. Estávamos perdidos sem celular, e tive muito medo de acabarmos andando sem rumo de novo até uma região perigosa.

— Nós nunca vamos encontrar Jerusalém — Shalom reclamou.

— Vocês viram o cara que eles escolheram para me substituir? — perguntou o camelo. — Ele não tem o menor charme. Nenhum carisma. Nenhuma saliva. Tudo o que tem é juventude.

Tom encarou o camelo e em seguida exclamou:

— Arrá! — Ele me deu uma cotovelada com a asa, e sussurrou: — Problemas com o pai.

E se sentou ao lado do camelo.

— Você dizer que erra garroto-prropaganda da cigarro, ya? A zímbolo fálico da Prometeu, ya? — perguntou Tom, mais uma vez falando daquele jeito ridículo, como se fosse alemão.

— Garoto-propaganda? Não, cara, eu era tudo. Eu era "o" camelo.

— Eu entender — disse Tom. — Permita que mim lhe oferreça um mudança da parradigma.

— Um o quê?

— Um mudança da parradigma. De modelo fotogrráfica para modelo do conduta. Na pazado você vendeu cigarros, e fazer izo melhor que qualquer uma, mas, zabe?, a cigarro é kaput parra o zaúde e kaput parra a ambiente, e no verdade você estar fazendo o coisa certo em não aceitar mais a dinheirro zuja dos empresas da tabaco.

(Acabei de receber um telefonema da minha editora. Ela disse: "E lá se vai mais um possível patrocinador e lá vem outra possível ação judicial. Não foi isso o que eu quis dizer com "*product placement*". Ela me mata de rir.)

— Peraí — disse Joe. — Então o que você está dizendo é que ser bom em algo ruim é ruim, e que quando você para de ser bom nesse algo ruim, isso é bom?

Tom assentiu com ares de sábio.

— Na termos leigas, talvez ya. Não faz nenhuma zentido morral você zentir falta da zeu estilo de vida de celebrridade. Você tomar o decisão certa de ze afastar da complexo militar-industrrialentrretenimento. Antes você erra um grrande parte da prroblema, agorra é um pequena parte do zolução.

— Sou um parte do zolução! — O camelo se pôs de pé e deu para ver a corcova se endireitando, como se estivesse sendo inflada por uma bomba de pneu de bicicleta invisível. — Obrigada por… como foi que você chamou?

— Um mudança da parradigma. São cento e cinquenta dinheiros. Fizemos um ótimo progresso hoje, mas acho que você deveria voltar três vezes por semana pelos próximos trinta anos, mais ou menos…

Eu interrompi Tom.

— Joe, sei que você não gosta mais dos fãs, mas será que poderia ser parte da nossa solução e nos indicar o caminho para Jerusalém?

Joe fez uma pausa, respirou fundo.

— Meus fãs terão de aceitar o meu novo eu. Todo mundo adora uma reinvenção. Todo mundo adora uma volta por cima. Eu não só vou indicar o caminho, como também vou levar vocês até lá.

41

SEUS PÉS (DE PORCO) JÁ CAMINHARAM NO PASSADO…

(*ver* Blake, William)

Existem dois santos dos santos nessa parte do mundo. Para os muçulmanos, é Meca. E, para os judeus, é o Muro das Lamentações.

Enquanto Joe nos guiava pela Cidade Velha em direção ao Muro das Lamentações, atravessamos alguns bairros residenciais bonitinhos que havia no caminho. Nenhuma das pessoas elegantes sentadas nos cafés sorria para nós quando passávamos. E os pedestres ou saíam da nossa frente ou murmuravam algo bem baixinho.

— Essa é uma área "bacon zero". É o paraíso. — Shalom riu. — Me comer? Não querem nem me tocar. — Ele pegou um cardápio de um dos cafés ao ar livre e leu em voz alta: — Viu, zero presunto, zero bacon, zero eu! É o paraíso *kosher*!

— Mas ser desprezado assim não fere seus sentimentos nem um pouquinho? — perguntou Joe a Shalom.

— Claro que fere — respondeu Shalom. — Dói ser odiado pelo meu próprio povo, mas isso é muito melhor que a alternativa.

Joe cuspiu.

— Foi mal, é um hábito muito desagradável, vou parar. Não, falando sério, preciso parar com essas cusparadas. Eu admiro isso de você não precisar de aplausos. Estou aprendendo com você, porco. Preciso viver sem ligar para a opinião dos outros.

Comecei a ficar nervosa, e pude ver que Tom também ficava, porque, ao mesmo tempo que era verdade o fato de essas pessoas não quererem nem conversa com Shalom, a carne do meu peito e a reputação de Tom como sendo uma delícia no pão de centeio com certeza faziam parte do cardápio israelense.

Comecei a suar.

Parecia que estávamos só indo de muro em muro. Por sorte, pelo menos por enquanto, Shalom criava um tipo de escudo de força *treif* à nossa volta e ninguém se aproximava. Sinceramente, eu não sabia como ele ia conseguir viver assim pelo resto da vida. E, ainda que o asco universal estivesse nos mantendo a salvo no momento, dava para ver que o coração suíno de Shalom ia se partindo lentamente.

Cada vez mais pessoas começavam a lançar olhares hostis em direção ao porco. Tive o mau pressentimento de que seria muito difícil elas deixarem Shalom chegar perto do Santo dos Santos. Em resposta aos olhares malignos que lhe eram direcionados, a réplica preferida de Shalom era "dá uma mordidinha aqui" ou "eu tenho gosto de frango", e isso o divertia imensamente.

Conforme cruzávamos o mercado, ou "*souk*", eu sentia a indignação crescendo de forma tão palpável como quando você sente que uma tempestade está chegando pela mudança no vento do deserto.

Alguns dos amigos de longa data de Joe foram até ele e cutucaram sua corcova. Ficou evidente que não viam o eremita do deserto havia muito tempo.

— Vou ficar aqui e contar a esses caras sobre minha conversão. O Monte do Templo fica naquela direção e o Muro das Lamentações é logo ali.

— Para o Muro das Lamentações! — gritou Shalom.

Joe se virou para nós e sussurrou:

— Ih, essa deve ter sido a gota d'água.

O caminho sem volta. Um homem do outro lado da rua gritou:

— Porco! Demônio! Não se atreva a chegar perto do Muro das Lamentações!

Aparentemente, os porcos eram associados a demônios na antiga tradição. Talvez os cascos fendidos? Sei lá, mas logo uma turba crescente avançava em nossa direção.

— Jesus… — murmurou Tom.

— Palavra errada — disse Joe. — Vamos dar o fora daqui!

E todos nos viramos para a direção da qual tínhamos vindo. E corremos para o deserto.

42

O CAMELO PRÊMIO NOBEL

— Para o avião — gritou Tom. — Vamos dar no pé!

Quatro pernas são mais rápidas que duas, e conseguimos manter distância à frente da turba enfurecida, mas, quando Joe nos levou de volta à fenda no muro, aquele mesmo grupo de apedrejadores estava à espreita do outro lado, a uma curta distância, só que havia triplicado de tamanho e sido reforçado pela presença de alguns adultos. Naquele momento nos vimos prestes a ficar presos entre os dois lados.

Os muçulmanos recomeçaram o apedrejamento, e os judeus, do outro lado, achando que estavam sendo atacados, revidaram com pedras também. Infelizmente, a maioria delas, atiradas por ambos os grupos, caíam perto de nós. Foi a vez de Tom me dizer:

— Foi bom conhecer você.

Por ora, Joe estava conseguindo nos proteger do fuzilamento com o corpo e a corcova, mas algumas das pedras que o acertavam o feriam, e o sangue começou a escorrer. Joe olhou para mim, os olhos tão esbugalhados quanto os meus, e falou:

— É boa a sensação de estar do lado do bem agora. O bem é bom. — Ele sorriu e se virou para Shalom. — O que quer que eu diga nos próximos

minutos, não leve para o lado pessoal. O pessoal é político e o fim justifica os meios. Viva os trabalhadores!

Joe se empertigou. Eu não fazia a menor ideia do que ele tinha em mente. Mas se virou para nós uma última vez.

— Ah, e quando eu disser "corram", é melhor vocês correrem como se seus rabos estivessem pegando fogo.

Joe berrou:

— Qual é o problema de vocês, pessoas?

Embora elas não conseguissem entender o que ele dizia, há algo nos animais enfurecidos que até o humano menos inteligente, mais preconceituoso e mais nacionalista consegue intuir.

— Vocês aí, judeus, dentro da cerca! — E então se virou. — Vocês aí, muçulmanos, do lado de fora da cerca, por que jogar pedras? Vocês concordam em muito mais coisas do que discordam, mas não conseguem enxergar seus pontos em comum. Ambos adoram o mesmo deus e ambos odeiam o mesmo porco!

As pedras passaram a voar num ritmo mais lento.

— Se vocês não conseguem se unir no amor, unam-se no ódio hoje, contra um inimigo comum, juntem-se numa confraria de ódio ao porco!

— Como é que é? — Shalom murmurou.

Joe piscou o olho e cuspiu na cara dele.

— Opa, foi mal.

Um muçulmano gritou:

— Formou! Vocês aí, judeus, odeiam esse porco?

— Não suportamos esse bicho — respondeu o judeu de aparência mais ameaçadora. — E quanto a vocês, muçulmanos, detestam os suínos?

— Eles fedem — disse o muçulmano.

— Eles são estúpidos, preguiçosos e gordos — falou o judeu.

Um muçulmano jogou uma pedra, que acertou Shalom. Joe nos conteve com o olhar.

— Ainda não — disse.

Um descendente de braço forte do Rei Davi e de Sandy Koufax lançou uma pedra em Shalom com um estilingue, e ele foi atingido novamente. Joe gritou:

— Esse é o espírito! Não ataquem uns aos outros, ataquem o porco! O homem não é o problema! O porco é que é!

— Acho que não gosto mais de você — ironizou Shalom, visivelmente abalado. — E você não era um bom modelo. Não parecia que estava fumando de verdade. Só digo isso.

A essa altura o grupo de judeus havia passado pela cerca e sido recebido pelo grupo de árabes que circulava em sua direção, nos permitindo uma fresta momentânea de luz do sol, o suficiente para que vislumbrássemos uma rota de fuga. Mas um olhar de Joe nos ordenou a esperar. Por incrível que pareça, ao invés de brigar, os árabes e os judeus se cumprimentaram com apertos de mão hesitantes e se deram tapinhas nas costas, xingando Shalom no processo. Um homem de *keffiyeh* e outro de quipá deram os braços.

— Matem o porco — gritaram em uníssono.

Eles juntaram forças em uma só massa em nosso encalço, mirando seus projéteis em nós. A maioria errava o alvo, mas uma pedra me acertou bem no rabo. Esses homem podiam até ser bastante dedicados a seu deus, mas felizmente sua mira era péssima. O problema é que chegavam cada vez mais perto. Distantes uns trinta metros agora. E o deserto estava cheio de pedras com bordas afiadas. Eles tinham munição infinita.

— Agora — disse Joe.

— Agora o que, Einstein? — perguntou Shalom.

— CORRAAAAAMMM!

E nós corremos. Corremos como cavalos, como guepardos, como o vento. Corremos e não olhamos para trás. Não sei dizer quando a turba desistiu da perseguição, deve ter sido em algum lugar no deserto. Sabíamos

que bípedes não conseguiriam nos alcançar, mas não queríamos correr riscos. Corremos como se nossos rabos estivessem pegando fogo durante todo o percurso até o Aeroporto Ben Gurion.

43

MOHAMMED'S RADIO
(*ver* Zevon, Warren)

Por sorte, nosso pequeno avião ainda estava no canto recuado da pista onde o havíamos camuflado, e conseguimos correr até ele e embarcar sem contratempos. Tom decolou em poucos segundos como um profissional e fez uma rolagem acentuada para a esquerda enquanto Shalom olhava para baixo, para o país que achou que seria sua salvação.

(Uma nota da minha editora aqui. Ela me pediu para eliminar "todo esse lance de religião" porque as pessoas levam muito a sério esses assuntos. Na qualidade de vaca, não consigo entender isso, mas definitivamente não quero ofender ninguém. Eu já disse a vocês que a Mãe Terra é nosso deus, e a única coisa que ofende nosso deus é lixo e poluição, e não palavras, nem ilustrações, nem piadas. Eu simpatizo totalmente com a adoração a Deus em termos abstratos. O amor a Deus e à vida é tão natural quanto a força que mantém os planetas em sua dança. Mas estou contando a vocês a história do que aconteceu, a minha história. E não posso deixar nada de fora. Minha editora disse assim: "Docinho, não há a menor chance de Hollywood fazer um filme sobre um porco judeu em Israel sendo apedrejado por muçulmanos. Muito controverso. Muito nicho. Muito *indie*. Temos de

pensar num filme para ser sucesso de bilheteria. Não um filme tipo Sony Classics. Será que o porco não poderia ir para Nova York, sabe, e conhecer uma garota? Meio que uma mistura de *Babe* e *Casamento grego*?"

Acho que ele até poderia, mas não seria a verdade, entende? E eu com certeza não gostaria de ver, muito menos de escrever, uma cena de amor de comédia romântica entre Shalom e a garota de seus sonhos que ele conhece nas ruas do Soho debaixo de chuva.)

Enfim, como estávamos viajando em — tá, como tínhamos roubado — um desses jatinhos particulares, havia uma tela do Deus Caixa em cada encosto de banco (chique), e nela passava a programação ao vivo da televisão.

Depois de já termos comido um bocado de nozes e castanhas quentinhas e tomado uns drinques bem gelados, começamos a assistir ao jornal, pois estavam dando notícias de última hora do Oriente Médio.

Aparentemente, Joe e Shalom haviam inspirado aquele pequeno grupo de árabes e judeus, só um punhado deles, na verdade, para além da união pelo ódio, e agora os dois lados estavam dialogando novamente, com rumores de fraternidade se disseminando pela região. Quem sabe, hoje eles se unem por um ódio compartilhado, talvez amanhã apenas se unam. Era só o começo, mas porque não havia outras notícias interessantes no mundo, as redes de televisão davam um enorme destaque para aquilo. Mostraram uma foto de modelo de Joe na CNN com a legenda "Modelo Misterioso Promove a Paz". A rede MSNBC mostrou uma foto de Shalom com a legenda "Suíno Salvador".

— Você é famoso — falei jocosamente para o porco da paz.

— Pois é, quem diria. — Shalom suspirou profundamente. — Não sei se conseguiria viver lá mesmo, não sei se sou *mensch* o bastante para passar o resto da vida vagando por aquela terra como Caim. Acho que talvez goste demais de ser amado.

— Bem, eu amo você — falei. — Seu porco porcalhildo.

Shalom conseguiu abrir um sorrisinho. Depois de alguns segundos, acrescentou:

— Acho que eles são todos *meshuga*.

E então olhou pela janela, para baixo, para o deserto esverdeado onde havia fantasiado que encontraria segurança e felicidade. Mais uma vez, era um porco sem pátria.

44

MUMBAI, MON AMOUR

Depois de uma hora de voo, o "comandante" falou pelo sistema de som.

— Senhoras e senhores, aqui quem fala é o comandante. Estamos viajando em velocidade de cruzeiro a trinta mil pés num céu de brigadeiro, com ventos fracos soprando de leste a cinco nós. A previsão é de um voo sem turbulência. Em mais ou menos sete horas chegaremos a nosso destino final, eu disse *final*. — Fez uma pausa dramática. — Mumbai, Índia.

Mumbai, a maior cidade da Índia, com mais de 20 milhões de habitantes, antigamente chamada de Bombaim, também conhecida como Kakamuchee ou Galajunkja. A repetição desses nomes mágicos e exóticos na minha cabeça soou como uma canção de ninar. Mumbai vulgo Kakamuchee vulgo Galajunkja. Fechei os olhos e dormi o sono mais profundo dos últimos anos. A última vez que dormi assim foi quando ainda era bezerra e tirava sonecas ao lado da minha mãe.

Quando acordei, já estávamos no procedimento de descida para o Aeroporto Internacional de Chhatrapati Shivaji, sobrevoando o mar da Arábia. Agora foi minha vez de olhar pela janela para minha terra prometida. Pude ver algumas das sete ilhas que constituem Mumbai. Da minha janela, já era possível ver que se tratava de uma terra de contrastes,

favelas dando lugar a prédios e arranha-céus novinhos e reluzentes. Parecia ao mesmo tempo uma visão do passado e uma visão do futuro — uma contradição viva. Acho que nunca tinha visto tanta riqueza e tanta pobreza, tanta miséria e tanta beleza. Comecei a ficar um pouco nervosa quando pairamos perto do solo.

O trem de pouso tocou a pista e procedemos à nossa fuga habitual pela parte de trás do aeroporto. Estávamos ficando muito bons nisso. Começamos a andar em direção ao lugar onde presumimos que as pessoas morassem, o que não foi difícil porque parecia que as pessoas moravam por toda parte aqui, como sementes de dente-de-leão espalhadas pelo vento quente e denso. O país pulsava com vida, uma vida difícil, mas repleta de cores. Casas caindo aos pedaços, que davam a impressão de que seriam levadas pela próxima chuva de monção, espremidas entre outras casas caindo aos pedaços, que pareciam ter sido levadas até ali pela chuva de monção anterior. Algumas ruas pavimentadas, mas, com quase a mesma frequência, trilhas de terra ou de lama, o que, devo admitir, eu preferia. Era uma delícia sentir a terra sob meus pés, e Shalom adorava uma lama, claro. Tudo era um enorme contraste aqui, a começar pela terra marrom sobreposta pelas cores fluorescentes que as pessoas escolhiam para suas roupas esvoaçantes. Tom observava algumas aves estranhas, de cores vivas, e que ele nunca tinha visto, com interesse especial em uma delas.

Ele disse:

— Minha nossa, seria aquilo um *Pavo cristatus*?

— Um pava o quê? — perguntei.

— O pavão-indiano. A ave nacional da Índia. Fabulosa. Da melhor estirpe. Uma verdadeira celebridade. Mas nenhuma fêmea no planeta consegue resistir a um jatinho particular. Observem e vejam o mestre em ação.

Ele foi gingando até uma ave linda e vaidosa, e abriu com:

— Por acaso seus pais são alienígenas? Porque, sério, garota, você é

praticamente de outro mundo.

A pavoa grasniu, virou a cauda e saiu andando toda empertigada. Um balde de água fria. Pobre Tom, ele até conseguia voar agora, mas ainda era um peru com as garotas. Para disfarçar, fez uma pausa, e então gritou para a pavoa:

— Eu te ligo! — E voltou para onde Shalom e eu estávamos. — Peguei o número dela — mentiu. — Air Turquia a todo vapor.

Quando nos aproximávamos de Dharavi, uma das maiores favelas de Mumbai e uma das áreas mais densamente povoadas do mundo, comecei a me questionar — e se tudo tivesse sido uma grande mentira? Para onde quer que eu olhasse, as pessoas pareciam estar em pior situação que os animais, e os animais eram tratados de um jeito pior que nos Estados Unidos. Até os cachorros. Cães! O melhor amigo do homem? Eles tinham uma aparência esquálida, sarnenta e abatida, e ninguém fazia carinho em nenhum dos pobres coitados. E se as vacas não fossem veneradas neste país? E se eles usassem e abusassem de nós e nos comessem como nos Estados Unidos? Teria sido eu uma tola? Será que iria morrer a milhares de quilômetros de casa e meus ossos nunca seriam enterrados com os de meus ancestrais?



"Era verdade. Era tudo verdade. Eu era uma rainha."

A primeira indicação surgiu quando tentamos atravessar um cruzamento apinhado de veículos. Fiquei ali parada esperando o sinal fechar, com muito medo dos carros, das motos, dos ônibus elétricos, dos autorriquixás, e dos táxis pretos e amarelos que se deslocavam de forma mais desvairada que nos Estados Unidos. Botei um casco hesitante na rua e, de repente, o tráfego que vinha na minha direção parou como se eu estivesse com uma varinha do Deus Caixa na mão e tivesse acabado de pausar o mundo. Ergui

o olhar para o sinal para ver se havia fechado, mas não. Olhei nos olhos dos motoristas dentro dos carros, e eles me fitavam com uma mistura de amor, reverência e paciência. Ordenei que Shalom e Tom pulassem nas minhas costas. (Tinha retomado meu andar em quatro patas — aqui eu podia ser vaca!) Comecei a atravessar a rua. Nenhum carro buzinou impaciente, e eles esperaram que eu chegasse em segurança ao outro lado antes de voltar a andar.

Um homem sujo e maltrapilho se aproximou de mim e encostou a testa na minha, me acariciou, murmurando algo carinhosamente, e continuou em seu caminho. Isso aconteceria centenas de vezes nos dias que se seguiram. Era verdade. Era tudo verdade. Eu era uma rainha.

45

ELSIE SINGH

Eu podia ir aonde bem entendesse, e ninguém ousava encostar no porco nem no peru enquanto estivessem no meu lombo. Pessoas me davam doces, e açúcar, que eu nunca tinha comido — era tudo delicioso. Com a fala mansa, os mumbaikars falavam comigo em hindi e bambaiya. Eu levava Shalom e Tom nos ombros enquanto visitávamos a cidade. Vimos templos e arranha-céus; vimos a bela estação Vitória, que já mudou de nome, mas que ainda é símbolo da opressão colonial.

— É isso aí! — Shalom falou. — Tiramos a sorte grande. Esse país é bovinocêntrico. Somos deuses de ouro!

Uma garotinha veio até mim com tintas de dedo e pintou meu rosto com cores vivas, me maquiando para que eu parecesse a mais bela estrela de cinema de Bollywood. Precisei conferir se meu coração ainda batia porque tinha certeza de que havia morrido e ido para o céu.

Devorávamos doces feitos de arroz e leite, e nos designavam os lugares mais macios para deitar e dormir. Até os mais pobres, que nada possuíam, nos davam um pouco desse nada. Eu nunca tinha visto tanta pobreza, e tudo isso na cidade com a sexta maior concentração de bilionários no mundo. E, mesmo assim, o que os pobres tinham, eles compartilhavam

comigo, mesmo não compartilhando uns com os outros. Humanos podem ser generosos, embora não tão frequentemente com outros seres humanos.

Eu não tinha um lugar para ir, nenhum lugar em que precisasse estar. Só perambulava a esmo. Não precisava procurar um lar, porque onde quer que eu parasse ou onde quer que me deitasse, ali era meu lar. Este era verdadeira e literalmente meu país. Toda vez que olhava nos lindos olhos castanhos das pessoas, via meu próprio reflexo.

Passei meses assim, ou terão sido anos? Foi como naquele episódio dos lotófagos na *Odisseia* de Homero. Nós três — comendo, dormindo, comendo, dormindo, sendo venerados. Shalom havia engordado dez quilos durante nossa estada lá. Tom finalmente se parecia com um peru na véspera do Dia de Ação de Graças, carnudo e suculento. Era boa a sensação de ser venerada, muito parecida com a de ser amada, embora não exatamente, não exatamente. Era como uma refeição deliciosa e abundante que deixava você um tanto atordoado e meio lesado depois. Shalom dizia com frequência:

— Que *mitzvah*! Estou mais feliz que porco na lama.

46

A DEUSA DE CHOWPATTY

Passamos a frequentar um lugar muito maneiro no mar da Arábia chamado praia de Chowpatty. Tinha uma faixa larga de areia e uma aura festiva à noite. Shalom ficou bem queimado, um bronzeado tipo Bain de Soleil, e dizia:

— Miami Mi-shmami. Quem precisa da Flah-rida?

Tom aprendeu a nadar. Hoje ele sabe voar, sabe nadar. E dizia:

— Eu podia muito bem ser um pato. Eu podia ser um pato aprisionado no corpo de um peru.

Vivíamos sonolentos e entorpecidos pelo ócio.

Numa tarde ensolarada, idêntica a todas as outras tardes ensolaradas, avistei um rebanho de vacas indianas andando vagarosamente. Meu povo. Eu não tinha me dado conta do quanto estava necessitada de companhia bovina, de seu toque, seu cheiro, o som de seu mugido. Sem querer ofender os porcos e as aves, mas existem coisas com vibrações familiares que você só encontra nos seus, e que são necessárias de tempos em tempos. Parti trotando para dizer oi.

— Oi, vacas; vacas, oi. Meus cumprimentos e saudações. É tão bom…

— Quem é você?

Aquilo me pegou de surpresa. Ela falou com um tom que eu nunca tinha ouvido numa vaca. Arrogante, desdenhoso, frio. Quase humano.

— Meu nome é Elsie Q — falei. — Venho da América do Norte. — Nenhuma das vacas se mexeu para me cumprimentar nem para me farejar. — Esses são meus amigos Shalom e Tom…

— Somos vacas sagradas — disse a matriarca. — Somos as deusas Prithvi, somos Kamadhenu, somos a fonte de tudo o que é abundante, de tudo o que é bom. O leite para a criança, o adubo para a plantação.

— Beleza! — exclamou Shalom. — Prazer em conhecer você, Katmandu. Katnis. Posso te chamar de "Kat"?

— Kamadhenu.

— Eluhenu.

— Ka-ma-dhe-nu.

— *You say Kamadhenu, I say Eluhenu. Potayto, potahto, kamadhenu, eluhenu. Let's call the whole thing off.* — [Ver Gershwin, George e Gershwin, Ira.]

Silêncio.

— Nossa, que plateia difícil.

Reparei que algumas das vacas davam risadinhas sem motivo e ficavam olhando fixo para coisas aparentemente mundanas, como um montinho de terra, ou seus próprios cascos, ou simplesmente olhando para o nada e sorrindo de um jeito estranho. Pareciam tão amigáveis que Shalom e Tom saltaram do meu lombo e foram até lá falar com elas. Por alguns instantes, perdi o contato com meus companheiros de viagem. O que foi um erro.

— O que é tão engraçado? — perguntei àquele grupo.

— Somos as vacas tontas — disse uma delas, com o jeito cadenciado de falar normalmente associado aos surfistas californianos.

Acho que a cultura praieira descontraída é a mesma no mundo todo.

— Qual é, penoso? Qual é, gorducho?

Duas das vacas tontas ficaram fascinadas pelo monco de Tom, o pedaço

de carne balançante perto do pescoço. Tom não gostava muito daquela parte de sua anatomia, achava que o fazia parecer gordo.

— Dá uma olhada nessa pele doida debaixo do queixo desse cara, *flapa dapa dapa*.

As vacas tontas começaram a puxar e a acariciar o monco de Tom.

— Cara, parece borracha esburacada. Tá me dando o maior nervoso.

Uma dessas vacas ofereceu algo comestível para Tom e Shalom, algo que não consegui identificar. Era pequeno e marrom, como um botão. Ambos engoliram aquilo. Voltei novamente a atenção para a matriarca. Os olhos dela encontraram os meus de um jeito impassível.

— Por que você tem porcos e aves como companhia? — perguntou ela.

— Porque eles são meus amigos.

— Vacas indianas só têm outras vacas indianas como amigas. Nós somos deusas. Apenas nós, vacas, somos sagradas, não podemos nos rebaixar a ponto de nos associar a reles animais como esses. Você coloca em risco toda a hierarquia com seu comportamento.

Ela bebia por um canudo uma substância bem colorida e adocicada, com um guarda-chuvinha de madeira pendurado na lateral do copo, enquanto seus cascos eram polidos por uma garotinha.

Ela e algumas das outras vacas usavam joias de metal no pescoço e tinham lindas faixas de seda amarradas a elas. Estavam deslumbrantes, pareciam estrelas de cinema. Mas, mesmo a matriarca sendo minha mana de outras paragens, antipatizei com ela de cara.

— Não sou deusa, sou animal, somos todos animais, exatamente como os porcos, as aves, até como os seres humanos.

— Heresia! — exclamou a matriarca. Houve muita consternação e mugidos do restante das vacas. — Você ameaça nossa posição. Se mostrar para os humanos que somos animais, eles vão começar a nos tratar como animais, e nos comer como animais, da mesma forma que fazem no seu maldito país.

— Mas isso não está certo — falei. — Não está certo e não é justo.

Reparei que Shalom exibia um sorriso enorme no rosto e olhava fixamente para o sabugo de seu casco como se fosse a coisa mais fascinante do mundo. Enquanto isso, Tom batia as asas rodando em círculos como um dançarino de *break dance*, tirando onda e mostrando para as vacas tontas seu monco balançante.

— Justo? — perguntou a matriarca. — Olhe à sua volta, onde você vê "justo"? Quem disse a você que a vida seria "justa"? Sua mamãe? Você fala como uma bezerrinha. Cresça, vaca. Você é uma deusa, aja como uma ou será desprezada por nós, deusas.

— Eu não sou deusa — falei.

— Ela é, é, sim, é deusa — disse Shalom. — Ela está só brincando, está de brincadeira, ela gosta de brincar, é tão deusa que você nem ia acreditar.

E então, sem razão aparente, ele irrompeu numa interpretação exagerada da música "The Greatest Love of All", de Whitney Houston. Shalom tinha uma voz bastante boa para um porco, mas, mesmo assim, aquilo foi esquisito.

— O que deu em vocês? — perguntei.

— Esses cogumelos que brotam do cocô de vaca têm gosto bom — anunciou Tom, e em seguida começou a cantar "Born to Be Alive", um clássico da discoteca de Patrick Hernandez.

Ele não tinha uma voz muito boa, nem para um peru. Mas era bem ritmado, reproduzindo, com as coxas, aquela batida dos anos setenta. As vacas tontas ficaram hipnotizadas pela forma como seu monco vibrava enquanto ele cantava.

— Cogumelos psilocibina — disse a matriarca. — Alteram a consciência e só brotam no nosso esterco, o que é mais uma razão pela qual somos consideradas sagradas pelos seres humanos. Nós nutrimos seus corpos com nosso leite, nosso esterco é usado como fertilizante em suas plantações, e como combustível, e ainda alteramos seu estado de consciência com nossos

cogumelos.

(Minha editora me ligou e disse que está em cima do muro com relação a essa parte dos cogumelos psilocibina.

— Os pais vão gostar porque vai fazer com que se lembrem dos anos sessenta — disse ela —, mas depois vão ficar nervosos achando que seus filhos estão sendo introduzidos no mundo dessas substâncias por animais falantes.

— Da mesma forma que meu amigo Joe, o camelo, um rostinho bonito daqueles de desenho animado, foi recrutado para promover a substância nociva conhecida como tabaco? — perguntei.

— Ah, Elsie. — Ela suspirou. — Acho que um animal grande precisa de um palanque à altura; você sabe que eu amo você, tudo o que peço é que se pergunte sempre: isso daria um filme para bater recordes de bilheteria? Perdão, estão me ligando no outro telefone, é um cavalo, neto do Mister Ed, o Ruffian, que escreveu uma história de excesso e redenção repleta de revelações bombásticas. Até mais tarde, querida.)

— Estou vendo cores — disse Shalom. — Cores que não têm nome.

— Somos todos um, gente — Tom entoou. — Alguém me toque. Não, não me toquem. Anime-se, *mamma* vaca, vamos falar peruês, ei, um passo atrás, vou me beijar.

— Azurelo. Azurelo. Azurelo — falou Shalom. — Azul e amarelo juntos, essa é uma cor que precisa de um nome. Acabei de inventar.

— Estou voando de novo. — Tom cantarolou como Peter Pan. — Você me pegou cambaleando em linha reta, buu.

— Diga ao leitão e ao franguinho para calarem a boca, pois me recuso a me dirigir a eles.

— Não vou pedir aos meus amigos que calem a boca.

— Você é hindu? — perguntou ela.

— Não.

— Muçulmana? Zoroastrista? Jainista? Budista? Judia? Sikh? Parse?

Cristã? Praticante de alguma outra religião?

— Para mim é tudo a mesma coisa.

— Interessante — disse Shalom. — Eu era judeu, mas agora tenho de admitir que sou hindu. Vocês são hindus, certo? Acabei de me converter. Sou hindu como ninguém…

Ele arrancou a quipá da cabeça e a lançou como se fosse um *frisbee*, e tentou fazer com que uma das vacas lhe emprestasse um bindi para colocar na testa. E começou a cantar:

— Será que, será que um irmão pode ganhar um bindi? Pode um hindi ganhar um bindi?

— Eu era turco — disse Tom —, mas agora sou… estou… voando tãããão alto…

A matriarca balançou a cabeça com desdém.

— Então agora é com você, vaca norte-americana. Você é deusa ou animal? Pense antes de responder, pois vamos expulsá-la do nosso círculo se sua resposta não for do nosso agrado.

— Sou uma vaca — falei.

— Você não respondeu à minha pergunta — a matriarca continuou. — Decida. Eu perguntei se você era deusa ou animal.

— Sou as duas coisas — falei.

— Escolha uma — insistiu ela. — Escolha uma ou não escolha nada.

— Sou um animal — escolhi. — Nem mais, nem menos.

— Vocês estão estragando o clima com toda essa vibração negativa — disse Tom, baixinho.

— Azurelo — murmurou Shalom.

Falei de novo, bem devagar, dando bastante ênfase:

— Eu. Sou. Um. Animal.

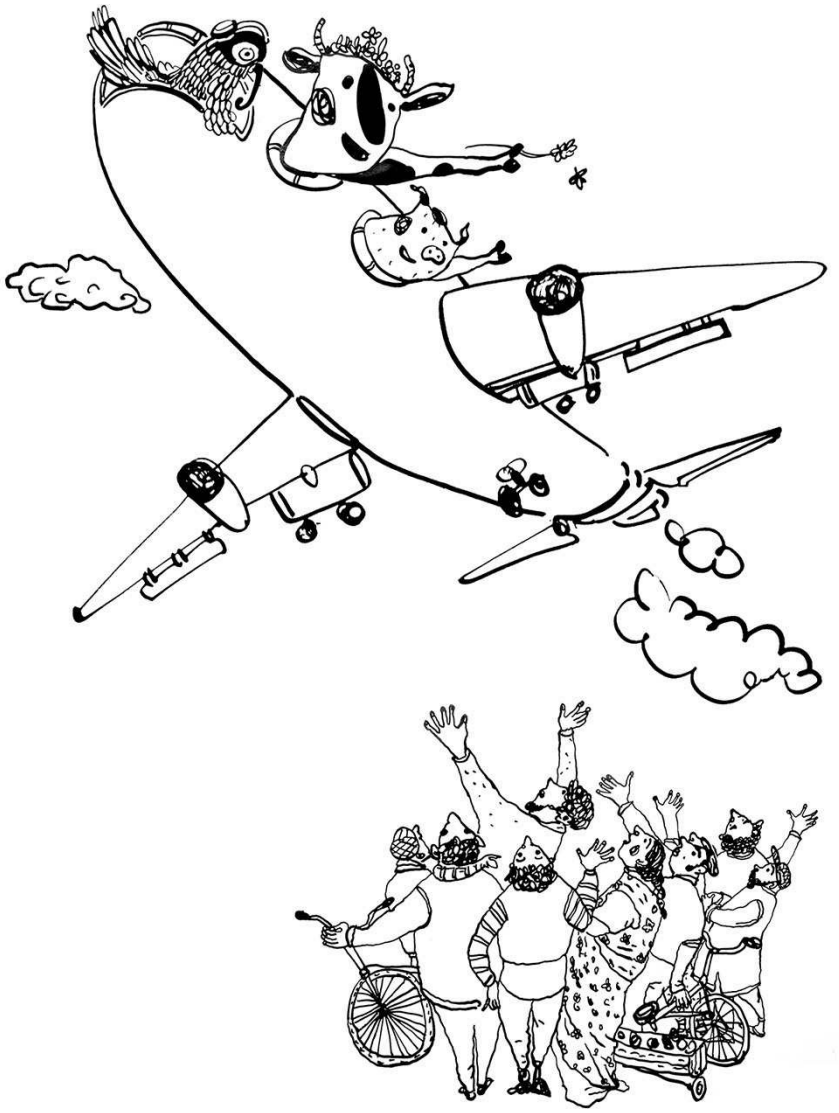
47

VOLTANDO PARA CASA

Demorou umas doze horas para que Shalom e Tom retornassem do mundo da lua. Mas essa é a questão, não se pode ficar fora do ar para sempre. O que sobe tem de descer. Eu havia passado um bom tempo sonhando com a Índia, é verdade. Mas não estou chateada pelo fato de tudo na Índia ter acontecido de forma diferente do que eu havia imaginado, de no fim não ter correspondido à Índia dos meus sonhos. Se eu não tivesse idealizado uma Índia, nunca teria ido a lugar algum, nunca teria vivenciado nenhuma aventura. Então acho que não é tão importante assim que os sonhos se realizem, o importante é ter um sonho, algo que nos faça dar o primeiro passo.

Eu ditei este livro de memórias num local secreto (Jamaica) e estou voltando para casa para o lançamento dele. Estamos todos voando de volta.

Tom vai tentar ser piloto, oficialmente, enquanto faz de tudo para conseguir do presidente Obama um indulto presidencial para o próximo Dia de Ação de Graças. Ele também está fazendo campanha para que o Tofurky substitua o peru como prato principal no jantar desse dia. É um tiro no escuro, mas, aparentemente, a primeira-dama, Michelle, está do seu lado.



"Estamos todos voando de volta."

Shalom e Joe estão concorrendo ao Prêmio Nobel da Paz pelo trabalho que realizaram no Oriente Médio, e têm grandes chances de ganhar. Mas primeiro pode ser que Shalom tenha de passar algumas semanas numa clínica de recuperação para se livrar de sua recente inclinação para substâncias psicodélicas.

Quanto a mim? Quero que todos fiquem cientes da minha jornada. Quero que vocês, meninos e meninas, homens e mulheres, fauna e aves, aprendam o que aprendi — que não é certo ser odiado, nem é certo ser venerado. Não somos deuses e deusas, nem demônios e bestas. Sei que na

natureza o que vale é a lei do mais forte. Não culpo Lobosheim por tentar nos comer; isso é da natureza dele, é o que precisa fazer para sobreviver. E sei que uma vida como a que Mallory leva pode ser digna e respeitável, que você pode passar muitos anos numa fazenda, ter filhotes e depois ser sacrificado para servir de alimento para alguém. Há uma beleza simples e circular nisso. Como todas as vacas, sou vegetariana, mas não sou ingênua o suficiente para pedir a um tigre que se abstenha de carne para comer broto de feijão. Somos todos animais e temos nosso lugar no ventre da Mãe Natureza. Só os humanos se separaram da grande cadeia do ser e de todos os outros animais, em prejuízo de si próprios, acho. E, infelizmente, de nós.

Não consigo ser mais uma no rebanho. Quero ser ouvida.

48

E AGORA, VACA?

Esta é minha religião — somos todos animais perfeitos criados à imagem e imaginação infinitas da natureza. É uma vida de dor, competição e sofrimento, mas pode ser de dignidade e respeito. Não sei o que me aguarda quando Tom pousar o avião no aeroporto JFK. Uma recepção de heroína? A lista dos livros mais vendidos? Hollywood? O abatedouro? Engraçado, depois disso tudo, tenho pensado na Mallory e em que talvez eu venha a querer ter um filho. Alguns anos no pasto com filhotes me parece o paraíso agora. Mas não posso. Ainda não. Me foi dada a oportunidade de contar uma história, e é minha responsabilidade fazê-lo. Não conseguiria conviver comigo mesma se não o fizesse.

Vou pousar a qualquer momento e espalhar essa mensagem.

Olhe para o céu.

É um pássaro, é um avião?

Não, são três párias: uma vaca, um porco e um peru. E estamos voltando para você. Temos uma mensagem para você.

Você, eu, os animais na natureza, os animais a seus pés, os animais em seu prato, a pessoa ao seu lado...

Somos todos um só.

Somos todos vacas sagradas.
Muu.

POR E. BOVARY COMO TRANSMITIDO A
D. DUCHOVNY (*COW*-AUTOR)

UMA NOTA DO *COW*-AUTOR

Chegou ao meu conhecimento o comentário de que certos aspectos da história de Elsie são inverossímeis: que nossos heróis conseguiriam de fato se fazer passar por seres humanos ao percorrerem o mundo; que Shalom conseguiria de fato encontrar um *mohel* disposto a fazer sua mágica num porco; que Elsie poderia ser uma vaca leiteira antes de dar à luz; e, talvez o aspecto mais duvidoso de todos, que os três voos intercontinentais estariam confirmados para decolar no horário previsto. Eu conheço Elsie; talvez ela seja dada a floreios como qualquer bom contador de histórias, talvez para legitimar mentiras como qualquer bom contador de histórias. Aprendi na escola a "confiar na história, não no autor", e pediria a você, caro leitor, que estendesse essa generosidade aos nossos amigos do reino animal.

DAVID DUCHOVNY

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Eleanor Chai por achar que isso poderia virar um livro e a Jonathan Galassi por lê-lo, acreditar nele e me ajudar a lhe dar forma. A Miranda Popkey por ser capaz de fazer mil perguntas sem em nenhum momento ser inoportuna. A Maria Dibattista, dos tempos de Princeton. À Disney e à Pixar por não considerarem esta história para um filme de animação e por me forçarem a escrevê-la como gente grande. Ainda que muitos anos depois. Meu cão, Blue, por ser o melhor cachorro do mundo. E. Meus filhos, que são minha plateia particular, constantemente dentro da minha cabeça. Tudo o que escrevo é para eles com base no que foram, no que são e no que serão.



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Holy Cow

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/542437ED551977

Sinopse do livro
http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29079

Wikipédia do autor:
https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Duchovny

Twitter do autor:
https://twitter.com/davidduchovny?lang=pt

Instagram do autor:
https://www.instagram.com/davidduchovny/

Facebook oficial do autor;
https://www.facebook.com/DavidDuchovnyOfficial

Entrevista com o autor:
http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,entrevista-david-duchovny-volta-a-viver-fox-mulder--de-arquivo-x--e-se-lanca-como-autor-de-f,1824073

Sobre o autor
http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=7791

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/8331566.David_Duchovny